

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL
Linha de Pesquisa 2: Redes Sociais e Vulnerabilidade

**Raça, Gênero e Sexualidade: uma perspectiva da
Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens
periféricos**

Leticia Ambrosio

São Carlos
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL
Linha de Pesquisa 2: Redes Sociais e Vulnerabilidade

Raça, Gênero e Sexualidade: uma perspectiva da Terapia Ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos

Leticia Ambrosio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos para
obtenção do título de mestre em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva

São Carlos
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Leticia Ambrosio, realizada em 17/02/2020:

Profa. Dra. Carla Regina Silva
UFSCar

Profa. Dra. Denise Dias Barros
USP

Profa. Dra. Flávia Liberman
UNIFESP

Profa. Dra. Thais Fernanda Leite Madeira
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Flávia Liberman e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Profa. Dra. Carla Regina Silva

Apoio

O presente trabalho foi desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
Código de financiamento 001

*Um sorriso negro,
um abraço negro
Traz felicidade.*

*Negro sem emprego,
fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade.*

*Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
negro é a solidão.*

*Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade.
(Sorriso Negro – Dona Ivone Lara)*

Dedico este trabalho a todos os jovens negros que morreram assassinados pela cor da sua pele. Dedico este trabalho a todas as jovens mulheres que morreram assassinadas por serem mulheres. Dedico este trabalho a todos os jovens LBGT+ que morreram assassinados por expressarem uma sexualidade ou gênero não hétero ou cishnormativo.

Dedico este trabalho aos seis jovens, negros, mulheres e LBGT+ que fizeram parte deste trabalho.

Agradecimentos

Ter tido a possibilidade de realizar este trabalho é de imensa gratidão.

À minha orientadora e amiga, Carla, agradeço por encarar este desafio comigo e acolher todas as minhas angústias e desesperos, com a sensibilidade e amor necessários para dar conta desta produção desafiadora, potente e sensível.

À minha amada e linda esposa, Clau, que suportou com doçura e amor os meus momentos mais difíceis. Com quem meu corpo compartilha e transborda afeto, luta e resistência. Com quem compartilho feminismos, negritudes e lesbianidades. Agradeço por tudo isso, e ainda por ter lido, corrigido e me apoiado em cada frase deste trabalho.

Agradeço a todas as mulheres pretas que encontrei por estes caminhos: Sofia, Flor, Fer, Dandara, Tarry, Tainá, Let, Vivi, Thais, e tantas outras, que me fortaleceram numa coletividade e ancestralidade compartilhada.

Agradeço meus pais e minha irmã, Lais, por sempre me apoiarem em minhas trajetórias acadêmicas, incentivando, desde pequena, o meu amor pela leitura e pela escrita.

Agradeço a equipe do projeto de extensão: Flor, Carlinha, Karol e Amanda, que ajudaram a tornar possível e real este campo.

Agradeço às minhas melhores amigas Lurian e Vitória, que desde a graduação compartilham comigo as angústias e as potências da profissão, e nunca se cansaram de ouvir as minhas longas e chatas argumentações teóricas. Agradeço às minhas amigas do AHTO, Marina, Isadora e Carol, que compartilham comigo o desejo de construções potentes e sensíveis para a Terapia Ocupacional.

Agradeço aos membros da minha banca de Qualificação e Defesa. Aos Prof. Valter Silverio e Prof.^a Beatriz Takeiti, por todas as contribuições dadas neste processo. Às Prof.^a Denise Barros, Prof.^a Thais Madeira e Prof.^a Flávia Liberman, por toda contribuição feita com tanto carinho e respeito durante a minha Defesa.

Por fim, agradeço à CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, por tornarem essa pesquisa possível e real.

Resumo

A construção social e simbólica das juventudes tem o corpo como território de existência, resistência, reprodução e transformação social, sendo o corpo juvenil a própria experimentação de potencialidades e um potente operador social e de enfrentamento das normatizações das instituições. Os percursos juvenis atuais estão marcados pelo alargamento social das possibilidades e também pelos agravantes das dificuldades globais: desigualdade, exclusão, pobreza, precarização de políticas, ações e serviços públicos, violência, entre outros fatores. Os marcadores identitários e culturais dos jovens se apresentam como fatores que influenciam diretamente suas sociabilidades: classe, raça, gênero e sexualidade. A fim de captar as pluralidades das juventudes, a presente pesquisa considera o corpo dos jovens periféricos como laboratório de experimentações, e se propõe a investigar expressões, ações, deslocamentos, comportamentos, ideias, desejos e sonhos. E com base em perspectivas anti-hegemônicas e decoloniais, que permitem elucidar questões em torno da raça, do gênero e das sexualidades que se apresentam nas corporeidades e nas sociabilidades juvenis. Pauta uma perspectiva na/para a Terapia Ocupacional em que caibam contextos sociais, culturais e econômicos e, para além disso, que caibam todos os atravessamentos identitários de corpos diversificados e considerados fora dos padrões hegemônicos. Utiliza uma perspectiva fenomenológica e crítica nos procedimentos metodológicos, priorizando as experiências dos próprios jovens e debatendo temáticas que emergem das corporeidades juvenis. Os resultados apresentam entrelaçamentos entre as questões raciais, de gênero e sexualidade e apontam para demandas emergentes na/para a Terapia Ocupacional frente às transformações sociais e os enfrentamentos das estruturas de opressão.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Juventudes; Corporeidade; Raça; Gênero; Sexualidade.

Resumen

La construcción social y simbólica de los jóvenes tiene al cuerpo como territorio de existencia, resistencia, reproducción y transformación social, siendo el cuerpo de la juventud su propia experimentación de potencialidades y un poderoso operador social y de enfrentamiento a las normas institucionales. Las trayectorias juveniles actuales están marcadas por la expansión social de posibilidades y también por el agravante de las dificultades globales: desigualdad, exclusión, pobreza, precariedad de las políticas públicas, acciones y servicios, violencia, entre otros factores. Los marcadores de la identidad y culturales de los jóvenes se presentan como factores que influyen directamente en su sociabilidad: clase, raza, género y sexualidad. Para capturar la pluralidad de jóvenes, la presente investigación considera el cuerpo de los jóvenes periféricos como un laboratorio para la experimentación, y propone abordar expresiones, acciones, desplazamientos, comportamientos, ideas, deseos y sueños. Y basado en perspectivas anti hegemónicas y decoloniales, que permiten aclarar cuestiones relacionadas con la raza, el género y las sexualidades que se presentan en las corporalidades y la sociabilidad de los jóvenes. Se basa en una perspectiva en/para la Terapia Ocupacional en que se ajustan los contextos sociales, culturales y económicos y, además, se ajusta a todas las intersecciones de identidad de cuerpos diversificados y considerados fuera de los estándares hegemónicos. Utiliza una perspectiva fenomenológica y crítica en los procedimientos metodológicos, prioriza las experiencias de los propios jóvenes y debate los temas que surgen de las corporalidades juveniles. Los resultados muestran el entrelazado entre cuestiones raciales, de género y sexualidad y apuntan a demandas emergentes en/para la Terapia Ocupacional frente a las transformaciones sociales y la confrontación de las estructuras de opresión.

Palabras clave: Terapia Ocupacional; Juventud; Corporeidad; Raza; Género; Sexualidad.

Abstract

The social and symbolic construction of youths has the body as a territory of existence, resistance, reproduction and social transformation. With the youth body being its own experimentation of potentialities and a powerful social operator and confront the institutional norms. The current youth trajectories are marked by the expansion of social possibilities and by the global difficulties: social inequality, exclusion, poverty, indigence, precarious public policies, violence, etc. The markers of identity and culture of young people are influence their sociability: class, race, gender and sexuality. For the purpose of to apprehend the pluralities of youth, this research considers the body of the suburb youngsters as a laboratory for experience, and proposes to investigate expressions, actions, displacements, behaviors, ideas, desires and dreams. To explain issues around race, gender and sexualities that appear in youth corporealities and sociabilities, based on anti-hegemonic and decolonial perspectives which make it possible. In based in a perspective in/for Occupational Therapy that considers social, cultural and economic contexts and all the intersections of diverse bodies out of hegemonic standards. It uses a phenomenological and critical perspective in methodological procedures, prioritizing the experiences of young people themselves and debating themes that emerge from youth corporealities. The results present intersections between racial, gender and sexuality issues and point to emerging demands in/for Occupational Therapy the face of social transformations and the confrontation of oppression structures.

Key-words: Occupational Therapy; Youth; Corporeality; Race; Gender; Sexuality.

Listas de Quadros, Figuras e Gráficos

Quadro 1: Oficinas oferecidas e número de participantes	26
Quadro 2: Atividades acompanhadas	34
Quadro 3: Caracterização dos jovens	43
Quadro 4: Atividades mapeadas	44
Quadro 5: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Kauani.	46
Quadro 6: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Caique.	46
Quadro 7: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Kauã.	47
Quadro 8: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Dandara.	47
Quadro 9: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Julia.	48
Quadro 10: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Everton.	48
Figura 1: Interseccionalidade: Classe, Raça, Gênero e Sexualidade	38
Gráfico 1: Relação entre gênero, atividades desenvolvidas e a renda média familiar ...	45

Lista de Imagens

Imagem 1: Cartaz de divulgação do Evento FEST 8.	31
Imagem 2: Obstáculo da pista de Skate montada na Estação Cidadania-Cultura.	39
Imagem 3: Corporeidades e capoeira. Foto do evento Fest 8.....	51
Imagem 4: Batalha de rimas.	79
Imagem 5: Atividades femininas? Foto do evento Fest 8	94
Imagem 6: Jovens mulheres na praça.	101
Imagem 7: Menina andando de skate.	116
Imagem 8: Jovens LGBT na praça.	121
Imagem 9: Um jovem negro skater.	133
Imagem 10: Visão geral da pista de Skate.....	134
Imagem 11: Menina que joga capoeira. Foto do evento Fest 8.....	138

Sumário

Resumo	7
Resumen	8
Abstract	9
1. Apresentações	14
1.1. Apresentação da pesquisadora	14
1.2. A pesquisa como laboratório para e das Juventudes	16
2. Objetivos	20
3. Percursos metodológicos	21
3.1. Uma escolha Qualitativa, Fenomenológica e Crítica	21
3.2. A descrição do campo	23
3.3. As entrevistas	32
3.4. As atividades dos jovens	33
3.5. Procedimentos Éticos	34
3.6. Análise dos resultados: estabelecendo conceitos	35
4. Resultados	39
4.1. Caracterização dos jovens	40
5. Juventudes e Corporeidades: conceitos orgânicos e mutáveis	51
5.1. Conceituando Juventudes	52
5.2. A corporeidade juvenil: deslocamentos de conceitos sobre o corpo	59
5.3. Terapia Ocupacional, Juventudes e Corpos: uma perspectiva sobre as identidades	65
5.4. A racialização do corpo do jovem negro	75
5.5. SER UM CORPO JOVEM, NEGRO E PERIFÉRICO	80
5.5.1. Kauã	81
5.5.2. Caique	83

5.6.	Representações do corpo do jovem negro _____	85
6.	Interseccionalidades: mulheres, mulheres negras _____	94
6.1.	A INTERSECÇÃO EM AÇÃO NOS CORPOS _____	102
6.1.1.	Dandara _____	103
6.1.2.	Julia _____	105
6.2.	Ser uma jovem mulher, ser uma mulher negra _____	107
7.	Audre lorde: por um feminismo negro que paute a sexualidade _____	116
7.1.	SEXUALIDADES INVISÍVEIS _____	122
7.1.1.	Kauani _____	123
7.1.2.	Everton _____	126
7.2.	Ser jovem e ... não ser heterossexual _____	128
8.	Considerações finais _____	134
8.1.	Continuidades e outras possibilidades _____	137
9.	Referências bibliográficas _____	139
10.	Apêndices _____	150
10.1.	Apêndice I _____	150
10.2.	Apêndice II _____	154
10.3.	Apêndice III _____	158
10.4.	Apêndice IV _____	162
10.5.	Apêndice V _____	164

1. APRESENTAÇÕES

1.1. Apresentação da pesquisadora

Como feministas negras e lésbicas nós sabemos que temos uma tarefa revolucionária muito bem definida para realizar e nós estamos prontas para a vida de trabalho e luta diante de nós.

¹*(The Combahee River Collective Statement, abril, 1977, tradução nossa)*

“Como uma feminista negra e lésbica, eu sei que tenho uma tarefa revolucionária muito bem definida a realizar, e estou pronta para a vida de trabalho e luta diante de mim”. A frase que marca o manifesto do coletivo de mulheres negras e lésbicas, *The Combahee River Collective Statement*, publicado em abril de 1977, me convida para a luta, com a certeza de que há muito a ser feito ainda.

Para apresentar essa pesquisa e os motivos que me trouxeram até aqui, se faz necessário que me apresente a priori. Nasci em uma família inter-racial, mãe negra e pai branco, de classe média e cristã conservadora.

A convivência com as famílias do meu pai e da minha mãe sempre foram um pouco confusas: de um lado, a família do meu pai era rica demais e branca demais para mim e, do outro, a família da minha mãe era pobre e negra demais. Não cabíamos bem, nem completamente em nenhuma delas.

Em questões de identidade e pertencimento, sempre me faltaram espaços para ser. Me faltaram espaços para compreender porque eu era preta e minha irmã era branca, e entendimento para me proteger quando me diziam que eu tinha um ‘pé na senzala’. Me faltaram espaços para compreender porque cabelos cacheados eram ruins, ‘pixaim’, duros, como me diziam, já que os cabelos da minha mãe eram lisos, como o da “bisa índia”, então, andava com ele sempre preso ou alisado.

¹ As Black feminists and Lesbians we know that we have a very definite revolutionary task to perform and we are ready for the lifetime of work and struggle before us. (The Combahee River Collective Statement, abril, 1977)

Me faltaram espaços para acreditar que meus olhos escuros eram bonitos perto de tantos olhos esverdeados, me faltaram espaços para ser negra, e me sobraram espaços para ser a preta, como se estivesse sempre em um não lugar.

A cor mais clara da minha pele, resultado da mistura genética dos meus pais, não me fazia clara o suficiente para ser branca, e nem escura o suficiente para ser negra. Aprendi, desde criança a responder que eu era parda, mesmo que não entendesse exatamente o que isso pudesse significar. Me reconheço nas palavras de Du Bois quando ele diz que:

É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destroe (DU BOIS, 1999, p. 54)

Essa sensação me acompanhou por boa parte da vida, inclusive no período escolar. Estudei em escolas públicas até o final da 8ª série e mudei para uma escola particular para cursar o Ensino Médio. Aos 15 anos de idade precisei aprender a lidar com situações de racismo pelas quais eu jamais havia passado nas escolas anteriores. Afinal, eu era a única mais escura de uma turma de 40, e provavelmente de uma série com quase 100 alunos. Nunca tive muitos amigos, talvez, nunca tenha tido nenhum. Mas, ser *nerd* e ter as melhores notas da turma me gerou companhia daqueles que precisavam de ajuda com qualquer que fosse a matéria.

Ainda no Ensino Médio, precisei lidar com outra questão que atravessava o meu corpo na época: a sexualidade. Criada numa família cristã e conservadora, não tinha tido a homossexualidade como uma possibilidade de ser. Não tinha exemplos na família ou na escola, e nem espaços para conversar sobre isso. Me escondi em mim mesma, e neguei por anos uma parte de mim que gritava por dentro.

Me isolei em vários espaços. Criei territórios de não lugar para a minha existência quando descobri meu primeiro amor por uma menina. E tive medo de muitas partes de mim.

O início da minha juventude também foi marcado pela falta de espaço para experimentações, para a liberdade, para a criação, para ser. Estudar oito horas por dia para

passar num vestibular e ‘ser alguém’, praticar exercícios físicos para se cuidar ‘como uma mulher’, me comportar e frequentar lugares adequados para que um dia me casasse com ‘um homem decente’. Fiz tudo isso. Me comportei como uma mulher, fiz coisas de mulher, namorei com um homem, fui agredida por ele também. E fui pra universidade tentar ser alguém.

E fui alguém: eu mesma. Me tornei terapeuta ocupacional, me tornei lésbica, me tornei negra. E posso afirmar que todas essas identidades me são por completo, e não me nego mais nenhuma parte de mim.

Na graduação me interessei por estudar e compreender o corpo a partir de bases filosóficas. Me interessei por artes, culturas e diversidades que nunca havia me interessado antes. Trabalhei em muitos projetos de extensão que desenvolviam ações voltadas para as atividades humanas, principalmente, tendo as juventudes como público, no Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, com minha atual orientadora, em equipes transdisciplinares.

Esses encontros não foram apenas teóricos e acadêmicos para a minha formação como terapeuta ocupacional. Foram de uma ressignificação ontológica do meu próprio ser, e se manifestaram e se manifestam em meu próprio corpo e, por consequência, no meu próprio pensar.

A partir das minhas próprias experiências como uma jovem, mulher, lésbica e negra, das experiências que compartilhei com amigos e colegas, e das experiências que pude vivenciar com outros jovens nas minhas atuações, as temáticas que atravessam os estudos sobre o corpo começaram a me interessar, até chegar a esta pesquisa.

1.2. A pesquisa como laboratório para e das Juventudes

Esta pesquisa está pautada em uma perspectiva fenomenológica, crítica e interseccional, e buscou apresentar deslocamentos ontológicos e epistêmicos sobre como é/ser/ter um corpo jovem na periferia e quais são suas expressões a partir de proposições e análises da Terapia Ocupacional.

A representação corporal social do jovem expressa sua diferenciação socioeconômica dada pelo comportamento, gestos, posturas e símbolos culturais; sua materialidade nos vestuários, calçados, acessórios, e adereços, definindo as juventudes

frente às hierarquias sociais a partir de sua imagem social e sua autoimagem apresentadas através do corpo (FERREIRA, 2011).

A construção social e simbólica da juventude tem o corpo como este território de existência, resistência, reprodução e transformação encarnadas, sendo o corpo um recurso para a experimentação de potencialidades. Por meio de práticas esportivas, culturais, artísticas, da sexualidade, ou seja, das biossocialidades², faz reverberar internamente as forças do corpo social (FERREIRA, 2011). O corpo juvenil pode ser tratado como um potente operador social e de enfrentamento das normatizações das instituições.

Portanto, investigar as juventudes é como estar em um grande laboratório de captação das tendências emergentes nas dimensões da vida cotidiana, que estimula a criação de novos conceitos, novos pontos de vistas metodológicos e novos instrumentos, para compreender e explicar novas realidades (FERREIRA, 2017).

A compreensão sobre ser jovem não pode se limitar as suas possíveis conceituações, é preciso considerar toda composição de significados produzidos por diferentes grupos sociais pautados na própria experiência (ANDRADE, 2016), na diversidade das experiências e modos de ser e estar no mundo.

No entanto, nos espaços públicos, raramente a voz das juventudes modela o discurso sobre ser jovem, ao contrário, ressoam as vozes de especialistas, pais, professores (FERREIRA, 2017), das políticas, regras e leis ausentes de suas representações jovens (SPOSITO, 2007). No campo acadêmico, conversar e ouvir jovens (e ser jovem) é uma forma privilegiada de adentrar nas vidas juvenis e compreender as experiências vividas e as realidades subjetivas de cada um (FERREIRA, 2017).

Os percursos juvenis atuais estão mais marcados pelo alargamento social das possibilidades efetivas em realizar estudos, viagens, inserções profissionais, acesso às tecnologias, culturas diversas, entre outros (FERREIRA, 2017). Por outro lado, as juventudes também estão marcada pelos agravantes das dificuldades globais: pobreza, precarização de serviços públicos, violência, entre outros fatores de vulnerabilidade social e econômica (FERREIRA, 2017).

A fim de captar as pluralidades das juventudes, a presente pesquisa parte de uma perspectiva sobre o corpo dos jovens periféricos que investiga expressões, ações,

² Biossocialidades é um termo criado por Paul Rabinow refere-se ao fato de as pessoas se sociabilizarem e se relacionarem através do corpo (RABINOW, 1996). Ferreira (2011) utiliza para referir-se às relações que tem o corpo como epicentro do acontecimento.

deslocamentos, comportamentos, ideias, desejos e sonhos. E propõe ressignificações sobre o imaginário social da juventude periférica a partir de uma compreensão histórica, social, econômica, política e cultural das vivências de cada jovem, entendendo que o corpo do jovem possui marcadores identitários localizados nos diversos contextos, e que produzem, de alguma forma, limitações, dificuldades e/ou restrições no exercício de sua cidadania plena e acesso aos direitos.

Assim, justifica-se a necessidade e a urgência deste trabalho pela necessidade de aproximações com as juventudes que favoreçam a compreensão sobre suas potencialidades cotidianas expressadas e experimentadas por suas corporeidades e em contraposição aos estigmas vivenciados cotidianamente, a fim de contribuir para a proposição de práticas emancipatórias.

Para isso, foi adotado como campo de pesquisa e laboratório de experimentações das juventudes uma região urbana periférica no município de São Carlos-SP, circunscrita pelo bairro São Carlos VIII e seus entornos, cuja referência estava centralizada no equipamento de cultura, a Estação Cidadania – Cultura³ (CEU das Artes) Emílio Manzano.

Convivi e entrevistei seis jovens, três homens e três mulheres, que residem na região e que acessam ou já acessaram o equipamento em algum momento de minha vivência neste espaço. Também acompanhei alguns deles em atividades cotidianas que eram possíveis e permitidas por eles, sendo internas ou externas ao equipamento, com a intenção de observar e vivenciar os deslocamentos, as sociabilidades, e as expressividades desses jovens nessas atividades.

Acompanhei-os entre dezembro de 2018 e abril de 2019, e as entrevistas foram realizadas durante o mesmo período, no momento em que eles se sentiram confortáveis e seguros para tal. Todas as minhas visitas ao bairro e as experiências foram registradas em diários de campo. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas integralmente. Não houve a construção de um instrumento de entrevista único e fechado, uma vez que as questões dependiam do cotidiano e das experiências de vida que cada jovem, e eram diversas e múltiplas. Contudo, foram definidas temáticas que englobavam: atividades

³ No início de 2019, com a extinção do Ministério da Cultura, este equipamento passou a ser regido pelo Ministério da Cidadania e sofreu alterações em seu nome. Pela Portaria nº 876, de 15 de maio de 2019, publicada em Diário Oficial, o Centro de Artes e Esportes Unificados transformou-se em Estação Cidadania – Cultura. As normas de funcionamento, segundo esta portaria, permaneceram as mesmas.

cotidianas; deslocamentos; raça/etnia/cor da pele; gênero; sexualidade; expressões sociais e culturais das juventudes.

Esses temas guiaram a estruturação das entrevistas, bem como, a construção das narrativas que apresento sobre os entrevistados ao longo deste texto.

A dissertação começa apresentando os objetivos e procedimentos metodológicos, traçando linhas e perspectivas de pensamento e apresentando o campo a partir de ações que resultaram da parceria desta pesquisa com o projeto de extensão “Expressões potentes da Juventude: Corpo e Arte” e a equipe de profissionais da Estação Cidadania – Cultura Emílio Manzano,

A construção teórica é feita em diálogo com os resultados que estão divididos em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão teórica sobre juventudes, corporeidades e raça, e traz articulações e reflexões teóricas dessa temática na/para a Terapia Ocupacional. Este capítulo traz análises sobre os corpos dos jovens negros e aponta a emergência de perspectivas que pautem as pluralidades das identidades das juventudes.

O segundo capítulo teoriza sobre gênero, faz uma apresentação histórica sobre o surgimento do feminismo negro e pauta a interseccionalidade como ferramenta de análise, trazendo reflexões sobre os corpos das jovens mulheres negras.

O terceiro capítulo, ainda sob a ótica da interseccionalidade, discute a sexualidade dos jovens não heterossexuais, apresentando análises sobre a invisibilidade da sexualidade não heteronormativas.

Os capítulos teóricos apresentam resultados e discussões, e são seguidos pelas considerações finais da pesquisa. Referências bibliográficas e Apêndices encontram-se ao final do texto, respectivamente nesta ordem.

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as corporeidades de jovens e suas sociabilidades cotidianas na periferia a partir das expressividades culturais.

Objetivos específicos:

- ✓ Mapear práticas presentes nos cotidianos de jovens na periferia e os processos de sociabilização envolvidos, com enfoque nas expressividades culturais juvenis.
- ✓ Correlacionar como tais práticas participam da construção identitária e corporal dos jovens e suas expressões sociais
- ✓ Analisar, à luz da Terapia Ocupacional crítica e da análise fenomenológica, os efeitos dos marcadores identitários sobre seus corpos.

3. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Considerando a inter-relação de significados entre a teoria, a metodologia e os resultados, a descrição metodológica, logo no início do trabalho, tem como objetivo apresentar, conceitualmente, os caminhos escolhidos para realização de uma investigação fenomenológica sobre a juventude de uma região periférica no município de São Carlos-SP, a partir da compreensão sobre as manifestações corporais e culturais deste grupo. Depois, serão apresentados os métodos, técnicas e instrumentos utilizados nessa investigação e, por fim, a articulação entre teoria, métodos e resultados.

3.1. Uma escolha Qualitativa, Fenomenológica e Crítica

Uma pesquisa qualitativa busca compreender valores culturais e representações históricas de grupos, instituições ou atores individuais, relações entre indivíduos e movimentos sociais, e processos sociohistóricos para implantação de políticas públicas e sociais, levando um trabalho investigativo a níveis mais profundos dentro das sociedades (MINAYO, 2014).

Os preceitos de uma pesquisa qualitativa estão em tensionar uma natureza socialmente construída à medida que o pesquisador se insere no campo e se estabelece uma relação íntima entre pesquisador e pesquisado (GIL, 2010). É uma tentativa de explicar com profundidade os dados obtidos, porém, sem mensurar quantitativamente características ou comportamentos (OLIVEIRA, 2013), mas valorizar às formas de significados e

[...] explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional. O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam (MINAYO, 2014, p. 24).

As metodologias qualitativas facilitam o processo de descrição da complexidade de problemáticas e de processos sociais, possibilitando contribuir para transformações e mudanças em determinados grupos (OLIVEIRA, 2013). Para desempenhar um trabalho qualitativo deve-se considerar os contextos históricos do campo, a situação do objeto de estudo e as experiências vividas, a partir da junção e elaboração de diversos materiais,

como notas do campo, memórias, fotografias, conversas, entrevistas, a fim de tornar o mundo visível e possível de pesquisá-lo (GIL, 2010).

Deve ser analisado dentro um contexto histórico e social que diferencia classe, gênero, faixas etárias, etnias e outros segmentos, que pensam, sentem e agem a respeito das condições e experiências de vida (MINAYO, 2014). Deve estar contextualizado de forma que permita distinguir as visões dominantes das outras formas de pensar, levando em consideração a historicidade dos grupos e dos indivíduos e incluir espaços formais e não formais de economia, política, cultura, lazer, religião e ao mesmo tempo os espaços de “consenso e de conflito, contradições, subordinação e resistência, tanto as unidades de trabalho como o bairro, o sindicato como a casa, a consciência como o sexo, a política como a religião” (MINAYO, 2014, p. 30).

A partir da temática central e dos objetivos da pesquisa, optou-se por propor uma pesquisa fenomenológica, a qual tem sido, dentre as abordagens qualitativas, a de maior relevância na área da saúde e, historicamente, de grande importância sociológica. A fenomenologia é considerada, dentro das Ciências Sociais, como a Sociologia da Vida Cotidiana, e abarca um setor não muito considerado em outras metodologias de pesquisa: os significados (MINAYO, 2014).

As pesquisas fenomenológicas têm por objetivo a busca de significados a partir da experiência. No entanto, nem todas as perspectivas fenomenológicas tem o mesmo modo de compreender este significado, sendo a fenomenologia merleau-pontyana uma compreensão mundana e eminentemente crítica (MOREIRA, 2004). Segundo Merleau-Ponty (2011), a fenomenologia é

o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se pode compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade” (p. 1).

Segundo Moreira (2004), a fenomenologia merleau-pontyana, enquanto metodologia de pesquisa, tem como premissa compreender os significados a partir das experiências vividas e, portanto, da vida mundana, através de múltiplos contornos dados por cada indivíduo, os quais estão permeados por aspectos endógenos, culturais e situacionais.

A pesquisa irá tratar, então, de compreender as expressividades juvenis a partir do mundo percebido pelo corpo dos próprios jovens, entendendo que a pesquisa enquanto ciência “não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). A partir da possibilidade de obter-se múltiplos significados é que esta fenomenologia se transforma numa ferramenta crítica que se propõe a ter a abordagem mais ampla que for possível (MOREIRA, 2004), para garantir uma compreensão complexa do fenômeno de ser jovem.

Segunda Graças (2000), a pesquisa fenomenológica espera aproximar-se das experiências humanas para compreendê-las a partir da dimensão existencial e enunciada. Por isso, pode-se trazer à luz múltiplos significados, múltiplos contornos, que incluem uma mútua construção de mundo, sentidos, histórias e culturas (MOREIRA, 2004). O que torna possível utilizar todos os produtos e todas as técnicas descritas na metodologia, além de privilegiar os discursos dos jovens.

A análise de uma pesquisa fenomenológica busca uma aproximação com os discursos dos sujeitos sobre as suas próprias experiências, e representa o encontro com a essência dos fenômenos (GRAÇAS, 2000). Por isso, a análise desta pesquisa será feita a luz da experiência de cada jovem, compreendendo discursos e fenômenos apresentados por eles durante os encontros e as entrevistas.

Diante desta contextualização, serão apresentadas a descrição do campo, as entrevistas, as atividades dos jovens, os procedimentos éticos e a análise dos resultados para situar os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a produção e construção dos resultados.

3.2. A descrição do campo

A pesquisa de campo foi realizada no bairro Dom Constantino Amstalden, conhecido como São Carlos VIII, no município de São Carlos-SP, com referência ao equipamento público Estação Cidadania – Cultura Emílio Manzano.

O bairro São Carlos VIII é fruto de um loteamento social denominado Jardim Social São Carlos VIII, cujo território corresponde a 402.502,60 m², inscrito no decreto nº18.653/99, de 1999, assumido pela coordenadoria de Progresso e Habitação São Carlos (ProHab). O loteamento foi destinado às famílias que não tinham condições de adquirir

outros tipos de financiamento da casa própria. Embora a região tenha mais de mil lotes, em 2004 foram distribuídas, através de sorteio, apenas 300 casas, construídas em terrenos de aproximadamente 140 m². As famílias beneficiadas ficaram responsáveis por custear 36 parcelas de aproximadamente R\$ 70,00 (SÃO CARLOS, 2005).

Atualmente os equipamentos públicos no bairro são: uma Unidade de Saúde da Família; uma unidade da Praça Estação Cidadania – Cultura; uma unidade do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) vinculada à Praça; o Centro Social Salesianos Dom Bosco; dois Centros Educacionais Municipais de Educação Infantil (CEMEI); e uma Escola Estadual de Ensino Médio. Além da atuação de ONGs e iniciativas privadas, como o Rotary Club e a Torcida da Gaviões da Fiel, que oferecem alguns projetos para a comunidade residente no bairro.

As Praças Estação Cidadania – Cultura foram previstas pela segunda fase do Programa de Aceleração e Crescimento (PAC-2) e fizeram parte das políticas do Plano Nacional de Cultura, criado pela Lei n° 12.343, de 2 de dezembro de 2010, durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, como um programa do Governo Federal, sob coordenação do Ministério da Cultura em parceria com as prefeituras municipais. As Praças integram, num mesmo espaço físico, ações culturais, esportivas, de lazer, formativas e de qualificação para o mercado de trabalho, e são construídos, preferencialmente, em comunidades de alta vulnerabilidade social, oferecendo também serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital (BRASIL, 2014).

O CRAS pode fazer parte da composição da Estação Cidadania – Cultura visando desenvolver atividades conjuntas para tentar responder às necessidades sociais de cada território (BRASIL, 2014). Pautado na lógica da participação social, tem como propósito abranger o combate às desigualdades socioespaciais urbanas e econômicas.

O resultado é uma praça pública aberta à comunidade que conta com um conjunto de edifícios de múltiplos usos, incluindo biblioteca, cineteatro, laboratório multimídia (inicialmente chamado de telecentro), duas salas multiuso, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), parquinho infantil, pista de skate, quadra poliesportiva, e pista de caminhada, além de áreas de lazer e convivência (BRASIL, 2014, p. 13).

Os dados demográficos mais recentes sobre o bairro são os dados cadastrados no CRAS, que calculam um número aproximado de vinte mil habitantes na região, inscritas

no equipamento através de 4320 prontuários familiares. Esses dados foram apresentados pelo Relatório Anual⁴ do CRAS, referente ao ano de 2018.

Ainda segundo este relatório, no ano de 2018, foram realizados 3003 atendimentos pelo CRAS mas, pela limitação de recursos financeiros e humanos, por mês, apenas 20 famílias tiveram suas demandas atendidas. Durante os atendimentos socioassistenciais, os profissionais do equipamento identificaram as situações de risco mais comuns na região e apresentaram nas seguintes subcategorias: (i) para as crianças: negligência, violência física e psicológica, defasagem escolar e dificuldade de aprendizagem; (ii) para os adolescentes: ato infracional, defasagem e abandono escolar, uso de drogas, atividades ilícitas e prostituição; (iii) para as mulheres jovens e adultas: violência doméstica, psicológica e física, dependência química, prostituição, atividades ilícitas, baixa escolaridade, famílias monoparentais, grande número de filhos e ausência do pai; (iv) para os homens jovens e adultos: subemprego, atividades ilícitas, perfil agressivo, dependência química, baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional.

De acordo com o programa, está previsto que aconteçam atividades de cultura, arte, lazer, esporte e formação. Na unidade do município de São Carlos, atualmente, são oferecidas 12 oficinas⁵, que atendem crianças, adolescentes, jovens e adultos, como mostra o quadro a seguir:

⁴ O Relatório Anual do CRAS diz respeito ao documento enviado pela coordenadora do serviço para prestação de contas (in mimeo). Este documento é público e pode ser adquirido por qualquer cidadão através da Secretária de Cidadania do Município de São Carlos.

⁵ As oficinas podem mudar a cada semestre, pois são selecionadas a partir de projetos inscritos em processos públicos de oficinas seleção, com editais específicos. As apresentadas no quadro são referentes ao primeiro semestre de 2019, momento em que foi finalizado o trabalho de campo. Para o segundo semestre de 2019, já haviam ocorrido mudanças no quadro de oficinas ofertadas.

Quadro 1: Oficinas oferecidas e número de participantes

Oficinas / Atividades	Nº de pessoas atendidas
Samba Rock	20 jovens e adultos
Mixagem	5 jovens
Informática	20 jovens e adultos
Teatro	30 crianças e adolescentes
Skate	102 crianças e adolescentes
Capoeira	30 crianças, adolescente e jovens
Decupagem	10 mulheres jovens e adultas
Zumba	15 jovens e adultos
Karatê	10 adolescentes, jovens e adultos
Cinema	De 5 a 30 pessoas (crianças, adolescentes, jovens e adultos, público bastante flutuante)

Além das atividades oferecidas, o espaço também é utilizado de forma livre e autônoma por um grupo de aproximadamente 20 jovens que jogam futebol semanalmente na quadra do equipamento, e um grupo de aproximadamente 10 jovens evangélicos que utilizam a sala de multiuso para encontros de estudos bíblicos. Por serem atividades autônomas, o número de pessoas e a frequência com que acontecem podem variar bastante.

A escolha por este campo de pesquisa deu-se pela concentração de jovens que circulam no espaço do CEU das Artes, usufruindo livremente e de forma autônoma das diversas oficinas ofertadas. Considerando que todas as oficinas trabalham com expressões corporais de alguma forma, seja pelo esporte ou pela arte, este espaço oferece um espaço rico para o desenvolvimento deste trabalho.

O foco desta pesquisa se manteve nos jovens com idades entre 15 e 25 anos que frequentavam a Praça para realização de quaisquer atividades oferecidas e que fossem residentes do bairro ou entorno.

Os critérios de inclusão para selecionar os jovens entrevistados foram: (a) frequentar alguma atividade no CEU das Artes, pontualmente ou a longo prazo, em qualquer modalidade; (b) residir no bairro São Carlos VIII ou nos bairros vizinhos limítrofes; (c) ter entre 15 e 25 anos; (d) aceitar participar da entrevista por livre e espontânea vontade.

Já os critérios de exclusão: (a) não se encaixar na faixa etária prevista; (b) não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido; (c) os jovens menores de 18 anos, cujo responsável legal não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação; (d) não ter interesse ou disponibilidade para participar das entrevistas.

O trabalho de campo esteve vinculado às atividades de extensão desenvolvidas pelo Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO), sob coordenação da minha orientadora. A pesquisa estava vinculada ao projeto de extensão “Expressões Potentes da Juventude: Corpo e Arte”, financiado pelo edital Proex, do ano de 2018, o qual tinha a equipe composta por estudantes de Graduação do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que estavam cursando diferentes anos, e que colaboraram com o desenvolvimento do campo desta pesquisa.

Me inseri no território como integrante do projeto de extensão, junto com as estudantes da graduação, tendo como referência o equipamento Estação Cidadania – Cultura, para observar e participar de oficinas diversas oferecidas no espaço e fazer um primeiro contato com alguns jovens que estivessem presentes nessas oficinas. Participei, acompanhada pelas as estudantes, de oficinas de dança, capoeira, grupo de estudos religiosos, futebol, produção de beats, skate, reuniões de acolhimento do CRAS, oficinas de *decupagem*, zumba, karatê, ginástica e cines debate. As visitas ao espaço foram registradas por toda a equipe do projeto em Diários de Campo, compartilhados entre os membros e discutidos em reuniões semanais de planejamento.

A parceria com o projeto de extensão facilitou a aproximação com os jovens, e promoveu uma observação mais aprofundada e ampla do campo a partir das trocas durante as reuniões de equipe e dos grupos de estudos. A participação e o envolvimento das estudantes de graduação tornaram o desenvolvimento do trabalho de campo possível.

A partir das atividades de extensão, estabeleci diálogos com outros equipamentos da região, a Unidade Básica de Saúde e a sede de torcedores do Corinthians, a Gaviões da Fiel, ambos equipamentos que atendem um grande número de jovens da região.

Destes contatos, estabeleci relações com alguns jovens, convidando-os para participar de duas etapas da pesquisa: (1) uma entrevista no local de escolha de cada jovem; (2) o acompanhamento do jovem em alguma atividade, dentro ou fora da Estação Cidadania – Cultura, que fosse, de alguma forma, significativa para ela/ele. A ordem de

acontecimentos dessas etapas podia variar de acordo com vínculo e a relação estabelecida com os jovens imersos nos acontecimentos da vida.

Essas visitas também permitiram a aproximação com a equipe de profissionais da Praça, e nos proporcionou parcerias com outros equipamentos públicos e do terceiro setor, que estavam atuando ativamente no bairro.

A equipe de profissionais da Estação era composta pelo gestor geral, coordenadores do CRAS e da Cultura, equipe básica da assistência social do CRAS (psicóloga e assistente social), os profissionais terceirizados (segurança e serviços gerais), e os professores e oficinairos, sendo que entre estes últimos, nem todos aceitaram fazer contato com a equipe do projeto.

Com essas aproximações, o gestor geral e os coordenadores nos apresentaram algumas demandas relacionadas ao baixo acesso da população ao equipamento, principalmente no que se referia às atividades artísticas e culturais. E partir daí, enquanto equipe de extensão, estabelecemos a parceria com os coordenadores e gestor para realizar ações de apoio à gestão do espaço.

Oferecemos suportes com relação a estratégias de planejamento colaborativo e ações mais diretas de mapeamento de demandas da população, frequentando reuniões de acolhimento da população e reuniões de equipe dos profissionais.

Essas ações nos permitiram perceber algumas particularidades do território que causavam ou motivavam o não acesso ao equipamento. Uma de nossas percepções foi com relação a população jovem que frequentava pouco o local e para atividades bastante específicas: andar de skate, jogar futebol ou participar de alguma reunião obrigatória da assistência social. Em geral, as oficinas voltada para os jovens contavam com públicos de um, dois, quando com sorte, cinco jovens.

Depois muitos diálogos com a gestão do espaço, fomos compreendendo que essas relações entre a população e o gestor eram mais complexas do que nos tinham sido apresentadas no início. Conhecendo e se vinculando aos jovens dos bairros, compreendemos também que haviam fatores, como o uso de drogas, que tencionava a relação dos jovens com o gestor, prejudicando o acesso dos jovens ao equipamento, mesmo daqueles que não faziam uso nem comércio de drogas.

Outro aspecto que percebemos durante as visitas, foi o baixo acesso das mulheres e meninas de todas as idades. Embora as mulheres fossem maioria nas reuniões de

acolhimento do CRAS e nas reuniões obrigatórias para beneficiários de programas socioassistenciais, de maneira geral, elas não acessavam outras atividades oferecidas na Praça. Ao longo das nossas visitas às oficinas e reuniões, percebemos como o machismo e o sexismo eram as principais causas da dificuldade de acesso dessas mulheres e meninas.

Ouvimos inúmeros casos de maridos, companheiros, namorados, que privavam mulheres jovens, adultas e idosas, de frequentarem atividades de lazer ou esporte na Praça. E outros casos de pais e irmãos mais velhos, que privavam meninas, crianças e adolescentes, de frequentarem a Praça.

Situações como essas foram muito recorrentes durante o tempo que o projeto de extensão permaneceu no território. Concluímos que mulheres jovens, adultas, idosas, crianças e adolescentes, eram as que menos tinham acesso às oficinas.

Tivemos a oportunidade de realizar uma reunião com a equipe de gestão e coordenação do equipamento, na qual apresentamos nossas percepções sobre as dificuldades de acesso da população e pudemos debater-las com a equipe a fim de repensar estratégias já utilizadas e pensar novas para ampliar e promover a ocupação do espaço.

O trabalho realizado em parceria com o projeto de extensão contribuiu para estabelecer os objetivos desta pesquisa durante a fase de construção do projeto, e possibilitou imergir no campo de pesquisa.

Dessa parceria, pautado em uma perspectiva crítica e cultural da Terapia Ocupacional, idealizou-se um novo projeto de extensão, também vinculado à UFSCar e ao Departamento de Terapia Ocupacional, intitulado “Hip-hop em cena: redes conectivas entre artes, periferia e universidade”, que viabilizou parcerias com outros atores, como por exemplo o Sesc, Senac e o projeto Skate Cidadão⁶, para a realização de um festival cultural, o FEST 8.

O festival foi pensado estrategicamente para promover atividades que pudessem atrair o público jovem e o público feminino. O FEST 8 foi realizado em novembro de 2019, com três dias de duração, sexta, sábado e domingo.

⁶ O Projeto Skate Cidadão é um projeto que acontece no espaço da Estação Cidadania – Cultura e que atende mais de 200 crianças e adolescentes com idades entre 5 e 15 anos. Há três anos, eles tem organizado campeonatos de skate na cidade de São Carlos e levado os alunos para competir em diversas cidades, garantindo medalhas e reconhecimento para as crianças e adolescente do bairro.

O festival contou com sessões de cinema, oficinas de artesanato, fotografia, pintura de skate, e sobancelha, apresentações de teatro, dança e circo, sarau de poesias para as mulheres, uma atração musical e o campeonato de skate.

Durante os três dias de evento tivemos a circulação de muitas pessoas, principalmente no final de semana, sábado e domingo. As crianças e adolescentes foram a maioria dos participantes, mas percebemos a circulação de jovens e mulheres, e principalmente a participação de meninas entre as crianças e adolescentes.

Ao longo do texto, algumas imagens apresentadas foram produzidas para o evento ou durante ele.



FEST 8

HIP-HOP DANÇA
SKATE MÚSICA
TEATRO CIRCO

OFICINAS PARA TODA A FAMÍLIA

Praga CEU das Artes
Emílio Manzano - CRAA
Rua Luiz Luchosi Filho
São Carlos 8

Outras informações:
<https://m.facebook.com/events/680002412482070/>

NOVEMBRO

22

- 15h Pintura de Shape Skate Cidadão
- 16h Bateria UFSCar
- 19h Filme 'Crailers' Cine Skate Cidadão

23

- 9h Correção de sobrelhas Evelyn Viana Rezende SENAC
- 10h Pequenos Experimentos: oficina para toda a família SESC
- 11h CineCeu Audiovisual e Sk8 Lab Criarte UFSCar
- 12h Debate "Skate e Audiovisual" CineCeu Lab Criarte UFSCar
- 13h Percussão CEU das Artes/Salesianos Beto Oliveira
- 14h Teatro "Se ficar a loucura pega" Grupo CRAS Sta. Felícia Direção Richard Astolfo
- 15h Capoeira Grupo Ginga Para contra Mestre Pinóquio e Instrutor Cabeça
- 15h Oficina de Filmagem no Skate com Alcides Moreno
- 16h Sarau minas de ouro Coletivo Lutarte Sobatagem Cultural
- 17h Oficina Contação de histórias para crianças AHTO UFSCar
- 18h Espetáculo ABC do Circo Associação Cultural Estação do Circo

24

- 8h Campeonato de Skate
- 9h Apresentação de Dança do Ventre CEMAC Prof. Silvana
- 9h O DIA TODO! Atividades para brincantes AHTO UFSCar
- 16h Hip Hop Mics Rafa Gon Salves e Lincoln Rossi
- 17h Campeonato de Skate Finais e Premiações

Infância 08h15
Adoles 09h30
Feminino 11h30
Iniciante 13h00
Amador 15h15

APÓIO
senac Sesc PROEX

REALIZAÇÃO
ufscar hahto Lab Criarte CEMAC SÃO CARLOS SKATE CIDADÃO

Imagem 1: Cartaz de divulgação do Evento FEST 8.

3.3. As entrevistas

O instrumento de pesquisa mais utilizado nas pesquisas fenomenológicas é a entrevista semiestruturada, que tem como ponto de partida uma pergunta disparadora, podendo estar subdividida em duas ou três, e que tem como objetivo essencial a compreensão do significado da experiência vivida a ser pesquisada (MOREIRA, 2004).

Para esse momento da entrevista, mostrou-se necessária uma caracterização mais objetiva dos jovens que pudesse ser/estar relacionada às suas experiências e contextos de vida, além da entrevista aberta. Por isso, dividimos em três partes distintas: (1) Questionário de Dados Pessoais (Apêndice IV); (2) Mapeamento das Atividades Cotidianas (Apêndice V); e (3) Entrevista Aberta, realizados, necessariamente, nesta ordem.

O Questionário de Dados Pessoais era composto por perguntas fechadas que tinham como objetivo fazer uma caracterização de cada jovem. As perguntas foram: Nome; Idade; Raça/cor; Gênero; Orientação Sexual; Crença/Religião/Práticas espirituais; Escolaridade; Trabalho/Função/Profissão; Endereço; Contato telefônico, e-mail e/ou Facebook; Renda média familiar; Número de pessoas que moram com você; Qual atividade participa no CEU das Artes.

Os jovens responderam o questionário autoaplicável em papel, podendo tirar dúvidas sobre os conceitos que não compreendiam e, de acordo com a auto identificação, podiam deixar em branco os espaços que não correspondiam à própria identidade ou que lhes causasse qualquer tipo constrangimento ou desconforto.

A segunda etapa, Mapeamento das Atividades Cotidianas, correspondeu a um quadro com espaços para preencher questões relacionadas as atividades cotidianas de cada um, as quais eles considerassem como atividades corporais e/ou atividades realizadas com o corpo, e sobre as quais fosse possível fazer uma apreciação com relação ao acontecimento/execução delas.

Essa etapa também se deu por meio impresso, e os jovens foram instruídos a responder de acordo com a quantidade de atividades que julgassem pertinentes e realizar a apreciação segundo sua própria compreensão e significação de cada questão.

O Mapeamento era composto pelas seguintes questões: nome da atividade; com quem realiza; frequência com que realiza; gosta ou não de realizar; descreva emoções ou

sentimentos que tem ao praticar a atividade; dificuldades ou desafios para realização da atividade; qual a importância da atividade para sua vida; como a atividade influencia em quem você é; praticar essa atividade muda a forma como as pessoas te olham.

A terceira etapa, a entrevista aberta, foi pautada em um breve roteiro com questões e temáticas norteadoras, no entanto, a realização e formulações das questões específicas para cada jovem dependia das respostas nos questionários anteriores, bem como das respostas apresentadas ao longo da entrevista. Assim, foram marcadores importantes para a entrevista: traçar uma história de vida, em âmbito social, econômico, educacional, relacional e cultural; compreender o que ser jovem significava para cada participante; mapear o cotidiano de maneira mais abrangente e aberta; compreender as expressões corporais na relação com as atividades cotidianas; abordar situações vivências a partir de uma perspectiva que considerava gênero, raça e sexualidade.

Outro aspecto importante foi a escolha do local para a entrevista. Considerando que “entrevistas fenomenológicas demandam a privacidade de um lugar tranquilo, onde a pessoa possa se expressar livremente” (MOREIRA, 2004, p. 453), o local onde a entrevista aconteceu foi de escolha livre do participante, visando oferecer um lugar confortável e seguro para cada jovem. As entrevistas duraram de 30 minutos a 1 hora e meia, e dependeram da quantidade de atividades desenvolvidas por cada participante, assim como, da identificação de diversos fatores de implicação nas atividades realizadas.

As entrevistas foram realizadas na forma de conversa e foram áudio-gravadas e transcritas, pretendendo aproveitar todo o discurso de cada jovem.

3.4. As atividades dos jovens

Considerando a singularidade de cada jovem, as atividades que acompanhei foram demandadas por eles próprios. O momento de acompanhamento de cada um deles dependeu, exclusivamente, do convite feito por eles, partindo da espontaneidade e do desejo de cada jovem. Diferentemente das entrevistas, que foram marcadas com antecedência, a partir do convite e da demanda da pesquisadora.

Todos os acompanhamentos de atividades foram registrados em diário de campo para que pudessem ser utilizadas como produção de dados subjetivos e qualitativos. O diário de campo tenta captar a dinamicidade do grupo estudado e permite à pesquisadora

construir significações para as relações apresentadas no cotidiano em parceria com os pesquisados (AZEVEDO; CARVALHO, 2009).

A construção do diário foi embasada segundo as técnicas apresentadas por Lourau (2004), contendo: o diário de campo, o diário íntimo e o diário de pesquisa. Sendo o primeiro uma descrição mais objetiva dos fatos acontecidos; o segundo, observações subjetivas da pesquisadora sobre os fatos, podendo conter impressões, sentimentos e sensações e; o terceiro, as correlações teóricas possíveis de serem feitas a partir da prática realizada (LOURAU, 2004). Dessa forma, todos os acompanhamentos foram registrados diariamente ou semanalmente, a depender da frequência com que aconteciam.

As atividades acompanhadas foram:

Quadro 2: Atividades acompanhadas

Atividades	Quantidade de Acompanhamentos
Batalha de Rimas	4
Skate	4
Grupo de estudos evangélicos	2
Reunião de acompanhamento do CRAS	3
Futebol	1
Produção musical (virtual)	2

Algumas atividades foram acompanhadas mais de uma vez por convite dos próprios jovens e outras foram acompanhadas apenas uma vez. Em algumas atividades estavam presentes mais de um jovem entre os selecionados para a entrevista.

3.5. Procedimentos Éticos

Em consonância com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, esta pesquisa foi avaliada e aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 94791318.3.0000.5504; Número de Parecer de Aprovação: 2.962.996).

Para os participantes com 18 anos ou mais, foi obrigatório o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I), no qual foram descritos

objetivos, métodos, benefícios e riscos desta pesquisa, e no qual também continha dados e contatos da pesquisadora, sendo disponibilizado em duas cópias, uma para a pesquisadora e uma para o participante.

Para os participantes com menos de 18 anos, o convite para participar foi direcionado ao participante e ao responsável legal, que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis (Apêndice II), consentindo a participação do jovem menor de idade. Para os jovens menores de 18 anos, também foi fornecido o Termo de Assentimento (Apêndice III), que declarava que o jovem estaria participando por livre e espontânea vontade. Ambos os termos foram lidos e assinados em duas cópias pelo responsável legal e pelo participante com idade entre 15 e 17 anos.

Os jovens foram abordados nas oficinas e informados desde o primeiro contato de que se tratava de uma pesquisa. Os que foram convidados a participar das entrevistas, foram comunicados sobre seus objetivos, métodos, benefícios e riscos.

Qualquer pessoa convidada para participar poderia recusar sem quaisquer prejuízos para si. Os que aceitaram participar, não tiveram quaisquer custos relacionados à participação nesta pesquisa e ficaram informados de que poderiam retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos para si.

Em consonância com as premissas éticas, os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo. Para composição do texto, os nomes utilizados são fictícios.

Todos os preceitos éticos foram mantidos em todas as etapas dessa pesquisa.

3.6. Análise dos resultados: estabelecendo conceitos

Vale ressaltar que, embora haja um recorte de classe socioeconômica dada pelo próprio campo deste trabalho, nos interessa que as análises possam trazer à luz outros marcadores do corpo: a raça, o gênero e a sexualidade. Considerando que esses marcadores, incluindo a classe, atravessam os corpos produzindo múltiplas violências, analisá-los de forma interdependente não daria conta da complexidade dos fenômenos.

Para isso, as análises serão feitas sob a ótica da interseccionalidade, nos possibilitando perceber e destacar entrecruzamentos possíveis entre um marcador e outro, ou outros.

Segundo Davis (2008), a interseccionalidade como forma de análise de pesquisa tem sido uma das mais importantes contribuições dos estudos feministas para pesquisadoras em diversas áreas teóricas, incluindo a fenomenologia.

A interseccionalidade, como perspectiva teórica, tem a intenção de desconstruir os binarismos das ciências clássicas ocidentais e colocar-se num território para além de um plano cartesiano, conceitualizando múltiplas e mutáveis identidades (DAVIS, 2008).

Por ser uma pesquisa fenomenológica que valoriza a experiência de cada jovem, os resultados não serão apresentados em categorias analíticas, mas sim, a partir das experiências dos jovens, contadas e vivenciadas por eles.

Além disso, faz-se importante demarcar aqui o que estaremos entendendo por raça, gênero e sexualidade, uma vez que estes conceitos podem ser compreendidos a partir de diferentes perspectivas.

Compreendemos raça enquanto um conceito histórico e sociológico que nos ajuda a demarcar arenas políticas e de lutas sociais (GILROY, 2007). Não queremos que raça seja entendido enquanto um conceito biológico, pois rejeitamos a ideia de diferenças raciais biológicas entre negros e brancos (e quaisquer outras etnias), como a ciência genética já nos provou que não existem (WADE, 2017).

No entanto, a raciologia foi utilizada durante séculos como força social e política de colonização, justificando a submissão de negros com relação aos brancos. Portanto, o termo raça possui uma força histórica, social e política que penetra o mundo e as relações sociais promovendo injustiças e desigualdades entre brancos e negros (GILROY, 2007). Assim, ao falar sobre raça, falamos sobre essa categoria histórica e sociológica de análise da dominação do mundo pelo branco, europeu e ocidental com relação aos continentes e países colonizados, principalmente, os continentes Africanos e as Américas.

Ao falar de gênero, neste trabalho, estaremos falando do binarismo homem e mulher pautado no sistema cisgênero, heteronormativo e patriarcal, isto é, falamos sexismo. Não como uma proposta social, mas enquanto um conceito sociológico e historicamente construído, de dominação dos homens cisgêneros sobre as mulheres cisgêneros. É importante ressaltar que as experiências juvenis que traçamos não apresentam experiências transgêneras e, apenas por isso, não nos caberia traçar análises nesse sentido.

Por esses motivos, compreendemos gênero como o conjunto de papéis sociais assumidos e atribuídos às pessoas a partir da identificação do sexo biológico, muitas vezes, antes mesmo de seu nascimento.

A maioria das análises feministas sobre as opressões de gênero insiste que apenas o gênero é um fator determinante na vida das mulheres, e tende a ignorar as opressões de raça (HOOKS, 2015). Compreendendo a hierarquia de gênero permeada também pelo processo histórico de colonização e imperialismo que dominou as Américas nos séculos passados, e que institucionalizou sobre a mulheres negras níveis de opressões racistas e sexistas inimagináveis (HOOKS, 1981; HOOKS, 2015), não trataremos de gênero e raça como elementos separados e independentes.

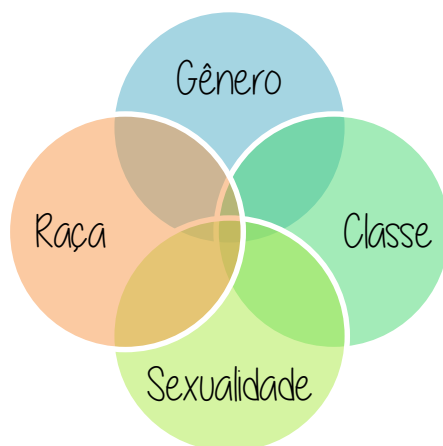
Da mesma, incluímos as discussões em torno das sexualidades, que será tratada de forma interdependente e indissociável. Não trataremos sexualidade como orientação sexual, pois isso nos colocaria dentro de um sistema binário, entre a orientação heterossexual e as orientações homossexuais.

Esse sistema, pautado na heteronormatividade, também produz legitimidade para a opressão de gênero e para a sujeição das mulheres enquanto objetos sexuais dos homens (PRECIADO, 2004). Assim, de maneira estrutural, está inter-relacionado com gênero e raça.

Por acreditarmos na sexualidade enquanto uma tecnologia sociopolítica, considerando inúmeros elementos, identidades, práticas e conexões (PRECIADO, 2004), não seria suficiente estabelecer orientações sexuais fixas e fechadas. Portanto, sexualidade é expressão.

Assim, estabelecemos uma rede de sobreposições que serão importantes para as análises: classe, raça, gênero e sexualidade. A figura a seguir, representa a interposição dos conceitos:

Figura 1: Interseccionalidade: Classe, Raça, Gênero e Sexualidade



A partir do próximo capítulo, passaremos a apresentar os resultados e as correlações teóricas feitas a partir das análises, sempre pautadas nas premissas aqui apresentadas.

4. RESULTADOS



Imagem 2: Obstáculo da pista de Skate montada na Estação Cidadania-Cultura.

4.1. Caracterização dos jovens

Foram entrevistados seis jovens com idades entre 15 e 23 anos, sendo três mulheres e três homens, todos cisgênero. A princípio, faremos uma breve apresentação de cada um deles seguindo a ordem em que nos encontramos. Destacaremos algumas marcas que os identificam e os diferenciam entre si. Apresentaremos alguns entrelaçamentos possíveis, e posteriormente discutiremos corporeidades e intersecções.

Meu primeiro encontro foi com Kauã, um jovem de 18 anos, negro, heterossexual, rapper e skatista, que traz em sua vivência a segregação de classe e raça. Enfrenta situações cotidianas de violências e injustiças sociais por conta de sua origem geográfica, por conta da cor de sua pele e de suas expressões artísticas dentro do Hip Hop, as quais lhe permitem lutar contra a lógica machista e heteronormativa, inclusive dentro do próprio movimento.

Encontrei Kauã durante as aulas de skate que ele frequentava na Estação Cidadania – Cultura, e o acompanhei por alguns deslocamentos, dentro e fora do bairro. Estive presente em quatro batalhas de rimas, coorganizadas por Kauã, que aconteciam às quartas-feiras à noite em uma praça no centro da cidade de São Carlos. Nessas batalhas, pude ver Kauã participando das batalhas de rima, sendo que em uma delas, ele foi o vencedor da noite.

Depois encontrei Julia, uma jovem de 17 anos, branca, heterossexual, praticante da religião cristã protestante e coordenadora de um grupo de estudos evangélicos para jovens cristãos, que traz como experiência a segregação de gênero, e carrega em si conflitos com a moral e os valores cristãos, conservadores, heteronormativos e patriarcais, reproduzindo inúmeros discursos violentos e excludentes, tudo em defesa de sua fé.

Nossos encontros aconteciam em sua casa ou em atividades relacionadas a prática religiosa, pois eram as atividades que seu pai permitia que ela realizasse e, consequentemente, em que ele permitia que ela se encontrasse comigo para participar da pesquisa. Em alguns momentos, a mãe de Julia acompanhou as nossas conversas quando essas aconteceram em sua casa.

Durante as atividades religiosas que acompanhei Julia, ela sempre me fazia convites para participar mais ativamente dos grupos, inclusive, para que eu me tornasse membro de sua igreja, insistindo, algumas vezes, para que eu fosse acompanhar um culto e conhecesse o seu pastor. Entendendo que isso estava para além dos limites desta pesquisa,

mais as implicações pessoais disso, o encontro com o pastor e a visita ao culto nunca aconteceram, deixando claro para a participante que não era do meu interesse pessoal nem de interesse da pesquisa, me envolver e fazer parte das atividades religiosas, mas sim, compreender a importância desta atividade para a jovem. Em momento nenhum da pesquisa, nossas diferenças de crenças foram vistas como um problema nem para a jovem, nem para mim.

Julia foi quem me apresentou Dandara, uma jovem de 18 anos, heterossexual, estudante, musicista, praticante de duas religiões cristãs, católica e espírita, que carrega em seu corpo experiências de racismo e machismo, e que questiona, inclusive motivada pelas suas próprias vivências, os discursos conservadores que escuta em suas práticas religiosas.

Dandara tinha uma rotina bastante preenchida: acordar cedo, limpar e arrumar a casa, aulas de música a tarde, cursinho a noite. E todos os nossos encontros aconteceram em sua casa, até mesmo durante momentos em que ela realizava as tarefas domésticas, o que era sua responsabilidade em casa.

Conheci Dandara durante um grupo de estudos coordenado por Julia, no entanto, quando conversamos em sua casa, Dandara já não participava mais do grupo, pois entendia que aquela prática religiosa não estava de acordo com as suas crenças pessoais.

Caique, um jovem de 20 anos, pardo, heterossexual, jogador de futebol, cantor e compositor de Funk, que traz em sua vivência a segregação por conta da classe social, da sua origem geográfica e por conta da sua expressão artística e corporal, ao mesmo tempo que vive e reproduz ambientes muito patriarcais e machistas.

Nos encontramos na Estação Cidadania – Cultura durante uma oficina de Produção de Beats e em outros momentos pré-agendados para realizar as entrevistas, já que, por conta da carreira de jogador de futebol, Caique estava a maior parte do tempo fora da cidade, em centros de treinamento.

Kauani, uma jovem de 15 anos, parda, bissexual, estudante do 9º ano do ensino fundamental, cursando técnico de auxiliar de escritório, filha de uma mulher negra que recolhe recicláveis para sustentar a família. Embora Kauani tenha apoio em casa para lidar com situações de racismo e aceitação com relação a sua sexualidade, ela carrega no corpo uma sobreposição de violências: a de exclusão por classe social e econômica, a

violência de gênero e sexualidade, o racismo vivido por ela e o racismo vivido por sua mãe.

Meu primeiro contato com Kauani foi através de um agente de saúde da Unidade de Saúde da Família que tem no bairro, com quem fizemos parceria através de ações do projeto de extensão que acontecia paralelamente ao campo de pesquisa. Nos encontramos no portão da sua casa algumas vezes e, outras vezes, Kauani me encontrou no CEU das Artes para falar sobre situações que não gostaria que sua irmã mais nova, de 5 anos de idade, ouvisse.

E por fim, Everton, um jovem de 23 anos, pardo, evangélico, estudante, em processos de descobertas sobre sua sexualidade, que enfrenta situações de segregação socioeconômica, segregação por origem geográfica, e por conta de sua sexualidade.

Everton frequenta o grupo de acolhimento do CRAS que acontece quinzenalmente e é de participação obrigatória para as pessoas que recebem benefícios do governo. Ele veio nos procurar após um desses encontros quinzenais, no qual a equipe do projeto de extensão participou.

Todos os nossos encontros aconteceram no CEU das Artes, com hora combinada e, para ele, era importante que sua família não soubesse que estávamos conversando porque seus familiares desconfiavam da sexualidade de Everton e, para o rapaz, era certeza a família não o aceitariam ao saber que ele não era heterossexual.

Todos os jovens vivenciam a segregação de classe social⁷⁻⁸, tanto pelo local onde residem, quanto pela renda média familiar. A renda média familiar dos jovens varia de

⁷ As classes sociais, no Brasil, são definidas pela renda familiar. A classe “A” representam as famílias que recebem acima de 20 salários mínimos. A classe “B”, entre 20 e 10 salários mínimos e a classe “C”, também conhecida como classe média, entre 10 e 4 salários mínimos. As classes mais baixas, “D” e “E”, são definidas por rendas entre 4 e 2 salários mínimos e abaixo de 2 salários mínimos, respectivamente. Portanto, todos os jovens entrevistados, por definição, encontram-se nas classes baixas, “D” ou “E”.

⁸ Ainda dentro das classes baixa, há outras duas divisões. No Brasil, quando nos referimos as linhas de pobreza temos duas definições feitas a partir de fatores econômicos e que determinam valores monetários referentes aos custos de todos os produtos básicos necessários para sobrevivência. Quando uma pessoa vive com um poder monetário que dá conta apenas de suprir as necessidades básicas para sobrevivência, dizemos que se situa abaixo linha da pobreza. Quando este valor não supre nem os gastos básicos para a sobrevivência, dizemos que está abaixo da linha da extrema pobreza (JANUZZI, *et al*, 2018). Em 2019, considerava-se abaixo da linha da pobreza pessoas que viviam com uma renda *per capita* abaixo de R\$145. Podemos dizer, então, que Kauani e Everton estão numa situação socioeconômica abaixo da linha da extrema pobreza, o que significa que cada pessoa da família vive com menos de R\$4 por dia (segundo as estimativas que determinam a extrema pobreza para o Banco Mundial). Considera-se que vive abaixo da linha da pobreza aqueles com renda *per capita* abaixo de R\$420 mensais. Embora isso seja um dado importante, ao longo do texto serão apresentadas situações de exclusões socioeconômicas que se aplicaram à todos os jovens, independentemente de estarem abaixo da linha da pobreza ou da extrema pobreza.

R\$200 a, aproximadamente, R\$3.500, sendo que pelo menos três jovens não atinge a renda média familiar de um salário mínimo⁹ por mês. Todos os jovens residem no São Carlos VIII e já frequentaram a Estação Cidadania – Cultura em algum momento. O quadro abaixo representa a caracterização de cada jovem:

Quadro 3: Caracterização dos jovens

	Idade	Raça/cor	Gênero	Orientação Sexual	Crença/Religião/Práticas espirituais	Escolaridade de	Trabalho/Função/Profissão	Renda familiar	Número de pessoas na residência
Kauani	15	Parda	Feminino	Bi	Não tem	E. M.* Incompleto	Não tem	R\$200	3
Julia	17	Branca	Feminino	Hétero	Protestante	E. M.* Completo	-	3 salários mínimos	3
Kauã	18	Negro	Masculino	Hétero	Não tem	E. M.* Completo	Desempregado	R\$1000	2
Dandara	18	Negra	Feminino	Hétero	Católica/espírita	E. M.* Completo	-	R\$2000	3
Caique	20	Pardo	Masculino	Hétero	Não tem	E. M.* Completo	Não trabalha	R\$1500	2
Everton	23	Pardo	Masculino	-	Evangélico	E. F.** Incompleto	Estudante	R\$600	8

As respostas apresentadas no Quadro 3 correspondem exatamente aquelas dadas pelos participantes no questionário de dados pessoais. Raça/cor, gênero e sexualidade foram considerados como autodeclarados no questionário, ainda que durante a entrevista aparecessem respostas que fossem diferentes das dadas anteriormente.

Quando mapeamos as atividades cotidianas realizadas pelos jovens, eles tiveram liberdade para responder a partir de seu próprio julgamento. Portanto, a quantidade de atividades foi variada, de uma a cinco atividades, conforme mostra o quadro a seguir:

⁹ Salário mínimo considerado foi o valor oficial para o estado de São Paulo no ano de 2019, que soma um total de R\$1.163,55.

*Ensino Médio

**Ensino Fundamental

Quadro 4: Atividades mapeadas

	Atividades mapeadas por cada jovem
Kauani	Curso de Auxiliar de escritório; Trabalho (panfletagem ou babá)
Julia	Grupo de Jovens; Leitura; Ir à Igreja; Vender bala no semáforo; Arrumar a casa
Kauã	Skate
Dandara	Música na Igreja Católica; Violão/canto; Teclado; Cursinho
Caique	Futebol; Música
Everton	Escola

De maneira geral, observa-se que as jovens mulheres têm uma tendência maior para continuar nos estudos, o que corrobora com dados mais recentes sobre o aumento da escolaridade entre as mulheres. Os estudos apontam que, desde 1991, as mulheres vem ganhando espaço no que se refere a escolaridade, ultrapassando os homens a partir do Ensino Médio e, principalmente, tornando-se maioria no nível superior (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002; CARROCHANO *et al*, 2008; QUEIROZ; GONÇALVEZ; KRÜGER, 2017).

Os resultados apontam que existe uma preocupação maior entre elas que está para além da conclusão do Ensino Médio, e envolve a formação técnica por meio de cursos e/ou a formação em cursos pré-vestibulares que possibilitem a entrada no Ensino Superior. Já entre os jovens homens, a continuidade dos estudos após o término do Ensino Médio não se apresentou como possibilidade, muito provavelmente pela urgência em precisar arrumar um emprego para auxiliar nas despesas de casa.

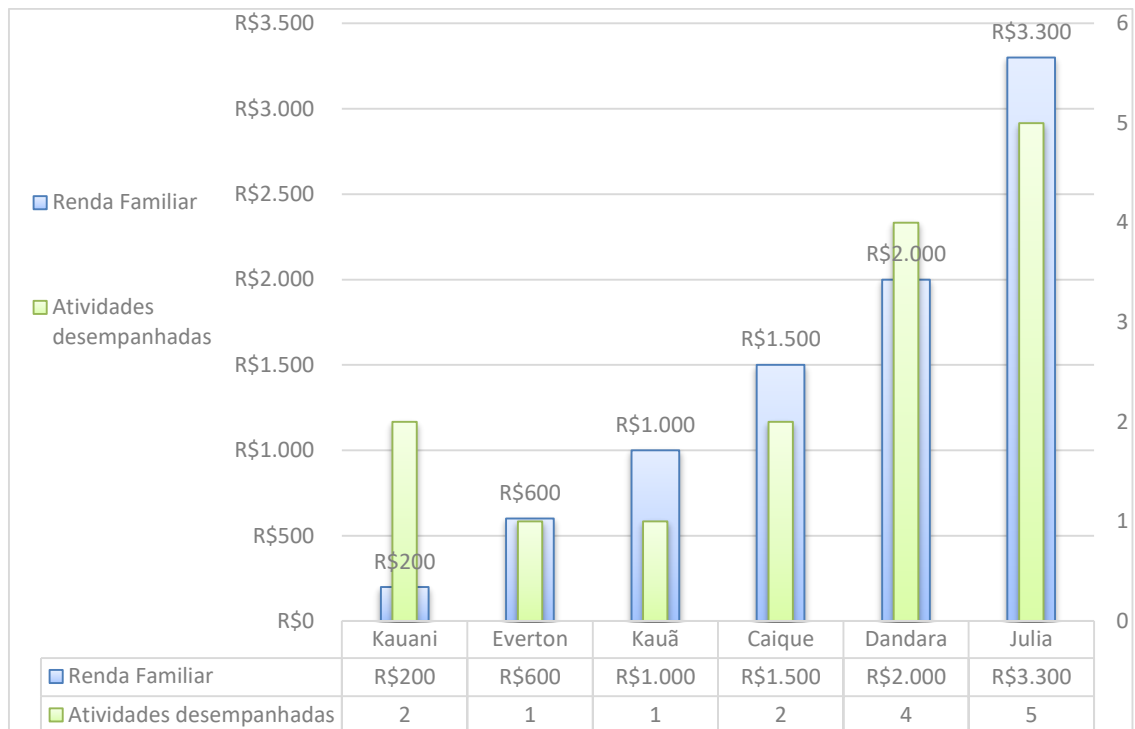
No entanto, mesmo com níveis de formação mais elevados, as mulheres apresentam maiores dificuldades para arrumar emprego e/ou salários menores que os homens em diversas áreas (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2002; CARROCHANO *et al*, 2008; QUEIROZ; GONÇALVEZ; KRÜGER, 2017). Apresentaremos, mais a frente, relatos que reafirmam os dados apresentados por estes estudos.

Podemos apontar como o caso de Everton nos apresenta algumas diferenças, uma vez que, ele é responsável pelo cuidado da casa, nunca trabalhou, nem formal nem informalmente, já havia largado os estudos anteriormente, durante o Ensino Fundamental, e agora está cursando uma escola de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Além disso, a tabela aponta que as jovens mulheres têm um leque maior de realização e envolvimento em atividades.

Um dado interessante que se explicitou, se considerarmos uma separação por gêneros, pode ser apresentado como uma correlação entre a quantidade de atividades desempenhadas por cada jovem e a renda média familiar, serem diretamente proporcionais:

Gráfico 1: Relação entre gênero, atividades desenvolvidas e a renda média familiar



Se, analisarmos as atividades que os jovens realizam de maneira mais qualitativa, incluindo a valorização de cada atividade a partir do discurso de cada jovem, outras diferenciações podem ser correlacionadas com as diferenças econômicas entre eles. Considerando as atividades que são feitas para lazer, as atividades que tem relevância cultural, as atividades que tem fins econômicos e financeiros, entre outros. Os Quadros de 5 a 10¹⁰, abaixo, mostra as atividades apreciadas de forma qualitativa a partir do discurso dos próprios participantes:

¹⁰ As perguntas destes quadros correspondem as perguntas exatas que foram feitas aos jovens no questionário de mapeamento das atividades cotidianas. As respostas dos jovens que compõe a tabela foram copiadas na íntegra do questionário que cada jovem respondeu.

Quadro 5: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Kauani.

	Nome da atividade	Você gosta de realizar essa atividade?	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?	Como você vê a importância desta atividade para sua vida	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como as outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?
Kauani	Curso (Auxiliar de escritório)	Muito	Eu gosto muito, tem muita comunicação e trabalhos onde me ajuda	Um pouco de timidez e ansiedade	Me profissionalizar para ter um trabalho que eu goste	Acho que é algo que eu me dou bem	Talvez, podem olhar e ver que eu quero um futuro bom
	Trabalho (panfletagem ou babá)	Pouco	É algo que eu faço quando as coisas ficam “difíceis”, então não é algo que eu goste de fazer	Sim, precisa ter muita paciência com ambos e eu não tenho muita	Conseguir comprar coisas que eu quero, carregar o passe para o curso	Os dois tem comunicação, sendo ruins ou boas, onde eu vou perdendo a timidez em conversar	Olham e percebem que faço porque preciso e não porque gosto

Quadro 6: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Caique.

	Nome da atividade	Você gosta de realizar essa atividade?	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?	Como você vê a importância desta atividade para sua vida	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como as outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?
Caique	Futebol	Muito	Sim	Desafios sim, pois temos que vencer o oponente	Importante	Na minha condição física, raciocínio e companheirismo	Não
	Música	Muito	Sim	Dificuldades é alguém dá uma oportunidade de você tá mostrando seu trabalho	Importante também pois através das minhas músicas consigo passar o que eu passo	No meu modo de pensar, minhas atitudes	No começo não, mas depois que você fica famoso as pessoas te olham de uma maneira diferente

Quadro 7: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Kauã.

	Nome da atividade	Você gosta de realizar essa atividade?	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?	Como você vê a importância desta atividade para sua vida	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como as outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?
Kauã	Skate	Muito	Liberdade	Persistência	Distrair dos problemas	Melhorar a autoestima	Não

Quadro 8: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Dandara.

	Nome da atividade	Você gosta de realizar essa atividade?	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?	Como você vê a importância desta atividade para sua vida	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como as outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?
Dandara	Igreja católica (Música)	Muito	Quando estou na igreja, quando canto as músicas de Deus, é uma energia forte e muito boa	Algumas como: responsabilidade, tempo...	A importância de ir e participar da igreja pra mim é aonde eu arrumo força, meu equilíbrio	Não sei dizer	Não
	Violão/canto	Muito	Paz, felicidade	Quando treino algo difícil, porque estudo sozinha. E tempo	Eu sou "móvida" a música e arte. Me traz paz	Não sei dizer	Não
	Teclado	Muito	Felicidade em aprender algo que minha vó queria e paz Me sinto bem em ter oportunidade de conhecimento e estudo	Organização e tempo	Levar paz e felicidade e orgulho, Conhecimento e interesse de buscar sabedoria principalmente pra minha vó	Não sei	Não
	Cursinho	Muito		O cansaço, o ônibus		Não sei	Não

Quadro 9: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Julia.

	Nome da atividade	Você gosta de realizar essa atividade?	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?	Como você vê a importância desta atividade para sua vida	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como as outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?
Julia	Grupo de jovens	Muito	Alegria, afeto	Concentração, tempo	Aprendizado com as experiências alheias	Aprendizado sobre a igreja	Sim, como um espelho e/ou crítica
	Leitura	Muito	Felicidade por aprender algo novo	Estragar a preguiça	Saber	Mudança de hábitos	Não
	Ir à igreja	Muito	Realização	Ônibus (falta dele)	Crescimento	Pensamentos	“Tem uma menina de cabelo colorido dentro da igreja”
	Vender bala semáforo	Pouco	Não	Calor, ficar em pé	Dinheiro	Independência	Julgamento
	Arrumar a casa	Pouco	-	Levantar da cama	Higiene	Organização	“Ela ajuda a mãe deficiente”

Quadro 10: Mapeamento e Apreciação das atividades cotidianas de Everton.

	Nome da atividade	Você gosta de realizar essa atividade?	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?	Como você vê a importância desta atividade para sua vida	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como as outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?
Everton	Escola	Muito	É uma sensação boa	A distância e o dinheiro	É importante para o meu futuro profissional e pessoal	Mostra que eu sou capaz, apesar da idade quer terminar os estudos	Sim, como alguém esforçado apesar das dificuldades

Kauani e Everton, que são os dois jovens com rendas mais baixas, mapeiam em seu cotidiano atividades que estão relacionadas diretamente com as suas preocupações em adquirir formação para almejar um futuro financeiramente melhor. Diferente de Dandara, que apesar de mapear uma atividade que tem relação com a prospecção de uma futura faculdade, entende a importância dessa atividade simplesmente como a ‘busca por sabedoria’. Além disso, Everton e Kauani são os únicos que não mapeiam atividades de lazer e/ou atividades culturais.

Quando questiono sobre como as outras pessoas os veem quando realizam as atividades mencionadas, identifica-se outro aspecto que pode estar relacionado com o enfrentamento ao imaginário social sobre o jovem como problema. O trabalho e o curso para Kauani, e a escola para Everton, segundo eles, refletem socialmente uma imagem de jovens mais preocupados com a ideia de um futuro melhor.

Kauã e Caique apresentam apenas atividades esportivas e culturais, compreendendo aqui, o skate como uma atividade esportiva mas, também, como uma expressão cultural. No questionário, as atividades que ambos apresentam tem relação direta com o bem-estar e desenvolvimento pessoal.

Dandara apresenta atividades culturais, práticas religiosas e atividades de estudo. Ela e Julia apresentam as atividades religiosas como sendo muito importantes e com significados relevantes para os modos de vida de cada uma.

Dada a complexidade, as possibilidades de análises e os cruzamentos dos resultados, categorizar e definir marcas ou rótulos parece reduzir as problemáticas à simples somatória de opressões – gênero, raça, classe, sexualidade –, quando, na verdade, precisamos falar sobre a sobreposição dessas problemáticas.

Como uma pesquisa fenomenológica, o que se pretendeu buscar não foi uma síntese ou uma generalização dos fenômenos observados, e sim dar significado as experiências vividas. Para isso, será apresentada primeiro uma análise sobre a experiência corporificada da juventude, e depois uma análise a luz da interseccionalidade das experiências individuais das identidades de cada jovem.

Os resultados são apresentados em três etapas, para discutir a racialização do corpo, a intersecção entre raça e gênero e a invisibilidade das sexualidades fora da heteronormatividade. Para iniciar cada capítulo, apresentaremos narrativas que dizem sobre dois dos seis jovens, tentando estabelecer as relações que estão mais próximas ou

mais atravessadas pelas discussões teóricas apresentadas. Contudo, ao longo das discussões poderão aparecer falas de qualquer um dos outros jovens, demonstrando as interseccionalidades de cada experiência, de cada vida.

5. JUVENTUDES E CORPOREIDADES: CONCEITOS ORGÂNICOS E MUTÁVEIS



Imagem 3: Corporeidades e capoeira. Foto do evento Fest 8.

con.cei.to. *substantivo masculino. Filosofia:* representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade.

Ora, se um conceito representa aspectos da realidade e vivemos numa realidade orgânica e mutável, ao longo da história os conceitos precisam permitir-se transformar.

Mergulhar em uma pesquisa que tem como objeto a categoria jovem é por si só um desafio, uma vez que existe uma multiplicidade de conceitos para/sobre a(s) juventude(s). Segundo Pais (1990), definir o conceito de juventude é um trabalho complexo: seja pela busca por uma definição referente a uma fase da vida e, portanto, pautada em termos etários e biológicos; seja pela definição compreendida por um conjunto de universos sociais.

É preciso considerar que os jovens são diferentes em classe social, sexo, gênero, orientação sexual, cor/raça, crenças, locais de moradia, contexto econômico e vivem de múltiplas formas (CARROCHANO, *et al*, 2008).

Considerando isso, o conceito juventude torna-se, por definição, uma construção social que aponta para diferentes oportunidades, dificuldades e exercício de poderes nas sociedades (PAIS, 1990; ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007). E aponta também a existência de diversas expressões e culturas juvenis que se manifestam através de “conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas” (PAIS, 1990, p. 140). Não sendo possível tratar de uma única juventude mas, sim, de juventudes.

5.1. Conceituando Juventudes

À medida que estabelecemos que não existe uma juventude e, sim, juventudes, é preciso falar sobre elas, suas expressividades, historicidades e contextos. Para, só então, compreender quais os parâmetros e os padrões que exercem forças sobre a construção social dos grupos juvenis.

Do ponto de vista jurídico, no Brasil, o Estatuto da Juventude define como jovens todas as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, e divide os jovens em três categorias etárias: adolescente-jovem, com idade entre 15 e 17 anos; jovem-jovem, entre 18 e 24; e jovem-adulto, entre 25 e 29 anos (BRASIL, 2013).

Entretanto, parece ser insuficiente afirmar que as pessoas compreendidas em seus cursos de vida, nessas faixas etárias, respondem a características em comum. Afinal, a

vida é mais que um curso natural e biológico, é social, histórico e datado. Atualmente, a realidade nos mostra que não existe um único tipo de juventude, mas uma pluralidade de grupos juvenis heterogêneos, marcados por inúmeros estereótipos e identificadores, como por exemplo, classe social, gênero, raça, sexualidade, entre outros (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Portanto, para falar sobre juventudes brasileiras, precisamos nos atentar aos processos sociais e as conjuntas políticas e econômicas que influenciam a construção deste conceito que atua como dispositivo visibilidade e invisibilidade, de possibilidades e dificuldades para os jovens de determinados seguimentos sociais

Esta pesquisa nos dá recortes importantes: a classe socioeconômica e o espaço geográfico de habitação dos jovens participantes. Jovens pobres e moradores de uma periferia urbana, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Sobre os quais refletiremos ao longo do texto, apresentando também outros recortes.

Para isso, nos embasamos, em primeiro lugar, na Sociologia das Juventudes, que é um campo que nos oferece uma vasta gama de teorias sobre os conceitos de juventudes e, por isso, adotaremos alguns percursos indicados por este campo.

Mundialmente, o conceito de juventude como uma categoria populacional data do século XVIII, cujo função social era dizer sobre a categoria que deveria aprender valores e regras sociais para encaixar-se na sociedade quando chegasse a vida adulta (TAVARES, 2012). No entanto, com os processos de industrialização europeus e a adoção de modelos de economia capitalista, produziu uma série de violências e transformações sociais, construindo outras concepções sobre a juventude e os jovens, e que acabaram atribuídos às camadas mais pobres, formando uma ideia de criminalidade juvenil (TAVARES, 2012).

No Brasil, a temática da juventude se desencadeia a partir da modernização e da industrialização da década de 1950, que promoveram transformações na estrutura da sociedade brasileira. Assim, a primeira vez que a temática é discutida amplamente no país, constitui-se como uma problemática da sociedade moderna resultante da construção social, histórica e econômica, e de transformações na configuração da vida e da sociedade civil urbana e industrial (ABRAMO, 1994).

O industrialismo e as transformações sociais, que aconteceram tardiamente no contexto brasileiro, provocaram uma série de violências urbanas e capitalistas que

aumentaram a sistematização de desigualdades sociais que já vinham do período de colonização. Para as camadas mais pobres – e predominantemente, negras -, restou a marginalização e os estigmas da marginalidade (FERNANDES, 2008).

Apesar deste imaginário relacionado à criminalidade e à marginalidade, os primeiros estudos brasileiros sobre juventude sofreram influência do que se entendia como a “cultura jovem” dos anos 1950 e 1960, que tinha uma íntima relação com o bem-estar social dos jovens oriundos das camadas economicamente mais favorecidas (TAVARES, 2012).

É importante considerarmos que o desenvolvimento de políticas públicas acompanhou e deu legitimidade para as transformações do conceito de juventude ao longo da história. Assim, faz-se importante pontuar que, nesta época, as políticas públicas para a juventude brasileira estavam voltadas para a ampliação da educação e para o uso do tempo livre (SPOSITO; CARRANO, 2003). Para Abad (2002), esse período consolida a moratória social do jovem.

Em paralelo, a massificação do uso da televisão em nível globalizado e a difusão de poderosas indústrias culturais, promoveram um contraste geracional entre a cultura juvenil e a cultura adulta, marcado pela revolução sexual, pelo consumo cultural juvenil e a participação política dos jovens universitários.

O uso do tempo livre dos jovens passou a preocupar o governo que fomentou programas esportivos, recreativos e campanhas de saúde preventivas, para os quais a finalidade era censurar comportamentos considerados problemáticos entre os jovens, como o uso de drogas e as práticas sexuais libertárias (ABAD, 2002).

Nesse sentido, os estudos sobre as juventudes brasileiras, até a década de 1970, se homogeneizava a partir da população universitária, e gerava estereótipos que não consideravam as classes juvenis trabalhadoras, invisibilizando todas as questões relacionadas à raça e gênero, e outras identidades das juventudes que não estavam dentro das universidades (TAVARES, 2012).

Na década de 1970, a juventude passou a ser vista como categoria econômica pelo sistema capitalista definitivamente instaurado no país. Propagando um processo de expansão da pobreza no Brasil que causou dificuldades para a entrada no mercado de trabalho, afetando os jovens das camadas mais baixas. Em decorrência desta nova

problemática, os estudos sobre as juventudes marginalizadas foram retomados (SPOSITO; CARRANO, 2003).

A produção bibliográfica sobre juventude e violência aponta sempre para o jovem pobre das periferias urbanas, colocando-os como centrais nas discussões sobre a formação de gangues nos cenários urbanos brasileiros. Essas construções trouxeram fortes influências de estudos que foram desenvolvidos na Escola de Chicago, entre 1920 e 1930, e delinearão os conflitos violentos que marcaram os processos de urbanização e globalização no Estados Unidos (WAISELFISZ, 1998).

O balanço da biografia sobre juventude demonstra que predominam as análises que enfocam o lado dos problemas dos jovens, suas atitudes “desviantes”, manifestas em rebeldias, revoltas e delinquências. Observa-se também uma certa polarização nos estudos com concentração em jovens que se encontram excluídos do processo de integração social (WAISELFISZ, 1998, p. 158).

Na década de 1990, depois da redemocratização brasileira, os jovens passaram a ocupar um local de protagonismo nos movimentos sociais. Num período importante para implementação de políticas públicas e de ascensão das pautas identitárias entre os movimentos, podemos destacar as manifestações das jovens feministas e dos jovens do movimento negro (RAMOS, 2014).

Havia uma expectativa com relação a participação política dos jovens, principalmente os universitários advindos das classes médias, que conseguiam inserir-se nos contextos das universidades públicas, sendo, inclusive, parte da população propulsora dos movimentos estudantis desde o final da década de 1980 (SOUZA, 2009).

Segundo Sposito e Carrano (2003), de 1995 a 2002, foram identificados 30 programas federais de políticas públicas para a juventude localizados em diferentes Ministérios, sendo: cinco no Ministério da Educação; seis no Ministério de Esporte e Turismo; seis no Ministério da Justiça; um no Ministérios de Desenvolvimento Agrário; um no Ministério da Saúde; dois no Ministério do Trabalho e Emprego; três no Ministério de Previdência e Assistência Social; dois no Ministério de Ciência e Tecnologia; dois no Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República; um no Gabinete do Presidente da República; e um voltado para a integração de ações de 11 projetos/programas focados em jovens, no Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão.

Considerando que, a juventude estudantil teve uma boa parcela de contribuição para a formulação e reivindicação das políticas para juventude nesse período, havia uma preocupação em identificar os grupos juvenis a partir de consumos culturais e de lazer (SOUZA, 2009). Entretanto, a juventude pobre e periférica, tida como problema, precisava de uma maior atenção, já que tinha-se em vista a manutenção da ordem social e a expansão do desenvolvimento econômico e produtivista do país.

Assim, as principais ações pensadas pelo governo tinham caráter educativo, e tinham como foco a prevenção da drogadição, da gravidez precoce, da transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), da criminalidade e da inserção do jovem no tráfico, situações as quais tinham como principal ator os jovens e as jovens negros da periferia (SPOSITO; CARRANO, 2003; SPOSITO, 2007).

A violência também era uma temática recorrente em torno da juventude, tendo o jovem, tanto como vítima de inúmeras violências, quanto os grupos juvenis que estavam se organizando em torno de ações violentas e da criminalidade (SPOSITO, 2007).

No final dos anos 1990, o desemprego era uma realidade vivida por muitos jovens periféricos, sendo reconhecido como um importante problema social e também como um propulsor para a entrada dos jovens no tráfico de drogas. Assim, investiu-se, principalmente, nos programas de inclusão social (CAIRES, 2016). Nesse momento, conclui-se que os jovens quase não tiveram voz durante a formulação de políticas públicas e sociais, pois eram vistos apenas como um problema social que precisava ser contido e resolvido (SPOSITO, 2003).

No início do anos 2000, com a criação das Políticas Públicas de Juventude, o Governo Federal, presidido pelo então presidente Luís Inácio (Lula) da Silva, consolidou o compromisso com a democracia brasileira e o ideal de inclusão social, dando prioridade à juventude, estimulando o desenvolvimento de novas ações e de práticas que buscaram garantir direitos básicos e oferecer oportunidades aos jovens brasileiros, principalmente aos jovens pobres (BRASIL, 2006).

Também marcou a virada do século, a crescente desigualdade social e econômica resultante das políticas neoliberais do país e da América Latina que, combinadas com o aumento do tráfico de drogas e com o aumento da violência policial, transformaram as periferias das grandes cidades em territórios extremamente violentos e aglomerados de pessoas (CAIRES, 2016).

Diante dos apontamentos para as diversas violências físicas e simbólicas que os jovens da primeira década do século XXI estavam sofrendo, o governo investiu em uma série de programas federais em 19 Ministérios, abrindo-se para uma nova e interessante perspectiva sobre o conceito de juventude:

Ainda que esta perspectiva seja importante, ela é insuficiente, pois é preciso considerar as heterogeneidades da juventude. O universo juvenil é complexo, compreende múltiplas singularidades que precisam ser levadas em consideração na elaboração e implementação de políticas públicas. Diante do desafio de inovar esta concepção, o Governo Federal passou a reconhecer que a juventude não é única, mas sim heterogênea, com características distintas que variam de acordo com aspectos sociais, culturais, econômicos e territoriais. Este novo olhar inaugurou uma nova concepção de política pública, que considera a juventude como um segmento social portador de direitos e protagonista do desenvolvimento nacional (BRASIL, 2006, p. 6).

As proposições do novo governo alinhado com as pautas democráticas e com o compromisso de dar voz as juventudes, também foram responsáveis pela organização e pelo acontecimento da Comissão Especial de Políticas Públicas de Juventude que, em 2004, propôs o Plano Nacional da Juventude (SPOSITO, 2007).

Inúmeras pautas foram levantadas pelos próprios jovens, principalmente no que se refere aos direitos não alcançados. Para tentar dar conta das demandas, o governo promoveu ações, com destaque para o Programa ProJovem, que tinha como objetivo a inserção social e no trabalho, atingindo, em sua grande maioria, os jovens periféricos (SPOSITO, 2007).

Embora o programa tivesse a intenção de implementar estratégias para as juventudes pobres, segundo Silva (2011b), o ProJovem não conseguiu dar conta das demandas específicas da juventude periférica, pois incluía os jovens num sistema de distribuição de renda sem ofertar qualificações ou vagas de emprego que fossem, de fato, efetivas.

Ainda assim, a valorização da voz da juventude durante os governos de Lula e Dilma, promoveu uma maior participação de grupos culturais juvenis, entre eles os grupos femininos, os grupos de jovens negras e negros, os grupos de afirmação das diversidades sexuais, os grupos de jovens indígenas e os grupos de jovens com deficiência que, ainda que estivessem em menor número, colocavam em pauta suas reivindicações nos espaços democráticos e de luta por demandas específicas para políticas públicas, podendo ser

fortalecer enquanto movimentos sociais e políticos protagonizado por jovens (CAIRES, 2016).

Esses grupos faziam uso de diversas expressões artísticas e culturais, como o rap, por exemplo, para fazer suas reivindicações (CAIRES, 2016). A expressão artística e cultural dos corpos juvenis promoviam uma articulação entre as identidades coletivas e dava espaço para as expressões singulares e subjetivas das necessidades de cada grupo.

Para Sposito (2003), o desenvolvimento de políticas para as juventudes tem avançado, principalmente, no que diz respeito a concepção de juventudes, no plural, com a intenção de dar conta da diversidade existencial deste grupo da população brasileira. No entanto, reafirma que o imaginário social sobre a juventude como um problema perdura até os dias atuais e atuam, direta e hegemonicamente, no desenvolvimento de políticas públicas para os jovens.

É comum, em países mais desenvolvidos, que os jovens entrem no mercado de trabalho ao final do processo educacional, marcando sua entrada na vida adulta pela inserção no trabalho. No entanto, a realidade brasileira é um pouco diferente, e é muito comum que jovens, principalmente os de baixa renda, acumulem trabalho e escola (CARROCHANO *et al*, 2008).

Tendo em vista a maior dificuldade dos jovens negros em acessar e concluir os estudos, podemos concluir que, além das desigualdades socioeconômicas, as desigualdades geradas pela questão racial estão presentes no âmbito escolar. E ainda, os homens tem um acesso facilitado ao trabalho, assim, a população feminina se mantém por mais tempo na vida escolar (CARROCHANO *et al*, 2008).

Assim, fica raso dividir as juventudes em dois polos opostos: a juventude rica e a juventude pobre e periférica. Há ainda outros fatores que precisam ser incorporados à corporeidade juvenil: a juventude feminina, a juventude negra, a juventude LGBT+¹¹, a juventude de pessoas com deficiências, entres outras tantas manifestações possíveis, subjetivas e singulares das juventudes.

¹¹ Não há um consenso para o uso da sigla referente às sexualidades não heterocisnormativas. Atualmente, a sigla mais completa abarca 13 expressões de gêneros e sexualidades, LGBTQQICAPF2K+. No entanto, existem inúmeras problematizações em torno da utilização desta sigla e, por convenção, a sigla mais utilizada é LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais). A adição do símbolo “+” a sigla significa que existem outras identidades de gêneros e sexualidades para além destas representadas. Assim, adotarei esta sigla em toda a construção do texto.

5.2. A corporeidade juvenil: deslocamentos de conceitos sobre o corpo

O reconhecimento das juventudes perpassa pelas expressões, representações e atuações corporais. Afinal, é através do corpo que os jovens se experimentam e se exploram, se expressam e se reconhecem enquanto pessoas autônomas, apresentadas e representadas no e para o mundo (FERREIRA, 2011). Pela mesma forma, socialmente, são nutridos desejos, valorização e mistificação sobre o ideário e o imaginário do/sobre o corpo juvenil.

Os jovens que não pertencem aos padrões estéticos, estão em um campo conflituoso da existência e da subjetividade. O corpo, ao longo da história, foi marcado e explorado para classificar e hierarquizar grupos diferentes, pois o corpo expressa os princípios estruturais da vida em sociedade (GOMES, 2003).

Se vamos compreender as juventudes para além dos parâmetros biológicos das fases da vida, precisamos estabelecer que corpo juvenil é esse que se molda e se transforma, e que tem potência para transformar a sociedade. Estabeleceremos um conceito que compreende o corpo humano para além do conceito biológico, anatômico, funcional e binário do ser.

O conceito de corpo acompanha o desenvolvimento do pensamento humano, da filosofia e da ciência há milhares de anos. Uma ideia sobre o corpo segmentado, funcional e mecanicista, no pensamento anglo-saxão, tem suas origens com Platão que, na Grécia Antiga, propagou a ideia de que o ser humano era constituído por duas substâncias distintas: o corpo físico e a alma (ORLANDI, 2004).

Para ele, a alma era superior ao corpo, e o corpo era mera prisão da alma que, quando encarnada, carregava doenças, paixões e medos. Por esta perspectiva, um indivíduo apenas atingiria o desenvolvimento pleno através da punição ou do abandono total do corpo físico (GUERRA NETO, 2002; ORLANDI, 2004).

Impulsionado pelo cristianismo europeu, o pensamento de Platão disseminou-se durante a Idade Média, transformando o corpo em território de pecado, para o qual a dor tornou-se mais importante que o prazer (CASSIMIRO, *et al*, 2012).

No final do século XVII, Descartes, no contexto francês, influenciado pelo pensamento de Platão, desenvolveu um pensamento mecanicista e binário sobre o corpo

humano que o comparava ao funcionamento de um relógio: os órgãos do corpo seriam como as engrenagens do relógio (ORLANDI, 2004; GONÇALVEZ, 2009).

Foi esse pensamento mecanicista de Descartes que possibilitou que uma variedade de pensamentos biologizantes e clínicos se consolidassem entre os séculos XVII e XIX, principalmente no campo da medicina que já contava com o avanço de tecnologias que permitiam explorar e fragmentar o corpo, permitindo buscas para entender o funcionamento dos órgãos e os atributos da mente (COURTINE, 2012).

No século XIX, a Revolução Industrial, na Inglaterra, contribuiu para as que intervenções invasivas e explorações do corpo humano fossem realizadas mais intensamente. Aclamadas pelo crescimento dos conhecimentos dentro de diversas áreas da medicina, que sentiam a necessidade de manter os corpos habilitados para o trabalho em busca do aumento da produtividade (FAURE, 2012).

Esse pensamento estabeleceu uma relação direta com os modos econômicos liberais e capitalistas e ganharam uma força global, impulsionando a convicção sobre a necessidade de uma classe trabalhadora altamente funcional (GONÇALVEZ, 2009).

Karl Marx, passado um tempo da Revolução Industrial, em Londres, fez considerações sobre o corpo humano e as produções industriais, começando a incorporar alguns aspectos sociais que ele acreditava influenciarem no desenvolvimento do corpo. Para o autor, o sujeito transformava a sociedade à medida que a sociedade o transformava, e sua constituição corpórea era resultado das ações produtivas que fazem parte da história de vida de cada um (GONÇALVES, 2009).

Por força de trabalho ou capacidade de trabalho, compreendemos o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais, ele põe em ação toda a vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie (MARX, 1982, p. 187).

Neste momento, vários campos médicos se desenvolveram e se consolidaram em todo o continente europeu. A psiquiatria passou a se preocupar exclusivamente com os estudos sobre a mente humana e em desvendar os mistérios sobre os comportamentos humanos. A fim de encontrar formas de controlar comportamentos considerados desviantes, como, por exemplo, a loucura, a criminalidade, a prostituição, entre outros, que causavam problemas para a manutenção da ordem social e para produtividade no trabalho (FAURE, 2012).

A religião católica, que perdeu espaços da hegemonia teocêntrica que predominava até então, buscou na sexualidade humana local de reafirmação dos pecados do corpo e incentivo da auto punição, condenando, sobretudo, os atos que tivessem como finalidade o prazer (GONÇALVES, 2009). E encontraram respaldo nas leis e na psiquiatria como dispositivos de controle, para punir tudo o que era considerado como desvio sexual (FOUCAULT, 1999).

O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Enquanto os valores morais e cristãos tentavam colocar os prazeres do corpo em segundo plano, nas artes, o romantismo havia surgido como um movimento artístico e político para contrapor o racionalismo e o iluminismo da época. Ao contrário do que pregava o pensamento racional e os valores morais e sociais europeus, o romantismo escarava o sentimentalismo e a subjetividade, e exaltava os estudos do corpo nu, principalmente os corpos femininos (ZERNER, 2012). Os pintores dessa época se preocuparam em observar modelos nus e retratar a beleza dos corpos da forma mais realista possível, impulsionando a pintura realista da época (ZERNER, 2012).

Ao mesmo tempo, Friedrich Nietzsche retomava uma ideia de valorização do corpo que havia se perdido um pouco no contexto europeu entre os séculos XV e XVI, em detrimento da hegemonia dos valores e dogmas católicos.

Aos que desprezam o corpo tenho uma palavra a dizer. Não lhes peço para mudar de opinião e de doutrina, mas somente para se desfazerem de seu próprio corpo e dessa maneira se tornarão mudos. ‘Eu sou corpo e alma’ – assim fala a criança. E porque não haveríamos de falar como as crianças? Mas o homem desperto, aquele que sabe diz: ‘Eu sou todo corpo e nada mais. A alma é apenas designativa de qualquer coisa do corpo’. [...] Sentidos e espírito não passam de instrumentos e brinquedos. Por detrás deles se encontra o Em si. O Em si utiliza-se dos olhos dos sentidos para se informar e escuta com os ouvidos do espírito. O Em si está sempre à escuta, confronta, submete, conquista, destrói. Comanda e é também soberano do Eu. [...] Aos que desprezam o corpo quero dizer uma coisa. Aquilo que desprezam é o que faz com que eles sintam estima. Quem criou estima e desprezo, valor e vontade? [...] Eu não sigo vosso caminho, desprezadores do corpo! Para mim, não sois pontes que levam ao super-homem! (Nietzsche, s/d, 52-54).

Nietzsche contrapõe e abandona completamente a ideia de culpabilização do corpo e os valores morais estabelecidos pela igreja Católica até então. Para ele o corpo é o nosso guia mais confiável e efetivo para viver a vida, sendo os instintos, os sentidos e os afetos aqueles que nos permitem habitar e compreender a realidade e gerar os pensamentos (BARRENECHEA, 2002).

A proposta nietzschiana é de valorização do corpo e da terra (natureza), e significa uma transmutação de todos os valores afirmados e reafirmados ao longo da história. O pensamento nietzschiano marca a inversão do pensamento que historicamente prezou pela desvalorização do corpo físico em relação a alma (ou a mente), e compreende que o corpo determina todas as possibilidades de ser, sentir, agir e pensar (BARRENECHEA, 2002).

No século XX, o pensamento pós-moderno na Europa, principalmente com uma grande contribuição de estudiosos franceses, nos direcionou para novas concepções sobre o corpo. Neste contexto, pode-se destacar Merleau-Ponty (1945), filósofo e fenomenólogo, que estudou o corpo humano a partir da experiência e da percepção, se destacando muito nos estudos sobre o aprendizado da linguagem.

Merleau-Ponty inaugurou o uso do termo corporeidade, em 1945, em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, quando diz que

A solução de todos os problemas de transcendência se encontra na espessura do presente pré-objetivo, em que encontramos nossa corporeidade, nossa sociabilidade, a preexistência do mundo, quer dizer, o ponto de desencadeamento das "explicações" naquilo que elas têm de legítimo — e ao mesmo tempo o fundamento de nossa liberdade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 580).

Para o autor, a corporeidade é a zona dos acontecimentos, é o território através do qual os seres veem o mundo e são vistos no mundo, é espaço de aprendizagem, de experiências, é local da própria existência (MERLEAU-PONTY, 2011). O corpo é desejo, libido, projeção, introjeção e identificação do próprio Eu, e ganha forma no acontecimento, na experiência (MERLEAU-PONTY, 2011). Portanto, o corpo não está no espaço, ele é no espaço.

Silva (2011a), estudioso de Merleau-Ponty, nos explica que essas definições são uma redefinição da situação humana em relação as suas capacidades racionais, uma vez que, se compreende que os aprendizados da razão acontecem senão pelo corpo. Não existe, portanto, pensamento sem a carne (SILVA, 2011a).

Partindo dessa perspectiva da experiência encarnada, Merleau-Ponty trabalhou com o conceito de subjetividade que, para o autor, deixa de ser referente a algo exclusivamente interior, como a psiquiatria havia definido séculos antes, e passa ser a própria expressividade do corpo, num sistema “*eu-outro-as coisas*” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 90), o qual refere-se mais a expressividade externalizada e coletivizada, do que sobre as percepções internalizadas e individuais.

Altera-se também a compreensão de espaço-tempo, criando a noção de uma espacialidade e uma temporalidade expressa pela subjetividade, isto é, se o corpo é no espaço, este também está sujeito na relação e no acontecimento. À medida que os corpos se relacionam com o mundo e o mundo se relaciona com os corpos, o espaço se transforma na zona de consciência e, assim, se torna a espacialidade do corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 2011).

Descrevamos em primeiro lugar a espacialidade do corpo próprio. Se meu braço está posto sobre a mesa, eu nunca pensaria em dizer que ele está ao lado do cinzeiro do mesmo modo que o cinzeiro está ao lado do telefone. O contorno de meu corpo é uma fronteira que as relações de espaço ordinárias não transpõem. Isso ocorre porque suas partes se relacionam umas às outras de uma maneira original: elas não estão desdobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 143).

Dessa forma, compreendemos que corpo é mais do que a junção dos órgãos e dos pensamentos, é mais do que a funcionalidade orgânica, química e fisiológica dos componentes corporais, é mais do que a soma do corpo e do espaço.

Para Merleau-Ponty, o *corpo habitual* não existe descolado do *corpo atual* (MERLEAU-PONTY, 2011). Em outras palavras, para o autor, não faria sentido pensar o que é habitual para um corpo, se não pensarmos o corpo fixado num tempo e espaço.

A partir desses pensamentos, Merleau-Ponty desenvolveu um *esquema corporal* para tentar explicar o que é ser-no-mundo, que seria, para além das descrições das percepções das formas cenestésicas de sentir um corpo físico-químico-mental, a maneira de expressar um corpo no mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

A partir deste *esquema corporal* pensado por Merleau-Ponty, Frantz Fanon, psiquiatra e fenomenólogo negro, ao estudar o adoecimento emocional de pessoas negras, propõe pensarmos um *esquema corporal histórico-racial*.

Fanon, nascido na Ilha de Martinica, território de colonização francesa, considerada um departamento ultramarino insular da França, localizada no Caribe, acreditava que o desenvolvimento do esquema corporal do negro acontece como uma atividade de negação construída pelo outro. Este outro, no caso, os colonizadores brancos.

Elaborei, abaixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos “resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual”, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos (FANON, 2008, p. 105).

Para o autor, um único desejo enunciava-se: desejava ser um homem como um outro qualquer, e não um homem negro. Fanon (2008), afirma que ser um homem negro é como ser triplamente, porque tem que ser a si próprio, tem que ser seus ancestrais e tem que ser toda a sua raça.

Assim, temos que um corpo pode se constituir a partir de valores culturais e padrões estabelecidos por outrem. A zona de corporeidade que se estabelece transcende a corporeidade do próprio ser. Ela se localiza numa historicidade e numa cor de pele. Historicidade porque não está em um momento único e específico da história, e sim no acontecimento total da história até o momento presente.

O corpo negro assume para si não um esquema da experiência do próprio corpo, mas um esquema a partir do olhar do branco. Um ser-no-mundo que é atravessado por um não-ser-branco-no-mundo. Uma vivência deslocada de uma origem epidérmica, sem uma memória de cultura, num isolamento social e econômico, com pouca possibilidade de expressão artística e espiritual, para a qual a história única é a exploração, seja para o negro retinto ou para o negro mestiço (GOMES, 2003; FANON, 2008)

O corpo torna-se expressão da sociedade, e traz estampado e rotulado sinônimos de hierarquias, símbolos de status, poder e riqueza entre pessoas de um mesmo grupo ou de grupos diferentes (GOMES, 2003). No processo histórico e cultural brasileiro, os negros, principalmente as mulheres, constituíram sua corporeidade através de intensos movimentos de rejeição e negação, e o corpo negro simboliza o que a sociedade brasileira pretende negar

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. São estratégias para retirar do negro o status de humanidade. Talvez seja esta uma das

piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo são estabelecidos padrões de superioridade/ inferioridade, beleza/feiura (GOMES, 2003, p. 80).

Assim, sua existência está em um não-lugar, um não-ser. A sociedade e os homens brancos determinam o lugar do negro e se distancia. E neste momento, é quando o esquema corporal do negro desmorona. Assim, ele aprende que seu esquema corporal, na verdade, é um “*esquema epidérmico racial*” (FANON, 2008, p. 105), que além de compor-se pelo não-ser, carrega a pesada história escravista de seus ancestrais.

No entanto, também não podemos acreditar que este corpo negro está fadado a inferioridade. É preciso enfrentar os padrões que nos são impostos enquanto corpo, enquanto corporeidades capazes de transformar o espaço.

Para Gomes (2003), não basta sairmos do lugar de rejeição e ir para o lugar de aceitação. É preciso mais. É preciso, sobretudo, caminhar em direção pertencimento e a identificação étnico racial, individual e coletiva.

O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo, atuante presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e acorrentado como lamentavelmente nos é apresentado. (GOMES, 2003, p. 81).

Precisamos contar outras história para cada corpo que não seja a história colonizadora dos homens brancos heterossexuais. Para um corpo negro, precisamos constar as histórias que não a da colonização branca. Para o corpo feminino, as histórias que não a da dominação masculina. Para o corpo homossexual, as histórias que não a da heteronormatividade. Para o corpo transexual, as histórias que não a da cisnormatividade. E para os corpos jovens, uma história que não seja uma única sobre os dilemas sociais.

5.3. Terapia Ocupacional, Juventudes e Corpos: uma perspectiva sobre as identidades

Neste capítulo, iremos apresentar um percurso histórico e epistêmico na/para a Terapia Ocupacional, trazendo enfoques relevantes sobre juventudes, identidades estigmatizadas e corporeidades.

A Terapia Ocupacional, como campo do saber, institucionalizou-se no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960, num momento em que as ciências biológicas e

medicocentradas exerciam hegemonia no cuidado em saúde, com fortes influências de visões mecanicistas das ocupações para a profissão (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001; ALMEIDA, 2004; CARDINALI, 2016).

Enquanto campo, no Brasil, a Terapia Ocupacional herdou práticas advindas de outros modelos biomédicos anglo-saxões. No âmbito da reabilitação de doentes mentais, os terapeutas ocupacionais herdaram práticas psiquiátricas dos contextos europeus, desenvolvidas nos séculos XIX e XX, e no âmbito das disfunções físicas, os modelos de reabilitação física estadunidenses foram as principais influências (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Estes modelos de atenção fundamentados em bases biológicas, faziam uso de atividades monótonas e repetitivas, a fim de sanar o ócio dentro das instituições e, ao mesmo tempo, com poucas preocupações em adaptar ou inserir os indivíduos em suas comunidades (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001). Segundo Soares (1991), a Terapia Ocupacional brasileira, surge então de dois processos: o tratamento de doentes crônicos em instituições de longa permanência e o tratamento de incapacitados fisicamente.

No campo epistêmico, terapeutas ocupacionais se apropriaram de concepções e ideias sobre corpo humano, ocupações e as atividades pautadas nas ciências médicas, mecanicistas e biológicas, de caráter clínico e funcional, que compartimentalizam o corpo em seguimentos funcionais e não funcionais (ALMEIDA, 2004).

Essas concepções mais tradicionais apresentam noções biomédicas de um corpo que funciona seguindo leis fisiológicas e biológicas (órgãos, tecidos, membros), e consideram o corpo a partir de uma perspectiva positivista e hegemônica na qual se decodifica as partes para se compreender o todo, tal como, compartimentaliza suas capacidades, habilidades e funcionalidades (AMBROSIO; SILVA, 2017).

Embora essas concepções tenham sido muito importantes para o desenvolvimento dos trabalhos e dos estudos em Terapia Ocupacional, os contextos sociais, culturais, econômicos, e políticos, produziram demandas para as quais esses modelos e concepções passaram a ser insuficientes. As atuações de terapeutas ocupacionais que precisaram compreender a historicidade e os contextos em que as pessoas viviam, trabalharam para desenvolver outras e novas concepções e perspectivas.

Acompanhando o crescente dos movimentos sociais, entre os anos de 1970 e 1980, em consonância com o movimento de abertura política, redemocratização brasileira, e

crescimento das lutas sociais, emergiu um forte pensamento crítico, entre as terapeutas ocupacionais, que pautava a necessidade de reconstrução da cidadania plena e mostrava interesse em compreender os meandros das dinâmicas sociais, culturais e econômicas das populações historicamente excluídas e estigmatizadas (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Ao nos tornarmos críticos, ampliou-se a necessidade de sermos críticos em relação às ideias, conceitos, e ações, tanto no campo prático como no campo epistêmico, produzindo outras perspectivas sobre as atividades humanas e os corpos humanos, que nos libertassem das correntes do funcionalismo e da normalidade e pudessem nos aproximar das identidades plurais.

Trazer essas ideias para a Terapia Ocupacional possibilitou repensar e deslocar os sentidos sobre o corpo humano. A ideia centrada no fazer para reabilitar, fragmentava e padronizava os corpos e suas funcionalidades, e foi utilizada por muitos anos, sendo hegemonicamente aceita e disseminada, sobretudo na reabilitação física e neurológica (ALMEIDA, 2004).

No entanto, essas outras práticas terapêuticas ocupacionais que emergiram, necessitaram de um conceito de corpo que abrangesse mais do que a funcionalidade, e que desse conta de compreender o ser humano em diversos contextos e ambientes. A concepção de ser humano funcional e de corpo fragmentado em elementos biológicos, psicológicos e sociais, foi colocada sob outra perspectiva de compreender o corpo em movimento, em ação, engajado nos fazeres cotidianos, inserido em contextos e grupos sociais e que viabilizava a construção de espaços de vida e de expressão das diversidades (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Os desdobramentos desse pensamento crítico e de novas perspectivas de compreensão do ser culminaram na construção de novos campos de reflexão, de produção de conhecimento e de prática profissional. Práticas preocupadas com os contextos sociais, que perceberam as pessoas como “um ser social, inserido num processo cultural e em práticas históricas, e não como um somatório de partes fragmentadas” (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, p. 98).

Discutia-se uma Terapia Ocupacional que se preocupasse com problemas e necessidades concretas das populações com as quais trabalhava-se, pautando o papel social e emancipador das atividades humanas (LOPES, *et al*, 2002).

Ao rever suas ações, as terapeutas ocupacionais passaram a entender seu papel de articulador social, e perceberam a necessidade de constituir novos campos de conhecimento teórico e prático, refletindo o domínio dos saberes em âmbito macroestrutural e conceitual, político, pessoal e coletivo (GALHEIGO, 1999).

Produziram-se compreensões sobre o corpo em movimento, diversidade, corpo social e relacional, que nos fizeram caminhar na direção de repensar as atividades humanas para além do treinamento, da repetição, promovendo ressignificações do cotidiano que possibilitaram pensar nas subjetividades das populações (GALHEIGO, 2003).

Almeida (2004) defende que as terapeutas ocupacionais precisam superar os paradigmas funcionalistas do corpo, e caminharem na direção de uma perspectiva mais filosófica sobre o corpo humano, que compreende a atividade humana integrada ao corpo, considerando que o corpo é o meio de experimentação de si e do mundo. É pensar o corpo num espaço-tempo, formado pelas inscrições históricas e culturais, pelas experiências vividas, produto e produtor de subjetividades, culturas, sociedade, poderes, opressões e desejos, e saber que, como terapeuta ocupacional, irá provocar transformações neste corpo (ALMEIDA, 2004).

Para nos deslocarmos dessas produções que reproduzem estigmas, precisamos também adotar outras concepções de corpo. Para Saraceno (2011), a adoção do modelo biomédico sobre a concepção do corpo, nos coloca presas a um paradigma positivista e obsoleto. Para ele

Os fatores macrossociais, as diferenças culturais, os eventos externos e extremos, as condições socioeconômicas, a falta de apoio social adequado, o ambiente relacional adverso, são todos fatores totalmente ou relativamente independentes das características biológicas ou psicológicas de um indivíduo (SARACENO, 2011, p. 95).

Todavia, ele aponta que

seria um erro se limitar a somar a condição social às dimensões psicológica e biológica para compilar simplesmente uma lista de fatores causais ou de risco. A operação conceitual e prática necessária é muito mais complexa: trata-se de gerar uma abordagem global da doença e da saúde, na qual também os modelos teóricos (e as práticas de intervenção) sejam mais articuladas, interdisciplinares e inovadoras e não se limitem a somarem prescrições (remédios) como a receita de um médico muito confuso (SARACENO, 2011, p. 95).

Com isso, o autor quer dizer que reconhecer que os contextos, os ambientes e os fatores psicossociais fazem parte de um corpo, não quer dizer apenas somar todos os elementos, mas compreender que há uma organicidade, uma interdependência, localizada no corpo e no acontecimento, entre todos esses fatores.

Para Castro *et al* (2011), reconhecer este corpo a partir da compreensão da corporeidade é afirmar um conjunto de sensações e emoções que são despertadas quando em conexão com outros corpos, outras corporeidades, produzindo o movimento da vida e da existência, por meio do fazer.

Precisamos considerar ainda, que o entendimento de corporeidade é resultado de constructos sociais, e em sua expressão traduz símbolos que podem ser valorizados ou não socialmente. E que ela se constrói em toda a nossa história de vida, à medida que respondemos ou não ao que se espera de nós socialmente.

Assim, pré definir comportamentos e normas para o que espera-se da juventude, oprime as possibilidades de expressão que não se encaixam, ou que não respondem às normas e comportamentos.

Saito e Castro (2011) afirmam que as ações de terapeutas ocupacionais que compreendem o corpo como um dispositivo de intervenção exigem contextualização do ambiente, da comunidade e de como esta é afetada por ele, possibilitando uma diversidade de conexões entre as pessoas, as relações sociais e a produção de subjetividades diante das experiências vivenciadas e das percepções que emergem.

Essas novas perspectivas, somadas às práticas e outras reflexões já existentes, ampliaram os campos de atuação e saber da Terapia Ocupacional. Foi neste contexto que se desenvolveram ações para pensar sobre adolescentes e jovens que vivenciavam contextos de vulnerabilidade social, violência, exclusão, privação de direitos, inclusive, fazendo o uso de conceitos pautados perspectivas sociológicas, psicológicas, sociohistóricas e biomédicas.

Se, por um lado, o debate entre terapeutas ocupacionais que envolveu as necessidades desta população buscou promover a diminuição de estigmas em torno da juventude, principalmente da juventude periférica, no enfrentamento das desigualdades socioeconômicas, das discriminações sociais e da violência contra a juventude periférica brasileira (SILVA; LOPES, 2009). Por outro, mantinham-se ideias hegemonicamente

aceitas no campo científico e social, sobre comportamentos normais, padronizados e desviantes esperados para a população juvenil.

Segundo Almeida *et al* (2015), a juventude foi uma categoria apropriada para carregar os dilemas da contemporaneidade, as angústias e as falhas sociais na manutenção da ordem social, uma vez que se considerava os jovens, biologicamente, numa categoria transicional entre a infância e a idade adulta.

Assim, produzia-se uma série de conhecimentos acerca da juventude que fluíam entre os estigmas sociais, biologizantes e na manutenção da ordem social, e o enfrentamento das desigualdades e a emancipação.

Algumas ideias produzidas por terapeutas ocupacionais continuaram reforçando estigmas que colocam os jovens na posição de problemas sociais. Côrtes, Gontijo e Alves (2011), afirmam que o problema central discutido entre profissionais e autoridades no âmbito educacional sobre os jovens e adolescentes escolares é a violência e a agressividade entre eles, mais especificamente, o bullying praticado entre os jovens.

Zago, Bredariol e Mesquita (2013), descrevem os jovens como desatentos, competitivos, agitados e agressivos, e reafirmam que são comportamentos condizentes à fase da adolescência e da juventude por conta de mudanças biológicas, emocionais e a pela busca de afirmação da identidade. Além de mencionar outro fator que os autores chamam de “crise da adolescência”, caracterizado pelas ambivalências e contradições dos jovens que manifestam “constantes oscilações entre a independência por meio da necessidade de autonomia e a dependência através das manifestações de proteção” (p. 370).

Romera (2014) diz que os jovens são a população que mais consome bebidas alcoólicas e propõe uma análise sobre a correlação entre o consumo de bebidas e o lazer, sugerindo que o consumo de álcool pela juventude aumenta em momentos de lazer. A autora indica que são necessários estudos mais aprofundados que permitam promover ações de prevenção relacionadas ao uso abusivo de álcool e políticas de diminuição do consumo (ROMERA, 2014).

Visões como essa, que contam verdades únicas sobre a realidade dos jovens, reforçam um imaginário social sobre juventude como problema social, como destabilizadora da ordem e, na maioria das vezes, esse estigma recai com mais intensidade sobre os jovens da periferia e nos jovens que carregam marcas de identidade

diversas e não padrões. Reforçam os rótulos da juventude relacionadas a agressividade, violência, desordem e não comprometimento.

Essa visão estigmatizada sobre a juventude impede que a sociedade seja capaz de enxergá-los e mais ainda de incorporá-los como sujeitos capazes de ações propositivas, significativas e relevantes, e coloca o jovem numa posição incapaz de sustentar qualquer relação dialógica com outros atores na sociedade, deixando-os de fora dos processos de definição, invenção e negociação de direitos.

Segundo Silva (2011b), o estigma sobre os jovens, somado a diversidade de concepções sobre juventudes, dificulta a implantação de políticas públicas para essa população e impede que uma parcela da sociedade se convença das necessidades de incluí-la como pauta na agenda nacional. Assim, num país com tantas desigualdades colocadas como obstáculos, principalmente para as juventudes pobres, tem-se dificuldades de criar estratégias de transformação e enfrentamento das desigualdades e violências sociais (SILVA, 2011b).

Almeida *et al* (2015), propõe uma reelaboração crítica das representações sociais que desqualificam a juventude e suas ações, a fim de desenvolver trabalhos que promovam diálogos e apreciação de experiências exitosas.

Lima *et al* (2009) afirmam que para trabalhar com os jovens de maneira potente é preciso fazer um deslocamento de sentido, que se localiza na trajetória de vida deles para uma nova possibilidade de experimentação entre ser, estar e vir a ser, propiciando novas formas de pensar, sentir e agir. E, por consequência, compreender os novos lugares que são ocupados, as novas demandas, as novas atividades humanas que brotam da expressão da vida.

Lopes *et al* (2008), afirmam que os profissionais que trabalham com as populações jovens em situações de vulnerabilidade social e pessoal, com frágeis perspectivas de projeto de vida, necessitam estar sensíveis para uma vinculação que garanta maiores possibilidades de ações, e que possam auxiliar no exercício de direitos, de cidadania e empoderamento (LOPES, *et al*, 2008).

Pereira, Bardi e Malfitano (2014), ressaltam a importância em considerar que há, atualmente, duas categorias de jovens distintas, que podem ser separadas, inclusive, pela classe socioeconômica: o jovem pobre e o jovem rico. Do primeiro, espera-se o ócio e a violência, e do segundo espera-se a preparação para a vida adulta, com comprometimento

e prospecção educacional. Para as autoras, ainda que ser jovem perpassasse por um imaginário negativo, os jovens pobres estão numa posição de desvantagem em relação aos demais grupos, e acabam tornando-se alvo de políticas públicas (PEREIRA; BARDI; MALFITANO, 2014).

Segundo Silva, Oliveira e Malfitano (2019) os jovens pobres ocupam um duplo lugar de fragilidade: o próprio imaginário do jovem como problema e a vulnerabilidade social e territorial em que vivem, gerando estigmas que impactam negativamente no cotidiano, na circulação, na participação social e no exercício pleno da situação, levando-os à situações de precariedade e rupturas sociais.

No entanto, essas visões também associam os jovens sistematicamente à violência, e não lhes oferece outros lugares para ocupar. Diante disso, Takeiti e Vicentin (2016; 2019), sugerem tratar a periferia como um território de existências, que permite a construção e a reconstrução de identidades das juventudes. Não uma, ou duas, mas diversas juventudes.

Para as autoras, as favelas tornam-se não só espaço geográfico de vida para os jovens pobres, mas como territórios existenciais, possibilitam uma diversa produção de subjetividades (TAKEITI, VICENTIN, 2016; TAKEITI, VICENTIN, 2019).

Eles expressam – por meio da música, da poesia, da dança, do desenho, da palavra – a vida, as violências presentes local e globalmente. Tais efeitos estéticos são de ordem política, singular, mas igualmente coletiva, dando mais visibilidade às redes territoriais e sociais existentes. Esses jovens contribuem para a construção de espaços públicos nas periferias e favelas, privatizadas pelo tráfico e submetidas às violências e a todas as formas de vulnerabilidades (TAKEITI, VICENTIN, 2019, p. 259).

A crescente vulnerabilidade social das populações populares, que está diretamente relacionada aos efeitos do capitalismo globalizado nos processos econômicos, sociais, culturais e políticos, continuou produzindo novas demandas para a Terapia Ocupacional, exigindo que os profissionais e estudiosos da área seguissem se reinventando, repensando conceitos e práticas.

Segundo Galheigo (2012), os efeitos dessas vulnerabilidades atuais provocadas pelo sistema capitalista, têm trazido muitos desafios para a prática terapêutica ocupacional, uma vez que interfere diretamente nos modos de vida das pessoas (GALHEIGO, 2012).

Para enfrentar os desafios que são postos para a Terapia Ocupacional, Galheigo (2012) aponta que é preciso rever uma série de conceitos que usamos na Terapia Ocupacional: diversidade, justiça social, ação humana, cotidiano, ação ético-política, ultrapassando as concepções que fragmentam o ser humano (GALHEIGO, 2012). E devemos rever e repensar constantemente.

Pino Morán e Ulloa (2016), afirmam que os processos políticos e históricos da América Latina, aproximaram terapeutas ocupacionais da discussão sobre uma perspectiva crítica que colocasse como central o reconhecimento dos processos históricos latino americanos na compreensão das atividades humanas.

Assim, desenvolver “uma terapia ocupacional com enfoque latino-americano, distinguindo-a da perspectiva crítica clássica (europeia e ocidentalista), ainda dominante na maioria dos trabalhos críticos de Terapia Ocupacional¹²” (PINO MORÁN; ULLOA, 2016, p. 423, tradução nossa).

A compreensão crítica e complexa da questão social deve abarcar conjuntamente a subjetividade, a cultura e os processos sociohistóricos. De acordo com este enfoque, as histórias das pessoas, dos coletivos e das comunidades, suas perspectivas subjetivas, os processos intersubjetivos, suas raízes culturais e os processos históricos, econômicos e sociais, não podem ficar isolados¹³ (GALHEIGO, 2012, p. 182, tradução nossa).

Considerando que, temos uma história localizada num processo de colonização e violência contra corpos nativos e nossa cultura ancestral, que impôs a evangelização e a cultura eurocêntrica para definir o poder de um conhecimento hegemônico ocidental, é preciso criar novas epistemes que permaneceram ocultas até o momento na Terapia Ocupacional. Reivindicar a cultura como política e como expressão humana, é reivindicar que a cultura seja revivida e tenha espaço de expressão nos cotidianos da vida das pessoas (PINO MORÁN; ULLOA, 2016).

É preciso propor uma Terapia Ocupacional que consiga resgatar memórias históricas dos povos reconhecendo seus melhores aspectos, reconhecendo a luta, a

¹² Una terapia ocupacional con enfoque latinoamericano, distinguiéndola de la perspectiva crítica clásica (europea y occidentalista), aún dominante en la mayoría de los trabajos críticos de Terapia Ocupacional. (Texto original)

¹³ La comprensión crítica y compleja de la cuestión social debe abarcar conjuntamente la subjetividad, la cultura y los procesos socio-históricos. Según este enfoque, las historias de las personas, de los colectivos y e de las comunidades, sus perspectivas subjetivas, los procesos intersubjetivos, sus raíces culturales y los procesos históricos, económicos y sociales, no pueden quedar aislados. (Texto original)

solidariedade, as alegrias, as riquezas, dando possibilidade para que as pessoas resistam aos símbolos do colonialismo e do domínio, da exploração e das violações (PINO MORAN; ULLOA, 2016).

Atualmente, a cultura e a identidade têm sido reivindicadas como conceitos e como campos do saber e da prática para a Terapia Ocupacional. Acompanhando a organicidade e a mutabilidade da vida, emergem ainda outros olhares, mais críticos, com enfoque na atualidade.

O campo da cultura, na Terapia Ocupacional tem se construído múltiplo e diverso, para possibilitar expressões da diversidade de grupos, comunidades e pessoas, para lidar com conflitos e questões sociais que se desencadeiam a partir de diferenças culturais, de gênero, religiosa, étnica e racial (BARROS, GALVANI, 2016).

A Terapia Ocupacional possui condições, a partir das Perspectivas Crítica e Social, de criar possibilidades de enfrentamento das exclusões e das opressões sociais através da valorização das singularidades e pluralidades culturais, promovendo processos de transformação e empoderamento que denuncia os regimes hierárquicos e opressores, e também aponta para as potências e resistências (SILVA, *et al*, 2017).

Para Monzeli, Ferreira e Lopes (2015), importa compreender sociabilidades entre corpos que, se olharmos do sentido biológico, à primeira vista, não tem nenhuma deficiência funcional, mas entre os corpos que desafiam os padrões heteronormativos, e “que muitas vezes partilham dos valores culturais estabelecidos e valorizados como norma, e, não obstante, constroem seus corpos, identidades e subjetividades sempre na relação entre as demandas e expectativas de normatização e suas próprias vontades e desejos” (MONZELI; FERREIRA; LOPES, 2015, p. 455).

Pensar na juventude separada em duas categorias a partir da classe econômica não responde mais a todas as questões emergentes em nossa sociedade atual. As juventudes são plurais e não binárias. Ao trazer análises a partir de marcadores identitários, raça, gênero e sexualidade, não se pretende abandonar os conhecimentos produzidos pela Terapia Ocupacional, mas ampliar para outras perspectivas.

Nessas reinvenções, a interseccionalidade se revela, apresenta e promove uma possível leitura para a Terapia Ocupacional, pautando histórias de vida e considerando os sistemas de opressão que funcionam restringindo ou facilitando o desempenho ocupacional das pessoas (FERRUFINO, *et al*, 2019).

Assim, corroboramos com a construção de uma perspectiva crítica e decolonial que contribua com a produção de conhecimento teórico prático para as Terapias Ocupacionais do Sul (GALHEIGO, 2012; GUAJARDO, 2012; GUAJARDO, KRONENBERG, RAMUGONDO, 2015; PINO MORÁN, CEBALLOS, SEPÚLVEDA, 2015; ZANGO MARTÍN, 2015; SIMÓ ALGADO, 2016; PALACIOS TOLVETT, 2017; SILVESTRINI, SILVA, ALMEIDA PRADO, 2019; VALDERRAMA NUÑEZ, 2019).

Para isso, Pino Morán e Ulloa (2016), propõe uma desobediência epistêmica frente ao conhecimento hegemônico, eurocentrado, patriarcal, colonizador e capitalista. Já Zango Martín (2015), propõe uma Terapia Ocupacional intercultural que seja descolonizante - que questione os fundamentos hegemônicos relacionados com as relações de poder que estruturam o conhecimento e a prática terapêutica ocupacional, assim como, uma Terapia Ocupacional descolonizada - que consiga alcançar discurso-e-prática com identidades próprias não submetidas aos valores hegemônicos e fundamentos teóricos práticos de uma cultura dominante em Terapia Ocupacional.

A Terapia Ocupacional, enquanto campo de saber, tem acompanhado as transformações da vida e da sociedade, e tentado responder às demandas que emergem das populações com as quais trabalhamos. Caminhamos no que diz respeito a compreender as juventudes plurais e no que tange a compreensão sobre o corpo humano, e precisamos continuar caminhando na direção das identidades, mas principalmente, na direção das encruzilhadas das intersecções.

Nesta direção, faz sentido que ampliemos as concepções de corpos, juventudes, e até mesmo sobre conhecimento integrado teórico-prático para processos terapêuticos ocupacionais. Sempre pautando o compromisso ético político, na emancipação, nos direitos civis, políticos, sociais e humanos de pessoas, grupos e coletivos que mais sofrem com os processos de exclusão, desigualdades, violações das matrizes de dominação.

5.4. A racialização do corpo do jovem negro

Sempre que falamos sobre a população negra, falamos de corpos, de corpos negros. De corpos racializados e violados sistematicamente e historicamente. A racialização dos corpos no Brasil é herança de um intenso processo de colonização europeu que antecede a construção da sociedade brasileira. A desumanização dos povos africanos, o genocídio e a catequização indígena nas Américas moldaram modos de vida e os corpos ao longo

dos anos. Os modos de vida e as corporeidades que foram e são atravessados pelos padrões ocidentais, europeus e cristãos, e constituídos a partir destes processos de hierarquização dos povos por conta da cor da pele, cultura, sexualidade, gênero.

A cultura, a religião, a biologia, os comportamentos, a sexualidade, a forma de organização política e social, foram comparados pelos europeus em seus escritos, tanto na África, quanto na América, sendo a descrição dos corpos usada como dado histórico: cor da pele, formas do cabelo, formas anatômicas, marcas e cicatrizes, tatuagens, ornamentos e vestimentas, entre outros elementos corpóreos (PAIVA 2011).

Ainda que essa hierarquização racial seja um fato, analisá-la, do ponto de vista brasileiro é um pouco mais complexo. Gilberto Freyre, em 1933, publicou sua primeira obra, “*Casa Grande e Senzala*”, onde discorre sobre a formação da sociedade brasileira a partir da miscigenação (FREYRE, 2003).

Para Freyre (2003), o processo de miscigenação no Brasil promoveu determinada horizontalização nas relações raciais, uma vez que os mestiços se tornaram maioria na população, ultrapassando o número de portugueses, africanos e indígenas e reivindicando espaços na alta sociedade brasileira.

No entanto, nessa versão da história que nos conta Gilberto Freyre (2003), a exploração dos povos africanos e o genocídio dos povos indígenas aparece um tanto quanto envolta por eufemismos. Dada, inclusive, as formas de se referir ao povo negro: pardo, moreno, morena, moreninha, mulata.

Florestan Fernandes, sociólogo, estudioso das relações étnico raciais no Brasil, e crítico de Gilberto Freyre, aponta que apesar da miscigenação ocorrida no país, a população negra não passou a sofrer menos ou ser menos explorada, nem mesmo com após a abolição da escravidão (FERNANDES, 2008).

O fim do mercantilismo europeu e a ascensão do livre mercado, principalmente da Inglaterra, pressionava o Brasil a adotar o sistema econômico e de produção capitalista e realizar a abolição da escravatura. Afinal, a exportação das matérias-primas através da navegação não era mais uma atividade tão lucrativa e era necessário criar um mercado interno lucrativo à classe branca dominante (ROLNIK, 1989).

Diferentemente dos países europeus, a América Latina e, por consequência o Brasil, não passou pelo mesmo processo de industrialização do século XIX, que culminou na adoção de um capitalismo tardio. O que gerou a necessidade da importação de mão-de-

obra europeia dita qualificada para auxiliar no desenvolvimento econômico e industrial do país no início do século XX (ROLNIK, 1989; FERNADES, 2008).

Assim, a abolição teve significados diferentes para brancos e negros. Para os brancos europeus que haviam se tornado donos das terras e dos meios de produção, a abolição da escravatura era a forma de conter os escravos que estavam fugindo das fazendas, por meio desse novo sistema de livre trabalho que obrigava os negros a entrar num quadro competitivo para manter-se economicamente (FERNANDES, 2008).

Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de se reeducar e se transformar para corresponder aos novos padrões e ideais de ser humano, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo (FERNANDES, 2008, p. 35-36).

Para os negros, ainda que pudesse significar algo no sentido de reivindicações, eles viram-se responsáveis, abruptamente, por si e por seus dependentes, sem qualquer meio material para isso. Sobraram-lhes duas opções: inserir-se num sistema de produção em condições bastante semelhantes a anterior; ou aceitar a completa degradação social e econômica (FERNANDES, 2008).

Com o processo de migração de outras nacionalidades europeias, como italianos e espanhóis, os negros foram colocados em posições de comparação aos brancos que chegavam com mais qualificação para os trabalhos menos pesados e menos degradantes (FERNANDES, 2008). Sem ter qualquer preparo para as situações de concorrência, os negros foram perdendo até os cargos mais baixos da sociedade brasileira, como por exemplo, engraxate e vendedor de jornais (FERNANDES, 2008).

Aos europeus que chegavam, além da oferta de diversos trabalhos, havia a possibilidade de obter, mesmo que pequenos, pedaços de terras e propriedades. E, no caso dos negros, restava-lhes ocupar porções de grandes casarões abandonados e cortiços aglomerados, que posteriormente originariam as favelas (ROLNIK, 1989; FERNANDES, 2008).

O branco de classe dominante mantinha sua produção e seus ganhos, exigindo trabalhos cada vez mais qualificados e pagando cada vez menos para a grande concorrência de mão de obra. O branco imigrante que chegava, preocupava-se em especializar-se para ocupar os cargos que haviam e melhorar a sua posição com relação aos negros. E aos negros, restava degradar-se cada vez mais nos postos de trabalhos, ou

ainda, entregar-se à marginalização, ao ócio e à criminalidade, buscando meios de se manterem livres e com alguma condição de sobrevivência (FERNANDES, 2008).

A população negra brasileira se encontrava num isolamento econômico, territorial e cultural, sendo atirados à miséria todas as vezes em que eram tirados, brutalmente, de um território por importunar os senhores. Fatalmente, acabavam adentrando outro território que pertencia à outro senhor (RIBEIRO, 2015).

O corpo do negro foi, desde a senzala, o único território possível de existência, tornando-se quase um continente geográfico de resistência, de celebração, de identidade e de conexão comunitária. Arrancado de seus territórios de origem sem nenhum bem material, restou aos povos negros possuírem apenas seus próprios corpos, ainda que possuídos por outros, transformando os espaços de dominação e controle em terreiros de celebração e manutenção das memórias negras coletivas (ROLNIK, 1989).

Assim, a miscigenação, como apontada por Freyre, na verdade, foi um mito: o mito da democracia racial. Segundo Abdias do Nascimento (1978), o mito da democracia racial produziu no país uma ideia de que existe igualdade racial decorrente do processo de miscigenação. No entanto, o que de fato existiu, foi uma estratégia de genocídio do povo negro, adotando o processo de embranquecimento como um movimento cultural de valorização daquilo que era herdado dos europeus, e desvalorização do que era negro (NASCIMENTO, 1978).

Nilma Lino Gomes, grande estudiosa brasileira, fez uma série de estudos sobre a juventude negra no Brasil, trazendo reflexões e panoramas muito atuais que dialogam com os processos históricos de racialização da população e extermínio da população negra. Segundo a autora, tem-se construído um estereótipo em torno do jovem negro da periferia que o coloca na condição de suspeito de qualquer crime: “o jovem negro da favela com alguma coisa na mão que sempre será interpretada pela polícia como arma ou droga, mesmo que seja somente um saquinho de pipoca” (GOMES; LABORNE, 2018, p. 4).

A cor da pele, somada a localização geográfica da favela ou da periferia, legitima o extermínio desses jovens pela polícia (GOMES; LABORNE, 2018). Se a vivência dos corpos negros está marcada para o extermínio, como é ser um corpo negro ainda nos dias atuais?



Imagem 4: Batalha de rimas.

*“Andando na rua de noite
Muita gente branca foge
de mim
A minha ameaça não
carrega bala
Mas incomoda o meu
vizinho
O imaginário dessa gente
dita brasileiro torto
Grito pela minha pele
Qual será meu fim?
Eu não compactuo com
esse jogo sujo
Grito mais alto ainda
E denuncio esse mundo
imundo
A minha voz transcende a
minha envergadura
Com essa carne fraca
Eu sou do tipo carne
dura*

*Diga não ao racismo
Diga não ao preconceito
Diga não ao genocídio
do meu povo preto*

*Eu não aguento mais
Ver meus irmãos pretos
estampados mortos nos
jornais
Eu não aguento mais
Ver meus irmãos com
cento e onze tiros dados
por policiais*

*Diga não ao racismo
Diga não ao preconceito
Diga não ao genocídio
do meu povo preto*

*A carne mais barata do
mercado é minha carne
negra*

A carne mais barata do mercado é minha carne negra”

(Diga Não – Bia Ferreira)

5.5. SER UM CORPO JOVEM, NEGRO E PERIFÉRICO

“A cada 23 minutos ocorre a morte de um jovem negro no Brasil”
(BRASIL, 2016, p. 32).

5.5.1. KAUÃ

Kauã é jovem negro, com pouco mais de um metro e meio, magro, com pouca barba no rosto, sendo facilmente confundido com os meninos mais novos. Rapper e skatista. Não praticante de nenhuma religião. Anda pelo bairro carregando o skate que pegou emprestado com o professor de skate do CEU das Artes, com quem ele colabora como participante ou MC¹⁴ dos campeonatos.

Ele sempre veste calças jeans largas, desbotadas e desfiadas em buracos pela perna, sempre um pouco caídas abaixo do quadril, camisetas ou regatas ainda mais largas, normalmente cumpridas até o meio da coxa, um tênis preto de skatista, um alargador de 20mm em cada orelha, sobancelha dichavada¹⁵, cabelo bem curtinho, às vezes, raspado com desenhos e linhas.

Mora com a mãe no São Carlos VIII, bairro periférico da cidade de São Carlos que está bastante afastado do centro da cidade, inclusive pela escassez de transporte público. O skate emprestado o ajuda em quase todos os deslocamentos que precisa fazer pela cidade.

A renda média da família é de mil reais, e toda a renda vem do trabalho da mãe. Às vezes, ele trabalha fazendo bicos como garçom, mas nem sempre tem oportunidades de trabalho. Estudou até o terceiro ano do Ensino Médio e fez curso técnico de Auxiliar de Farmácia, contudo, nunca teve oportunidade de trabalhar na área. Das entrevistas que fez, acredita que sempre foi o mais qualificado por ter uma formação, e os rapazes contratados para as vagas, segundo ele conta, eram sempre brancos e usavam roupas melhores que a dele.

Seu cotidiano durante a semana é um pouco variado e depende muito de quantas vezes ele é chamado para trabalhar como garçom em eventos na cidade, ou em cidades vizinhas. Quando os trabalhos não aparecem, ele tem tentado seguir uma rotina de exercícios físicos e estudos musicais.

Acorda cedo, arruma o quarto e limpa o que tiver para limpar em sua casa, é bastante preocupado com a limpeza e gosta quando tudo está organizando. Depois, sai para correr junto com a sua cachorra porque acha importante praticar exercícios físicos. Nos dias em

¹⁴ MC é a abreviação para Mestre de Cerimônia. O MC é o rapper que organiza a batalha, apresenta as atuações e interage com o público.

¹⁵ Uma sobancelha dichavada é quando se raspa uma parte da sobancelha, fazendo como se fosse um risco ou dois em um dos cantos.

que trabalha, sai de casa logo após a corrida e, muitas vezes, retorna só no dia seguinte. Quando não tem trabalho, costuma ficar em casa ou na casa de amigos escrevendo rimas e compondo Rap. Todas às quartas-feiras a noite ele participa da Batalha dos Lobos, uma batalha de rimas que acontece semanalmente numa praça no centro da cidade.

A batalha de rimas é um encontro de rappers, profissionais, amadores e iniciantes, que se reúnem e se enfrentam em uma competição de rimas. As batalhas possuem regras que podem variar de região para região, mas, de maneira geral, os competidores se enfrentam, um contra o outro, num sistema de perguntas e respostas, em períodos musicais pré-definidos pelo MC que, normalmente, variam entre 4 a 8 versos para cada. Aquele que ganha o período permanece para competir contra o próximo rapper. O vencedor é definido pelo público da batalha que, ao comando do MC, se manifesta a favor daquele que mais agradou. Os competidores que mais acumularem vitórias, se enfrentam em uma batalha final.

No caso da Batalha dos Lobos, os MCs que organizam, se revezam para poderem competir. Além disso, eles determinaram algumas regras que tem como objetivo promover a participação de mulheres na batalha e estabelecer condições mínimas de respeito entre os participantes. Por isso, eles definiram que ofensas à terceiros, que não estão envolvidos no combate, não seriam toleradas, assim como, ofensas machistas e homofóbicas também não são.

Nos finais de semana, Kauã gosta de sair para festas na casa de amigos. Normalmente, se encontra com os amigos do Rap, das batalhas, e eles aproveitam as festas entre amigos pra se aprimorar e praticar a rima. Como os amigos moram no centro da cidade, ele costuma dormir na casa deles para não atrapalhar o sono da mãe, e também pra não ter que fazer longos deslocamentos durante a madrugada e sozinho.

Pra ser reconhecido, ele acredita que precise viajar mais, conhecer o movimento do Rap de outras cidades e ficar conhecido entre as pessoas da área, mas o pouco dinheiro que ele ganha quando consegue fazer os bicos de garçom acaba indo para ajudar nas despesas de casa, e quase nunca sobra para fazer as viagens que gostaria.

5.5.2. CAIQUE

Caique é jovem pardo, com mais ou menos, 1,60m de altura, forte, cabelo, braços e pernas raspados, barba estilo cavanhaque sempre com aparência de que foram recém feitos, tem um *piercing* no nariz e usa pequenos brincos brilhantes nas duas orelhas. Veste, na maioria das vezes, bermudas de marcas esportivas, Nike, Adidas e outras, camiseta e boné também de marcas esportivas e, quase sempre, um óculos de sol do tipo Juliet.

É jogador de futebol e treina em um time juvenil na cidade de Matão, participa de campeonatos e ainda pensa em ser jogador profissional, no entanto, o seu maior sonho é ser reconhecido como cantor, compositor e produtor de Funk.

Tão logo nos conhecemos, Caique me pediu que passasse o número do meu celular para que ele pudesse me enviar algumas músicas produzidas por ela pelo WhatsApp. Ele me mandou, logo, duas músicas autorais que ele mesmo escreveu e gravou com a ajuda de um amigo que é DJ e quem toca com ele nos bailes da cidade.

Caique treina futebol em outra cidade e fica quase todos os dias no alojamento destinado aos jogadores do time. Ele fica em São Carlos apenas aos finais de semana, quando aproveita para tocar em bailes. Quando está na cidade, fica na casa da mãe que trabalha como segurança e, por causa dos horários que ela faz, ele raramente consegue vê-la.

Embora os pais sejam separados, ele mantém contato com o pai que, vez ou outra, o chama para ajudar nos trabalhos como entregador. Caique aproveita esses bicos com o pai para juntar dinheiro para poder gravar outras músicas.

Ele conta que recentemente não tem faltado shows para fazer, “graças à Deus” (sic), e que tem gostado muito de compartilhar esses momentos com o público. No palco, cantando as próprias músicas, ele se sente bem, é o que mais gosta de fazer. Por isso, ele tenta escrever todos os dias.

Nas letras que Caique escreve, parece estar sempre presente o desejo de alcançar uma vida melhor, ter dinheiro para poder fazer as coisas que gostaria, comprar uma casa melhor, ter um carro, e tantas outros desejos. A música, para ele, representa uma possibilidade de futuro melhor. O Funk será o caminho que ele tentará seguir para, um dia, conseguir ter uma vida melhor e ajudar a sua mãe a ter uma vida melhor também.

Ele acredita que, por ser cantor de Funk, tem muita gente que o enxerga como bandido, julgando-o pelas roupas que usa, pelo jeito que anda, pelos amigos, mas que isso nunca foi motivo para que ele desistisse de seu sonho, porque acredita que um dia ele será inspiração para muitos jovens que sofrem com tudo o que ele sofre hoje: o preconceito, as dificuldades financeiras, a falta de oportunidades, entre outras coisas.

Para divulgar seu trabalho, ele mesmo, com a ajuda de amigos, faz vídeos gravados com o celular. Enquanto ele canta, tem sempre um amigo ao lado mandando a batida, acompanhando o ritmo da música na palma mão. Depois de gravado, ele posta o vídeo em seu perfil do Instagram, rede social que ele mais usa pra divulgar seu trabalho.

5.6. Representações do corpo do jovem negro

Das inúmeras representações das juventudes, nos interessa destacar, de forma bastante singular, quais jovens são esses com quem nos encontramos. Juventudes que expressam as opressões sociais, em parte, e que expressam também modos vida, potências, culturas, corporeidades diversas.

Kauã e Caique são dois jovens negros¹⁶ que vivem na periferia, realizam suas atividades cotidianas, estudam, se encontram com amigos, namoram, buscam emprego, apresentam dificuldades financeiras e dificuldades de mobilidade. Mas, para além de serem jovens periféricos, com cotidianos aparentemente comuns, os dois tem seus corpos marcados por estigmas racializados.

Considerando que se atribui, muitas vezes, aos jovens negros e periféricos a violência, a criminalidade e os comportamentos desviantes, percebemos o quanto o olhar e o julgamento externos interferem no que os jovens dizem sobre eles mesmos e sobre a juventude enquanto uma categoria problemática. Quando perguntamos o que significava ser jovem para eles, uma das representações que encontramos nas falas estava visivelmente pautada numa delimitação de classe, de espaço geográfico e do olhar que a sociedade imprime sobre eles.

Tem a parte boa e tem a parte ruim. Vamos pelo lado bom. O bom é que dá pra você aproveitar, dependendo da sua condição e de onde você mora, você não tem dor de cabeça, não tem estresse. Você pode brincar bastante, não tem preocupação. E a parte ruim é que dependendo de onde você mora, você pode morrer a qualquer momento, brincando na rua, jogando futebol, jogando uma bolinha de gude, soltando pipa. E também os jovens, hoje em dia, não tão conseguindo aproveitar bem. Os jovens, hoje em dia, que eu vejo aí é só balada só, é coisa errada. Por quê? Porque não tem uma oportunidade, não tem um centro cultural pra poder frequentar. Aí chega de final de semana não tem um estabelecimento pros jovens. Aí vai ter o que? Vai ter a festa na rua e o jovem vai querer se divertir, e vai pra festa na rua. Chega lá e conhece seus amigos de má influência que acaba te levando para o caminho errado. (Caique)

¹⁶ Para a apresentação e análise dos resultados, utilizaremos o termo negro ou negra para referir-se às pessoas autodeclaradas pretas ou pardas, considerando que esta é uma convenção social e politicamente aceita para a realidade brasileira em relação à questão racial.

A fala de Caique mostra uma parcela de consciência sobre as diferentes oportunidades que os jovens têm dependendo da classe socioeconômica que ocupam. E, ao mesmo tempo, reproduz um estigma social sobre o jovem da periferia que recai sobre ele mesmo.

Além disso, esse trecho nos permite pontuar a falta de espaços de lazer na periferia, principalmente de atividades direcionadas para as juventudes. E de forma bastante crítica, Caique ainda avalia os espaços e os equipamentos disponíveis no bairro que, segundo ele, não lhe oferecem nada.

Então, eu acho que é um pouco mais de oportunidade, entendeu? Hoje em dia não tem um lugar que você pode ir jogar um vôlei, você pode jogar um basquete, não tem o que você fazer. Eu falo por mim, criança, jovem, da periferia, não tem um lugar que você pode jogar um vôlei. [...] Porque olha o tanto que cultura que tem aí hoje em dia, e só tem duas coisas que você pode praticar aqui de esporte. Olha o tamanho do espaço que eles podiam tá fazendo coisa. (Caique)

Para Kauã, a questão da juventude se apresenta de forma um pouco diferente, embora ele também cite algumas situações que nos remetem a um determinado imaginário social sobre os jovens.

[...]tem muita gente que fala que ser jovem é curtir, beber, balada e eu não acho isso. Eu acho que o conhecimento é ser jovem. E não o conhecimento através de estudo e essas coisas, o conhecimento com a vivência. Eu acho que isso é o ser jovem, pra mim. É tipo, você viver, conviver em vários lugares. Não só aqui em São Carlos. Viver, conviver, frequentar outros movimentos e conhecer. Eu acho que aí que vem o seu conhecimento. Aí, isso que é ser jovem pra mim. Que ainda você tá vivo e tá sendo jovem. Frequentando o mundo. Eu tô preso aqui ainda, mas é o que eu pretendo fazer. (Kauã)

O que significa ser jovem para Kauã, se parece bastante com o significado de ser jovem para Dandara, que cita as descobertas sobre a vida, sobre o mundo e sobre si mesma.

Ser jovem, pra mim, é um momento de descobertas, onde a gente descobre que a vida não é como a gente sempre pensou. Que é fácil. Porque quando a gente é pequeno a gente quer crescer logo, e quando a gente cresce a gente quer voltar atrás. [...] É a dificuldade de arrumar um emprego, de... como eu posso dizer? Até de gênero, porque a gente nunca sabe mesmo, muitas vezes a gente não se

conhece por dentro, e eu acho que quando a gente é jovem, a gente começa a se conhecer melhor e conhecer o mundo. (Dandara)

Kauani nos apresenta uma ideia que pode ser considerada um contraponto da ideia de Caique. Se, por um lado temos a ideia de que o lazer dos jovens envolve ‘fazer coisas erradas’, por outro, Kauani nos mostra o desejo de não ser julgada por aquilo que faz.

Ser jovem é poder fazer o que a gente quer. Algo que a gente se sinta bem. Poder sair com os amigos. Ah, não sei. É poder fazer tudo que a gente se sente bem. Tipo, namorar, sair, sem julgamento. Sem ligar para as coisas. (Kauani)

Se retomarmos a fala de Caique, e a sua história, percebemos o quanto este pensamento dele sobre “as coisas erradas” está alicerçado em visões, muitas vezes, moralistas e religiosas que ditam as regras do que seria considerado um bom ou um mau comportamento. Regras, inclusive, que não se manifestam nas leis, mas que interfere diretamente nas relações sociais e preconceitos vivenciados pelos jovens. Essa dimensão faz parte de um imaginário social sobre os jovens mas, de fato, não reflete, necessariamente, o que eles são e/ou experimentam ser.

Caique, por exemplo, ao falar sobre si mesmo, carrega consigo e reproduz em seu próprio discurso o peso de representações sociais sobre seu corpo, afinal, sua aparência, suas roupas, o funk, o coloca numa condição constante de suspeito de qualquer crime.

Elas te definem pela sua aparência. Então, sim. Pelo meu jeito de me vestir eu acho que elas não pensam muita coisa boa não. Fala que é estilo de traficante, ladrão. (Caique)

O corpo do jovem periférico é marcado por uma série de estigmas que se manifestam socialmente pelos lugares onde eles percorrem. A aparência física, o jeito de se vestir, o jeito de andar, o arrumar do cabelo, todo detalhe é julgado na construção da corporeidade que é expressa por eles.

Caique, apesar de referir-se a outros jovens como possíveis más influências, quando pensa em si, em seu próprio corpo, se dá conta de que, socialmente, também é visto dessa forma, sob o estigma da marginalidade e da criminalidade, e se incomoda.

Kauã também sente os estigmas e os olhares por onde passa e ressalta que há um imaginário social coletivo com relação a ele, que está atrelado ao bairro onde vive e às condições econômicas do bairro como um todo.

Para Kauã, inclusive, os estigmas que sofre coletivamente tem mais impacto na sua vida do que os estigmas sofridos individualmente.

O que eu não gosto que a sociedade vê é como eles veem meu bairro. Porque eu falo o nome do meu bairro e eles falam “nossa, você lá?” e tal. (...)Tipo, a gente sofre, mas acho que sofre o coletivo inteiro. Assim, o morador da periferia ele sofre, com certeza ele sofre, mas o que sofre é quando tá o coletivo inteiro, que é dentro da periferia que sofre mais. Sofre mais lá dentro do que fora da periferia sozinho. Acho que é isso (Kauã)

Afinal, quem é o jovem que pode brincar, sem preocupação, sem dor de cabeça e sem o medo de morrer? E quem é o jovem que morre? Se o corpo do jovem negro está marcado como o corpo suspeito de qualquer crime, mesmo que não haja nenhuma culpa, como é que esses corpos se movimentam e se deslocam socialmente? Como é que este esquema corporal que foi epidermicamente racializado exerce suas experiências de vida?

Dandara também sente e vivencia este corpo pobre e racializado em atividades cotidianas, como apresenta em alguns relatos, trazendo situações em que foi classificada pelos julgamentos de outros, quase sempre esses outros são brancos, neste lugar da criminalidade.

A gente ia até o shopping pra passear e ficar andando lá e aí os guardinhas barravam a gente, porque achava que a gente ia começar a fazer várzea no shopping. Ou até mesmo julgava, né, de roubar, não sei. Então, meio que barrava. A gente era barrado, mas se você tivesse mais, sei lá, arrumado ou com pai, ou alguém de maior, podia entrar. [...] Ah, sei lá. Pelo fato de outras pessoas estarem, sei lá, mais arrumada, ou até mesmo ser branca e tal, às vezes, passava de boa. E a gente era barrado. (Dandara)

O estigma da criminalidade recaí sobre os jovens negros, e não apenas os jovens, mas sobre pessoas negras de maneira geral. Kauani também nos relata momentos em que enfrenta situações de racismo, principalmente quando está acompanhada da mãe que tem a pele mais escura que a dela, que é filha de uma relação inter-racial.

Quando a gente vai no mercado grande, que tem segurança pra lá e pra cá (chora). Eles seguem a gente. (Kauani)

E isso acontece com ela, com Dandara, com Kauã, com Caique. Em atividades cotidianas diferentes, em espaços diferentes e, talvez, com intensidades e frequências

diferentes. Mas a motivação destas situações, para além do estigma com o jovem pobre da periferia, é a cor da pele de cada um deles.

Eu não pego nem transporte público, às vezes, porque lá é onde que tem muito preconceito. Tipo, uma vez eu sentei do lado de uma moça, e a moça levantou achando que, tipo, eu ia roubar ela. (Kauã)

Há privação de acesso, privação de mobilidade, privação de qualquer oportunidade de deslocar-se desse lugar sob o olhar do outro, sob o olhar do branco. Essa privação de descolar-se, inclusive, afeta outro âmbito das vidas desses jovens: o trabalho.

Já vimos anteriormente que todos eles não exercessem atividades regulares remuneradas, mas quais são os motivos? Considerando que apenas duas jovens são menores de idade, e todos os outros encontram-se em idades para o trabalho, qual o impedimento? Qual a dificuldade?

Falta de oportunidade, as pessoas te julgarem pela sua aparência. (Caique)

Falta de oportunidade que, muitas vezes, não está relacionada à falta de vaga, nem mesmo à falta de qualificação. Kauã conta de uma entrevista que fez para uma vaga de auxiliar de farmácia. Ele e um amigo, que é branco, foram fazer a entrevista para a mesma vaga de emprego, para a qual ele tinha um curso técnico que o qualificava para ocupar o cargo, e o amigo, que foi contratado, não tinha nenhuma formação.

Porque, tipo, eu já fui fazer entrevista umas duas vezes no mesmo lugar, e aí no mesmo lugar eles contrataram uma pessoa branca. E, às vezes, as pessoas não tinham nem os mesmos requisitos que eu tinha e que eu fazia parte da área. Eu tenho um amigo meu que ele é branco, e ele é classe média alta, e ele foi contratado primeiro que eu lá [...]. E eu fiz a entrevista duas vezes, e eu sou da área, da área farmacêutica, e ele não é da área farmacêutica. Aí eu acho que as vezes tem isso né?! É foda. Sempre acontece também. (Kauã)

Não apenas Kauã, mas Dandara também esteve em situações parecidas, em que era a pessoa de maior qualificação para realizar uma entrevista de emprego, e foi impedida por usar um estilo de cabelo afro-brasileiro.

Na verdade, eu acho que ela [a coordenadora do curso] chamou o meu nome primeiro, aí eu levantei a mão, aí ela falou assim “você acaba de perder uma oportunidade de emprego”. Aí eu falei “por quê?”. Aí ela falou “por causa do seu cabelo”. E na época eu usava

trança box braids e da cor lilás, também. Aí eu tentei conversar com ela depois e aí eu falei “eu não posso ir para a entrevista, ou tirar as tranças? Ou ir na entrevista e perguntar pra eles se tem problema, e se tiver eu tiro”. E ela falou que não, que eu não podia e que isso não era aceitável por causa do meu cabelo. E aí, na sala mesmo, ela perguntou de novo se tinha alguém que tirava notas boas, daí minha amiga levantou a mão e ela meio que também debochou da minha amiga. Querendo dizer que “ah, você tira nota boa?”. E ela também era negra. (Dandara)

A coordenadora deste curso profissionalizante que Dandara frequentou foi procurá-la na sala de aula, pois ela tinha as melhores notas da turma, e uma empresa estava interessada em contratá-la. Infelizmente, para Dandara e para sua amiga, a empresa só aceitava pessoas com cabelos alisados, de acordo com o relato da jovem.

Só que ela alisava o cabelo. Ela acabou levando, deixando minha amiga ir. Ela conferiu a nota da minha amiga e deixou minha amiga ir para a entrevista [...] Só que já tiveram o caso de outras amigas minhas negras que fizeram que também se sentiam um pouco ruim. Achavam que a mulher tinha um pouco de preconceito, também não conseguiram trabalho por lá. (Dandara)

E Kauani, que embora ainda não tenha passado por situações relacionadas a entrevistas de emprego, percebe a mãe, que atualmente consegue a renda de casa com a coleta de lixo reciclável, passando por essas situações sem conseguir um trabalho formal.

Minha mãe, ela é chamada pra entrevista, mas quando ela chega, ela não consegue por causa da cor da pele. (Kauani).

Esses jovens passam por situações que para eles são comuns. São diárias. Situações que eles reconhecem e sabem que acontecem por conta das condições socioeconômicas, do local onde vivem e, mais ainda, por sua cor de pele. Outros jovens com quem me encontrei, mas que não participaram das entrevistas por questões adversas, relataram situações muito parecidas com essas trazidas pelos jovens aqui mencionados.

Logo que ele me fala sobre o ponto de comercialização de drogas que tem ao lado de sua casa, de uma maneira até mais defensiva, ele me olha e diz apressado que ele não usa e nem nunca usou nenhum tipo de droga, e depois abaixa a cabeça dizendo que sempre que ele está na rua andando com outros meninos negros as pessoas pensam que eles são usuários de drogas ou ladrões e, por isso, “atravessam a rua pro outro lado, porque pensam que a gente vai roubar a bolsa ou o celular” (sic). (Trecho de diário de campo da pesquisadora)

A mais grave de todas as privações e violências que sofrem estes jovens, é aquela contra a vida. Kauã relata a primeira vez em que teve medo de morrer por conta da cor da sua pele:

[os caras disseram] (...) “é o seguinte, a gente é dono do bar ali na frente, ali dois quarteirões pra frente, e chegou uma mulher lá toda desesperada falando que você tentou roubar ela (...) E a gente veio aqui pra gente ver se você realmente ia”. E aí eu falei “nossa, nada a ver. Eu só tô esperando o ônibus pra ir na casa da minha namorada” (...) E eles começaram a explicar e eu já me senti numa questão oprimida ali, já tava com muito medo porque tinha um dos caras que tava armado. Então ele tava com a arma na cintura e dava pra ver o volume da arma na cintura dele. E eu tava com muito medo (...) Foi a primeira vez que eu falei assim “nossa, que foda”. E aí, eu tava só tranquilo esperando o ônibus e aconteceu toda essa cena, tipo, aconteceu um monte de coisa, um monte de fatos e eu fiquei com muito medo também, muito medo. De tomar um tiro ali sem fazer nada. (Kauã)

Embora a maioria das situações relatadas por eles aconteça fora de seu bairro, em grandes redes de supermercado, shoppings center, cursos profissionalizantes, e outros, para esses jovens negros circularem, até mesmo dentro de seus bairros, há questões que ultrapassam os estigmas da classe econômica e da pobreza.

Conversando com Julia, a única jovem branca entrevistada, é possível perceber como a questão racial ultrapassa também as delimitações geográficas e econômicas. Ainda que ela more no mesmo bairro, ande pelas mesmas ruas, pegue os mesmos ônibus e frequente os mesmos lugares que outros jovens entrevistados, sua experiência e percepção diferem das experiências de Kauã, de Caique, de Dandara e de Kauani.

Sem contar que é um bairro mais pobre e a minha igreja, ela tem diversos projetos que ajudam, e aí eu falei que eu vou lá, vou dar um jeito de mostrar para essas pessoas que pode ser diferente. E que nem, eu tenho que frequenta a célula umas três, quatro pessoas que traficam [...], e aí eu vou mostrar para essas pessoas que não é assim que as coisas funcionam, que tem uma maneira diferente de fazer. (Julia)

Julia reproduz com facilidade estigmas sobre os jovens com quem convive em seu cotidiano. Um trecho de nossa conversa, inclusive, levanta questões mais amplas, e que fazem parte de um imaginário ocidental e cristão:

Eu sempre falo para os meus pais e para todo mundo que eu vou acabar indo para a África, fazer o que eu faço aqui, vou fazer lá. [...] Você tem que ir em um lugar onde não tem ninguém, onde tem todo mundo já tem todo mundo, então você vai para um lugar onde não tem ninguém para falar, para falar de Jesus e tudo o mais. [...] que na África por ser menos desenvolvido, porque ninguém tá afim de ir pra lá, e aí é o lugar onde eu queria ir, é o lugar onde eu quero ir. (Julia).

Este imaginário que imprime sobre os países do continente africano uma verdade única de pobreza, falta de cultura, necessidade de ajuda, principalmente necessidade cristianização, de necessidade de embranquecimento, opera também nas nossas relações com as questões étnico raciais em contextos brasileiros.

De julgar as outras religiões, principalmente vem bastante das religiões cristãs de julgar outras religiões. Por exemplo, as que são afrodescendentes são do demônio porque não acredita em Deus. Acho isso errado, mas acho que isso é uma influência nas pessoas que participam das religiões entre si. (Dandara)

Dandara, apesar de frequentar religiões cristãs, católica e espírita, faz uma série de apontamentos que a incomoda que estão relacionadas diretamente ao racismo. Inclusive, ressaltando os motivos pelos quais ela parou de frequentar o grupo coordenado por Julia. Para Dandara, as religiões cristãs apresentam preconceitos que são mais do que religiosos, são culturais e raciais.

Eu acho que, talvez, toda religião cristã tenha um pouco disso. [...] Preconceito e julgamento com as próprias religiões entre eles, tanto com as afrodescendentes, quanto com as religiões cristãs mesmo. [...] E o fato de eles quererem ser sempre a religião certa, né?![...] E eles não quererem aceitar outra cultura ou não querer ver e conhecer, e deixar, né?! Sei lá, não tem porquê. Somos diferentes, né? Não somos todos iguais. E o fato de eles não aceitarem outras religiões que também não são só religiões, são culturas, principalmente as africanas e tal. (Dandara)

Em todas as situações apresentadas por estes jovens negros e negras, de atividades cotidianas que estão sendo impedidas ou dificultadas, existe uma violência motivada pela cor da pele, que se expressa de múltiplas formas, em múltiplas intensidades. E, embora cada um deles sinta e experimente esta violência em diferentes espaços e situações, a motivação para que esses jovens sejam violentados é mesma: o racismo.

Nós vamos no mercado no centro, a gente entra numa boa e o segurança fica seguindo a gente. E nossa, isso dá uma raiva. Isso dá uma raiva. [...]

Mas foi um momento de exclusão que não era pra ter acontecido, entendeu? [...]

E eles começaram a explicar e eu já me senti numa questão oprimida [...]

E tipo, acho que nessa questão eu fui impedido de fazer uma coisa que eu queria fazer, e foi bem constrangedor, assim. [...]

Na verdade, eu acho que eu teria várias oportunidades que eu não tive ainda. (Kauã).

Raiva, exclusão, opressão, impedimento, constrangimento, falta de oportunidades. A cor da pele marca racialmente o corpo destes jovens e é um dos fatores que interfere diretamente em suas relações interpessoais e sociais, no seu cotidiano, na história de vida, nas atividades e papéis sociais que desempenha.

Nos próximos capítulos, analisaremos como o corpo das jovens mulheres e dos jovens LGBTQ+ está marcado pelo gênero e pela heteronormatividade, e como estes marcadores produzem violências e opressões nas mulheres e também como eles se interseccionam com raça.

6. INTERSECCIONALIDADES: MULHERES, MULHERES NEGRAS



Imagem 5: Atividades femininas? Foto do evento Fest 8

Como já vimos, a sociedade brasileira é estruturalmente racista, constituída a partir de um processo de colonização que exterminou e explorou indígenas e negros, e estabeleceu padrões de superioridade dos corpos brancos em detrimentos dos corpos negros. Podemos destacar ainda, que a identidade brasileira se formou a partir da violação sexual dos corpos de mulheres negras e indígenas pelos seus senhores brancos (CARNEIRO, 2003a).

Vale ressaltar que, não apenas o território brasileiro foi marcado por este processo de colonização, ainda que seja o país da América Latina que mais manifesta os reflexos e construções atuais dos marcadores dessas diferenças de maneiras violentas e explícitas. Fora das Américas, na África, a exploração racial e sexual das mulheres negras iniciou-se muito antes.

As feministas africanas, de diversas vertentes, vêm denunciando as violências dos processos de colonização que os povos e comunidades africanas sofrem há séculos. Amina Mama e Oyèrónkẹ Oyěwùmí, são duas importantes pesquisadoras feministas da Nigéria que seguem denunciando o machismo e o sexismo como estruturas que foram enraizadas dentro de diversas culturas africanas a partir da colonização, e quem vem produzindo uma série de violências de gênero contra as mulheres africanas.

Para Hakima Abbas e Amina Mama (2015), as mulheres africanas entram na era pós colonial com inúmeras desvantagens com relação aos homens, apontando os discursos androcêntricos presentes nas relações entre colonizador e colonizado, principalmente dentro dos debates sobre a libertação do ‘homem africano’.

Oyěwùmí (2004), corroborando com as ideias de Abbas e Mama, aponta o conceito de gênero como uma instituição genuinamente ocidental e europeia, que em tempos passados não compunha as estruturas de organização das comunidades Iorubas e, portanto, atribui ao processo de colonização a propagação das violências contra as mulheres africanas.

Assim como nas comunidades africanas, o sexismo e o conceito de gênero como conhecemos hoje, chegou ao Brasil também com o processo de colonização, exercendo sobre as mulheres indígenas os preceitos patriarcais ocidentais e europeus que anteriormente não haviam (AMANTINO, 2011).

Considerando que, vivemos em uma sociedade patriarcal que trata de forma desigual homens e mulheres, não seria possível falar sobre as opressões de gênero sem

ressaltar a importância do Movimento Feminista no Brasil, que protagonizou uma série de lutas por direitos iguais e contra as violações dos corpos femininos.

No Brasil, o movimento feminista sofreu forte influência do movimento sufragista (posteriormente, conhecido como a primeira onda feminista), da Inglaterra, no século XIX, o qual herdou ideias racionalistas e iluministas pela igualdade nos contextos trabalhistas europeus (COSTA, 2005).

Desde 1910, as mulheres brancas brasileiras já se organizavam em torno de pautas por igualdades salariais, pela reivindicação do voto eleitoral e, principalmente, em torno de uma discussão sobre público e privado que dizia respeito à maternidade, aos cuidados dos filhos e aos cuidados da casa (COSTA, 2005).

No entanto, a influência branca e ocidental do feminismo brasileiro, estabeleceu diferenças raciais e socioeconômicas dentro do próprio movimento feminista, que reforçava um estereótipo mulher tradicional que corroborava com o sexismo, e excluía das pautas as demandas de mulheres negras, indígenas e lésbicas, que não se encaixavam dentro da classe feminina branca, heterossexual e de classe socioeconômica privilegiada (ROSA, 2018). O que obrigou mulheres não brancas e não héteros a lutarem pelas suas especificidades raciais, étnicas, culturais, religiosas, sexuais e socioeconômicas (CARNEIRO, 2003b).

O contexto histórico de surgimento do movimento feminista europeu e do movimento negro norte americano, nos permite estabelecer que, diferente do feminismo branco, que surge para lutar por igualdades de direitos entre homens e mulheres, principalmente relacionado ao direito ao trabalho e ao voto, o feminismo negro surge para contribuir com a luta antirracista no movimento feminista e apontar situações de sexismo e machismo dentro do movimento negro. Ao contrário das mulheres brancas, o trabalho era uma realidade para as mulheres negras, e não só o trabalho, mas a exploração do corpo para o trabalho e a exploração sexual (CARNEIRO, 2003a).

Luísa Bairros (1995), importante feminista negra brasileira, aponta três grandes problemáticas conceituais sobre o feminismo branco ocidental: mulher, experiência e política pessoal.

Para a autora, o primeiro grande problema está no entendimento do que é ser mulher. Segundo Bairros (1995), este feminismo branco e ocidental, tenta definir um conceito único sobre ser mulher biologicamente, pautado numa ideia de natureza

feminina, que determina comportamentos adequados para esta categoria, misturando determinações de sexo biológico e papéis socialmente construídos para gênero.

O segundo problema está no conceito de experiência, que tenta determinar experiências consideradas universais para as mulheres (BAIRROS, 1995). Pode-se destacar duas experiências tidas como identidades universais para as mulheres: a maternidade e a sexualidade, esta segunda, sendo a forma de poder masculina que objetifica sexualmente as mulheres (BAIRROS, 1995).

A grande questão em definir essas duas experiências como universais é que se exclui da experiência qualquer outro aspecto de classe, raça, sexualidade, crença, desejo, entre outros. Além disso, essa construção da experiência sobre ser mulher é, por si só, patriarcal, heteronormativa e sexista, pois elimina qualquer possibilidade de ser mulher que não seja na construção familiar, na relação com um homem e na submissão e inferioridade ao masculino (BAIRROS, 1995).

E o terceiro problema, está na crença de que as questões feministas são pessoais (BAIRROS, 1995). Essa crença foi abandonada a partir do momento que o movimento feminista passou a lutar na esfera política, principalmente, quando passou a compreender como político as estruturas dominantes fora da ação do estado, as quais atuavam na esfera privada, como por exemplo, o casamento (BAIRROS, 1995).

Essas questões, e ainda outras mais, acarretaram numa pluralização dentro do movimento feminista que resultou em discussões sobre feminismos múltiplos, que apontassem práticas de racismo, classismo e lesbofobia dentro do próprio movimento feminista (CARNEIRO, 2003a). No contexto brasileiro, essas movimentações no movimento feminista negro reverberaram demandas específicas de movimentos norte-americanos, principalmente das feministas estadunidenses, pioneiras nas discussões de entrelaçamento entre raça, gênero e classe (ROSA, 2018).

Segundo bell hooks¹⁷ (1984), feminista afroamericana estadunidense, afirma que mulheres não compartilham as mesmas experiências de opressão, mas sim a mesma luta. Ela sugere que enfrentar o sexismo e o racismo juntos é necessário, uma vez que ambos repousam numa mesma base de fundamentações, pautados nas situações de dominação, de inferioridade e superioridade (HOOKS, 1984).

¹⁷ A autora utiliza seu nome sem as iniciais maiúsculas em suas publicações. Em respeito a esta escolha, mantive seu nome com iniciais minúsculas ao invés de seguir normas acadêmicas de publicações.

As problemáticas em relação à sobreposição das violências de raça e gênero são tão complexas que Kimberle Crenshaw (1989), no final da década de 1980, escrevia sobre as injustiças e as desvantagens que atingiam as mulheres negras nos Estados Unidos, com enfoque no setor judiciário, desvelando a forma como a justiça estadunidense era incapaz de compreender a violência de gênero e raça agindo juntas sobre os corpos das mulheres negras.

A autora cunhou o uso do termo interseccionalidade na academia, para referir as intersecções do racismo e do sexismo. Crenshaw (2002), afirmou que, embora homens e mulheres negros vivessem em suas comunidades subordinados pela cor e pela cultura, o patriarcado opera dentro das comunidades negras, se apresentando como mais uma dominação sobre a mulher negra. Assim, podemos considerar que dentro de sua própria comunidade, as mulheres negras estão submetidas a somatória de duas violências: a de raça e a de gênero.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, 177).

Embora Crenshaw tenha se dedicado a estudar mais profundamente a relação entre raça e gênero para as mulheres negras, a autora compreende que qualquer aspecto que resultem em sistemas discriminatórios, quando somado a outro, ou outros, pode ser tratado como uma violência interseccional.

Nos últimos 50 anos, muitas mulheres negras, estudiosas brasileiras, reconhecidas internacionalmente, têm debatido as intersecções entre raça, gênero e classe no Brasil. Lélia Gonzales, Luíza Bairros, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Nilma Lino Gomes, Ana Angélica Sebastião, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, e muitas outras mulheres, que tem pautado as especificidades dos contextos brasileiros.

Segundo Gonzales (1984), o corpo da mulher negra é caracterizado na sociedade colonial e escravocrata brasileira, como o corpo que presta os bens e os serviços sexuais e domésticos: a mulata e doméstica. O que podemos traduzir hoje como a negra do

carnaval e as empregadas domésticas. Para a autora, os aspectos simbólicos do racismo e do sexismo que agem sobre as mulheres negras no Brasil, advém de uma ideia global de que as mulheres negras em todo o mundo estão para servir (GONZALES, 1984).

Assim, a partir de uma análise histórica e social da constituição da sociedade brasileira escravocrata, Gonzales analisa o papel da mulher negra como a mãe preta, ama de leite, provedora de todas as necessidades de suas “famílias” brancas (GONZALES, 1984).

Sueli Carneiro (2003a), parte do protagonismo das mulheres negras nos movimentos pela liberdade e pelo resgate da humanidade destruída pelos anos de escravidão. Segundo Carneiro (2003a), a força dessas mulheres vem desenhando novos cenários sobre as lutas feministas e sobre as lutas antirracistas, produzindo novas perspectivas e lutas a partir do pensamento do feminismo negro.

A somatória das violências racistas e sexistas, colocam a mulher negra numa situação de maior crueldade, exclusão e marginalização na sociedade. “Os efeitos do racismo e do sexismo são tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de recobrir todas as perdas já postas na relação de dominação” (CARNEIRO, 2003a, p. 129).

Mais recentemente, Djamila Ribeiro tem visibilidade destacada quando se pensa em feminismo negro no Brasil. A autora tem se dedicado aos debates sobre a importância, inclusive acadêmica, do feminismo negro. E aponta uma série de problemáticas atuais, localizadas nas intersecções de raça e gênero, que permeiam a vida de mulheres negras.

Ribeiro (2018) utiliza narrativas sobre a sua própria história de vida para demarcar situações que são comuns para muitas mulheres negras e comuns à todas as pessoas negras. Segundo a autora, enfrentar raça, classe e gênero é uma luta indissociável, afinal, não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, já que se trata da mesma estrutura social: a dominação masculina e branca (RIBEIRO, 2018).

A autora também diz que:

Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois, enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo (RIBEIRO, 2018, p. 27).

Assim, podemos utilizar o feminismo negro como ferramenta para o enfrentamento do racismo e do patriarcado, e a interseccionalidade como a ferramenta para nos fornecer as cisões epistêmicas necessárias para essas disputas no campo científico. Poderemos

então, criar estratégias de descolonização das nossas ações, das nossas pesquisas, das nossas vidas e das vidas de todas as pessoas, sejam brancas, negras, homens, mulheres, crianças, adultos, idosos.



Imagem 6: Jovens mulheres na praça.

*“O jogo só vale
quando todas as partes
puderem jogar
Sou mulher, sou preta,
essa é minha treta
Me deram um palco e eu
vou cantar
Canto pela tia que é
silenciada
Dizem que só a pia é seu
lugar
Pela mina que é de
quebrada
Que é violentada e não
pode estudar
Canto pela preta
objetificada
Gostosa, sarada, que tem
que sambar*

*Dona de casa
limpa, lava e passa
Mas fora do lar não pode
trabalhar
A dona de casa limpa,
lava e passa
A dona de casa*

*Não precisa ser
Amélia pra ser de
verdade
Cê tem a liberdade pra
ser quem você quiser
Seja preta, indígena,
trans, nordestina
Não se nasce feminina,
torna-se mulher”*

*(Não precisa ser
Amélia – Bia Ferreira)*

6.1. A INTERSECÇÃO EM AÇÃO NOS CORPOS

“(…) Houve um crescimento dos homicídios femininos no Brasil em 2017, com cerca de 13 assassinatos por dia. (IPEA, 2019, p. 32)

6.1.1. DANDARA

Dandara é uma jovem negra de 18 anos, heterossexual, católica e espírita praticante. Uma jovem de aproximadamente 1,60m, magra, com a pele escura, cabelos crespos e armados num *black power* grandioso, com mechas coloridas em tons de azuis que se misturam aos cachos pretos. Com dois brincos em cada orelha, *piercing* no septo e no nariz, unhas feitas e lápis preto em volta dos olhos, ela está sempre arrumada quando nos encontramos. Gosta de usar roupas mais largas, calças de moletom e regatas, às vezes, um boné de aba reta, mantendo sempre um estilo Hip Hop.

Nasceu e cresceu na periferia, num bairro que fica há pelo menos 20 minutos de carro do lugar onde mora atualmente com a mãe e com o irmão de 14 anos e, até poucos anos atrás, com seu pai também. A família toda é muito ligada às artes, os pais se conheceram dançando em bailes na juventude, a mãe pinta telas, o tio desenha, alguns familiares tocam instrumentos e todos são muito conectados com a música. Por isso, ela aprendeu a tocar violão desde pequena e gosta muito de música.

A mãe de Dandara trabalha numa grande indústria na cidade de São Carlos, ela sai de casa para trabalhar por volta das 4 horas da manhã. Por conta disso, Dandara se responsabiliza por todas as tarefas domésticas, de organização e limpeza, no período da manhã, enquanto seu irmão mais novo está na escola.

Ela acorda cedo, arruma e limpa a casa toda e prepara o almoço para que esteja pronto quando o irmão chegar, às 13 horas. Ainda que a mãe diga que eles devem compartilhar as tarefas domésticas, o garoto ajuda quando quer e no máximo lava a louça de seu próprio almoço. Para ela, parece injusto que ela tenha que fazer tudo enquanto ele só lava a louça quando quer. Já, no caso dela, quando ela não faz alguma atividade doméstica, às vezes, acaba levando broncas.

No fim da tarde, por volta das 17 horas, começa a se preparar para ir pegar o ônibus para ir para a UFSCar, local onde ela faz o cursinho pré-vestibular. Para chegar na universidade ela precisa caminhar cerca de 15 minutos até o ponto de ônibus, pegando uma condução que vai até o centro de cidade e, em seguida, outro ônibus do centro até a universidade. Esse trajeto leva cerca de uma hora, uma hora e meia. O caminho mais próximo de sua casa a UFSCar, de carro, tem aproximadamente 2,5 km e leva cerca de 5 minutos para ser percorrido.

Há também uma segunda opção de ônibus direto, que sai do ponto que há em frente sua casa. Essa linha faz um trajeto de 30 minutos e para direto na universidade. No entanto, não é sempre que ele cumpre o percurso, deixando de entrar no bairro muitas vezes. Para não correr o risco de ficar, junto de outras pessoas, aguardando este ônibus por horas, podendo perder as aulas, Dandara opta por caminhar até o próximo ponto, e pegar o ônibus de maior percurso.

Ela estuda até as 22h30 e, quando dá sorte, consegue pegar o ônibus que vai direto para o São Carlos VIII e que para em frente à sua casa. Quando não consegue pegar este ônibus, toma um outro ônibus que faz um percurso entre a universidade até o centro e outro do centro até perto da sua casa, assim ela torce para encontrar com um motorista conhecido da família que acaba desviando a rota em alguns quarteirões para deixá-la mais perto de casa.

O horário que ela costuma chegar em casa sempre passa das 23 horas. Às vezes, chega só perto da meia noite, e por causa do horário tem um pouco de receio de estar na rua sozinha.

Dandara acredita que o fato de ser mulher e ser uma mulher negra, dificulta a sua vida em vários aspectos, mas quando se refere à empregos é sempre pior, sempre mais difícil.

6.1.2. JULIA

Julia é uma jovem de 17 anos branca, magra, evangélica, com cabelos lisos, compridos e coloridos. Sempre que a vejo está bem vestida, normalmente de calça jeans e um sapato de salto alto, com o cabelo escovado e um cordão no pescoço com um crucifixo. Ela mora com o pai e com a mãe no final de uma rua, de frente para um pasto e próximo ao CEU das Artes, onde também cria um cachorro, uma lebre e sete gatos.

Julia gosta de acordar cedo todos os dias, costuma acordar às 7 horas da manhã e divide as tarefas domésticas de limpeza e organização da casa com o pai. A mãe, que teve um Acidente Vascular Encefálico há alguns anos e apresenta algumas sequelas físicas e motoras, fica responsável por fazer as refeições, almoço e jantar.

Uma situação que foi recorrente em sua vida anos atrás, e que representa muito bem as marcas do machismo e do sexismo, acontecia quando o irmão ainda morava com ela na casa dos pais, e ela precisava se responsabilizar pelas atividades domésticas que deveriam ser feitas por ele, e quando ela questionava a mãe sobre isso, a mãe dizia que ela deveria fazer porque só porque ele é homem.

No meio da tarde, Julia costuma fazer seus estudos bíblicos diários e também preparar as atividades para coordenação de um grupo de jovens. Mais no fim do dia, às vezes, ela pratica atividades da aula de canto. Ela gosta muito de ler livros variados, e os romances e os livros de autoajuda são os seus preferidos. Por isso, antes de dormir, ela costuma ler por algumas horas.

Ela coordena um grupo de estudos bíblicos evangélicos, chamado de célula, que acontece semanalmente, às sextas-feiras à noite, numa sala cedida pelo gestor do CEU das Artes, nas dependências do espaço. O grupo é um dos trabalhos que Julia desempenha na Igreja Evangélica Apostólica que frequenta.

Julia coordena esse grupo no qual participam outros dez jovens, todos com idades entre 15 e 20 anos, residentes no São Carlos VIII ou em bairros bem próximos. A igreja que ela frequenta tem enfoque na juventude e é composta por uma unidade sede chamada de Arena Jovem. Nesse local, os jovens que compõem as células se reúnem, semanalmente, aos sábados para realização do culto. Eles se responsabilizam pela organização do espaço, por apresentações teatrais e musicais, e enviam jovens missionários para outros núcleos espalhados pelo mundo, principalmente para os Estados Unidos e para países Europeus, como Portugal e Espanha.

Julia me conta que antes de fazer parte da igreja ela era uma pessoa bastante diferente. Gostava de sair com os amigos e com os pais para beber e para festejar. Depois de um tempo frequentando os cultos e as cédulas, passou a entender que não precisava fazer essas atividades porque se sentia mais feliz indo aos encontros da igreja.

Julia pretende cursar enfermagem e seu grande sonho é trabalhar como enfermeira em ações missionárias em países do continente africano. Para ela, a maioria dos jovens da igreja querem ir para países de primeiro mundo, mas ela acredita que os países africanos são menos desenvolvidos e que, por isso, precisam ser evangelizados. A prática religiosa e todas as atividades relacionadas a isso, são a coisa mais importante para a vida de Julia.

6.2. Ser uma jovem mulher, ser uma mulher negra

A escolha por apresentar Dandara e Julia neste capítulo tem a intenção de trazer à luz os relatos sobre ser mulher e as violências de gênero cotidianas que são comuns para elas. E tem também a intenção de confrontar algumas falas que nos permitam olhar para as especificidades dos preconceitos de raça e gênero operando ao mesmo tempo.

E, que nos permita ainda, perceber o feminismo negro e a interseccionalidade como uma importante ferramenta de luta social e política, e mais, como ferramenta epistêmica e decolonial na produção científica.

A primeira questão a ser levantada sobre as jovens mulheres entrevistadas, em relação aos jovens homens, está em torno de uma atividade cotidiana muito básica para as jovens: as tarefas domésticas.

Todas as jovens, ao relatarem seus cotidianos, tinham como primeira e inegociável atividade do dia responsabilizar-se por todas ou por grande parte das tarefas domésticas de suas casas.

[...]jacabo levantando mesmo umas 9 horas. Aí eu arrumo a casa, depois eu tenho que fazer o almoço, pro meu irmão também, por volta das 1 hora. Ela [a mãe] sai de casa bem cedo (...)de madrugada pra trabalhar (...) umas, 4h20min. (Dandara)

Bom, na hora que eu acordo eu, normalmente, dou uma arrumadinha na casa, que minha mãe faz a metade. Às vezes eu faço comida [tudo isso, antes de ir para a escola]. (Kauani)

Acordo por volta das 7 e pouquinho. E aí, eu já acordo e não tomo café porque eu não gosto mas, os meus pais tomam. E aí, eu já venho, já começo a limpar a casa e vou cuidando dos animais. A parte do cachorro é meu pai que cuida, né, porque tá ali na frente. (Julia)

Diferentemente, os jovens Kauã e Caique, não tem responsabilidades com as tarefas domésticas, a não ser pelo quarto de Kauã, que é responsabilidade dele manter arrumado. Everton é o único dos jovens homens que tem responsabilidades com as tarefas domésticas, no entanto, essa questão será trazida com maior aprofundamento posteriormente, pois essas atividades acabam sendo relacionadas a sua sexualidade na relação com os irmãos. No entanto, vale destacar que, para a família de Everton, as tarefas domésticas são de responsabilidade feminina.

Para destacar ainda mais a diferença de gênero impressa nos afazeres domésticos, usarei os exemplos de Dandara e Julia que têm irmãos homens. O irmão de Julia é mais velho e não mora mais com a família, pois casou-se e foi morar com a esposa em outra casa, mas Julia relembra de momentos quando ele ainda morava com ela:

De atividade doméstica, de limpar a casa e essas coisas, ela [a mãe] sempre dividiu bem, tipo, você vai fazer sua parte e você faz a sua. Só que aí, eu não sei se eu tinha muito medo porque eu apanhava muito dele, sempre quem fazia a parte dele era eu. [...] eu acho que ele não me bateria se eu fosse homem. [...] e eu acho que não teria que fazer a parte dele porque, na teoria, nós seríamos iguais. (Julia)

O irmão de Dandara é mais novo, tem 14 anos de idade e, embora a mãe dela também designe algumas tarefas a ele, Dandara relata uma situação um pouco parecida com a de Julia:

Até mesmo na casa a gente observa, né, que a gente tem que fazer as coisas tudo. Aí, por exemplo, meu irmão é homem e muitas vezes ele faz pouca coisa, e deixa assim como que tá e, às vezes, não pega firme. E, ah, deixa ele, porque ele é homem, não adiantar pegar firme nele, entendeu? [...] ele só lava louça. Ajuda quando quer, quando eu pego na orelha dele. Ou, às vezes, eu acabo levando xingo que tá bagunçado e tal ou, fica como tá. (Dandara)

Essas situações narradas pelas jovens marcam duas violências: a primeira refere-se ao sexismo pela determinação do papel doméstico para a mulher; e a segunda relaciona-se ao patriarcado, dado pela supremacia masculina que, inclusive, faz uso da violência, direta ou indireta, para punir, subjugar e submeter a mulher. Seja para que Julia faça as tarefas do irmão, seja porque Dandara não cumpriu as tarefas do irmão.

Tal como o racismo, o sexismo está tão estruturado em nossa sociedade que as mães dessas jovens, que também são mulheres, reproduzem e reforçam a opressão de gênero, privilegiando seus filhos homens, em detrimento de suas filhas mulheres, para o desempenho das tarefas que são consideradas “das mulheres”.

Um fato que chama também a atenção no caso de Julia é que sua mãe, há alguns anos, teve um Acidente Vascular Encefálico (AVC) que deixou sequelas físicas, motoras e cognitivas. Ainda assim, Julia relata que a mãe continua sendo a “chefe da organização”, ainda que o seu pai ajude nas tarefas.

Ela faz comida. É a função dela. E botar a gente em ordem. Ela é a cabeça e comanda tudo. Ela é chefe da organização. [...]A condição, o fato do AVC, não impediu a cabeça dela de funcionar, ela tem dificuldade na fala, de andar, que você sabe melhor do que eu, mas ela que organiza tudo. (Julia)

Independente de quaisquer que sejam as condições, as mulheres representam o papel de cuidadoras domésticas, de cuidadoras da casa. Mesmo que não gostem, ou não queiram.

Às vezes eu faço comida, quando ela pede, que eu não gosto muito, também, de fazer. (Kauani)

Já chegou a ficar uma semana desorganizado porque eu não fiz nada. Aí eu acabei fazendo. Então, não adianta nada. (Dandara)

Outra forma de violência trazida por todas as jovens mulheres é o assédio sexual e a violência sexual. Inclusive, no âmbito psicológico, emocional, de imaginar que algo possa vir a acontecer. Uma atividade simples como andar na rua diariamente, é apontado como um desafio para todas elas.

Muitas vezes a gente evita de andar na rua de noite por conta do medo, né?! E, sei lá, de ser abusada, de mexerem com a gente. Acho que a gente tenta evitar. (Dandara)

Abuso. Sei lá, alguém me bater. Ou se eu me relacionasse com um homem, acontecer dele me matar por causa disso. (Kauani)

Além do fato de andar sempre acompanhada, não andar por uma rua sozinha (Julia)

As três jovens trazem relatos que poderiam fazer parte do cotidiano de qualquer mulher: ir à padaria, sair durante a noite com amigas, ir e voltar da escola.

Sobre andar sozinha na rua, [...] eu perdi as contas de quantas vezes eu já fui. [...]E se eu vou na esquina comprar pão, várias vezes já chegou de acontecer. (Julia)

Eu e minha amiga sempre ia e voltava a pé. É muito tarde que acaba, é umas dez e meia. E a gente parou simplesmente de ir, porque não tinha ônibus no horário que acabava. A gente queria ficar mais tarde e pra voltar é muito ruim, porque sempre tinha uns caras que seguiam a gente. Muito assédio, também. Eu já deixei de ir em vários lugares por causa disso também (Kauani)

Às vezes, eu saio na rua e os caras mexem, né, assobia. Eu acho que teve um caso que tava eu e mais duas amigas e a gente tava andando, e aí começou a passar um carro. Tipo, um carro vermelho, acho que passou duas vezes assim, olhando pra gente. Aí a gente meio que saiu correndo, mudou de rua, tentou dar uma fuga porque tava estranho. (Dandara).

O assédio sexual e a eminência de violência sexual contra as mulheres são realidades cotidianas para todas essas jovens, que interfere na forma como elas se organizam para sair de casa e nas atividades que elas fazem ou deixam de fazer.

Tipo, ir de roupa curta pra BR¹⁸, que eu sempre ia. Minha mãe tentava me proibir mas eu continuava, porque não é algo que a gente tem que mudar por causa da sociedade. (Kauani)

Elas precisam pensar nas roupas que vão vestir, com quem irão acompanhadas, qual é o horário para voltar, como farão os deslocamentos, com quem irão se relacionar, quais os lugares que irão frequentar e, às vezes, pensar e planejar tudo isso pode nem ser o suficiente. Faz parte de ser uma jovem mulher planejar como se proteger de situações de violência sexual, como tentar evitá-las, mesmo que a culpa não seja delas.

Até mesmo no dia-a-dia quando eu vou sair. Minha mãe sempre fala assim: “só não vai chegar muito tarde”. Por exemplo, se eu for de ônibus ou de a pé, sempre fala assim: “ah, vai com mais pessoas pra não voltar sozinha”. Então a gente evita, ou mesmo vem de Uber. E mesmo no Uber, minha mãe fala: “compartilha a viagem”. A gente até compartilha a viagem por conta de medo. Então quando a gente sai, normalmente, é assim. Acho que no cotidiano inteiro, né?! (Dandara)

Situações essas, que são bastante diferentes para os jovens homens. Como relata Kauã:

E tipo, pra uma mulher isso é, tipo, muito constrangedor por causa da forma que o mundo tá, entendeu? Então, eu sempre ando e ando tranquilo. Uma mulher ela não anda tranquila na rua, na madrugada. Sempre com medo. Com muito medo. (Kauã)

E Julia confirma:

¹⁸ “BR” é um nome usado por alguns jovens e adolescentes em São Carlos para referir-se a uma praça localizada no centro da cidade, onde têm costume de se reunirem à noite aos finais de semana.

[Se eu fosse homem] eu acho que eu me sentiria mais segura andando na rua do que eu me sinto agora. (Julia)

Enquanto o assédio sexual é um medo e uma realidade para as mulheres, podemos encontrar nas falas de Caique, por exemplo, trechos que reforçam e corroboram com essas situações, apresentando um pensamento que culpabiliza as mulheres pelas violências sofridas.

Tem algumas mulheres que deixam se dar essa falta de respeito. [...] Você tá no baile, aí a mulher tá lá dançando, aí passa uma pessoa, e vamos supor que encosta nela. Que hoje em dia fala sarrar. Aí a mulher não fala nada, tipo, gosta ainda por cima. (Caique)

A fala de Caique mostra uma tentativa em justificar o assédio que algumas mulheres sofrem durante os bailes Funk em que ele se apresenta. Ao mesmo tempo que ele expressa uma opinião moralista sobre as mulheres, ele afirma que tenta fazer diferente em suas músicas.

Então, tem Funk que fala putaria, né?! Tem isso daí. As pessoas tiram as suas conclusões. Pensam que é o que acontece e, às vezes, acontece mesmo. Mas tem vez que não acontece. Seria o uso de drogas, seria a mulher fazendo sexo no beco, de correr da polícia, e por aí vai. [...]

Nas minhas [letras], eu prefiro não ser muito vulgar. Procuo fazer música só para as meninas dançarem mesmo, tanto no baile quanto numa festa de aniversário, como também num programa de televisão. (Caique)

Caique compartilha duas de suas composições comigo e, ao confrontar alguns trechos com suas falas, podemos perceber que as “músicas só para as meninas dançarem” são muito mais preenchidas de objetificação e sexualização das mulheres, do que ele pode perceber.

“Pra ficar louca bebe whisky / Descendo até o chão / Joga pra cá, joga o bumbum pra cá / Joga pra cá, o bumbum pra lá e pra cá / Malandra e safada, ela é profissional / Nessa arte de jogar o bumbum pra lá e pra cá” (Joga pra cá – autoria de Caique)

“Vou puxar ela de canto e passar visão / Se você tiver solteira, senta com pressão / Quando o DJ solta o beat começa a dançar / Novinha, safada, começa a rebolar / Então vai, jogando a bunda, vai / Então vai, quicando a bunda, vai” (Então vai – autoria de Caique)

Embora os jovens homens percebam algumas violências sofridas pelas mulheres, nem sempre eles conseguem se perceber enquanto reprodutores de violências e normativas sexistas e patriarcais. O que gera desconforto, insegurança, falta de liberdade nas jovens mulheres.

Infelizmente, o mundo que a gente vive é assim.[...] Andar na rua, trabalho, trabalho em casa, também. Ir pra festa, também, porque homem tem mais liberdade. (Dandara)

Às vezes, eles até conseguem perceber quando a violência parte de outro homem, como faz Kauã neste relato:

Teve até uma questão lá na escola que parei pra uma conversa com uma menina, lá, sobre isso e sobre o preconceito na escola e tal. E ela tava arrumando briga com um menino. Que ela tinha ido num rolê e ela ficou com dois caras nesse mesmo role, e esse cara da escola começou a difamar a mina, chamando ela de puta, falou que ela tinha dado pra todo mundo, e não sei o que. E começou a falar de boca em boca, e os meninos do grupo dele também tavam pensando da mesma forma. E aí, tipo, a menina comprou a maior briga com o menino e tal. E aí, depois, eu parei pra trocar uma ideia com ela, e aí eu falei: “oh, isso aí é a forma como esse menino foi criado”, porque se fosse pra ver, era pra eu estar naquele grupo com aqueles meninos. É a forma como ele foi criado, e tipo, nada abriu a mente dele. (Kauã)

E, em decorrência dessa forma como os homens são criados, não há espaços suficientemente seguros e confortáveis para as mulheres. Muitas vezes, nem mesmo dentro de suas casas, como já vimos a violência que Julia sofria do irmão, e como sugere este relato de Dandara:

Às vezes a gente tem que ser a educada dentro de casa. É porque assim, né, não posso falar direito um palavrão. Ou o jeito de sentar, não posso sentar à vontade porque eu sou mulher. Até mesmo na casa a gente observa, né, que a gente tem que fazer as coisas tudo. (Dandara)

Tendo elucidado algumas violências, apontamos situações de privilégio masculino para serem debatidos. Anteriormente, quando explicitamos algumas situações de racismo, uma questão levantada estava em torno das oportunidades de emprego. Trago essa questão novamente, mas sob outra ótica;

Emprego. Arrumar emprego, porque eu tô a procura e, às vezes, eu chego para a entrevista e aí fica um monte de galera lá, e aí a gente faz a entrevista e tudo o mais e aí o entrevistador vira e fala assim “nossa, você é muito boazinha, você é do nosso perfil que a gente tá precisando”. E aí eu vou ver depois e adivinha quem foi contratado? Um menino. E isso já foi várias e várias vezes (Julia).

Já foi dito que uma pessoa branca tem privilégio numa vaga de emprego em relação a uma pessoa negra, mesmo que seu nível de formação seja mais alto. O que percebemos agora é que um homem tem privilégio em relação a uma mulher. Neste ponto em específico podemos afirmar a interseccionalidade agindo sobre um corpo. Os marcadores de raça e de gênero agindo sobre Dandara no emprego que ela não conseguiu, mesmo tendo a maior nota turma, por ter um cabelo visivelmente afro-brasileiro.

Ainda que pareça que a oferta de emprego para Dandara tenha sido retirada apenas por motivações racistas, há comportamentos, posturas e estéticas consideradas adequadas e que são cobradas das mulheres, mas não são cobrados dos homens. Mulheres não são empregadas pelo formato e apresentação de seu cabelo, situação pela qual, dificilmente, um homem teria passado.

Por isso, analisar o racismo e o sexismo de forma dissociada, poderia nos levar a análises superficiais das experiências que pode viver uma mulher negra.

Um trecho da fala de Julia nos clareia um pouco mais sobre essa situação:

A maioria das minhas amigas são negras. [...]E elas comentam, sabe? Que elas não conseguem emprego. Porque assim, eu sou acostumada com olhar estranho devido a cor do meu cabelo, mas elas falam que ao invés de ser um olhar estranho, que as pessoas olham pra elas e é um olhar de julgamento, e é um olhar de nojo. (Julia)

Julia enfrenta olhares que reprovam o formato de seu cabelo, por ser colorido, e isso a atrapalha quando vai procurar emprego porque espera-se outro comportamento adequado para uma mulher. No entanto, a mulher negra não enfrenta um olhar apenas de reprovação, enfrenta um olhar de nojo.

E elas ficam totalmente constrangidas porque você não é o que você aparenta por fora, você é o que você é por dentro. (Julia)

Assim como acontece com os jovens homens, que não se percebem enquanto reprodutores de violências e normativas, Julia também traz falas, como já foi mostrado anteriormente, carregadas de julgamentos, preconceitos e violências racistas.

VOCÊ NÃO É O QUE VOCÊ APARENTA POR FORA

E o que é que mulheres negras aparentam por fora? Elas aparentam serem mulheres e elas aparentam serem negras. A perversidade estrutural do racismo e do sexismo é tanta, que faz com que mulheres negras tenham dificuldade de aceitar a si mesmas. De aceitar seu corpo, seu cabelo, sua cor de pele.

Eu me olhava no espelho e me sentia péssima. [...] Acho que a depressão foi ruim, mas em parte, foi boa pra minha aceitação, também. Não só de corpo, mas também de pele. Porque, às vezes, eu acho que eu não me aceitava tanto quanto hoje. Eu acho que, sei lá, eu não me aceitava, às vezes, eu queria, sei lá, ser branca. [...] Eu acho que eu também não gostava do meu cabelo. Tanto que eu alisava, naquela época era alisado. (Dandara)

São violências que acontecem em âmbitos da vida pública, nas relações de emprego, na escola, nas ruas, nos bailes, e que também permeiam os âmbitos mais privados. Como dito por Kauani, uma mulher pode temer até ser morta pelo homem com quem se relaciona afetivamente, apenas por ser mulher. E além disso, pode ser violentada por um homem branco, por ser uma mulher negra.

Teve um caso também que o pai do meu ex-namorado, ele parecia, meio que, ter um preconceito comigo, sabe? [...] Mas também, a gente ficava, assim, como que ficava assim por causa da minha cor, [...] Aí eu me sentia mal também com essa situação. E até mesmo com o relacionamento. Às vezes, eu me sentia bastante sozinha, também. E, por causa disso, eu tava ficando muito ruim. Muito, sei lá, depressiva. (Dandara)

Aí, esse outro contato com a depressão, que foi forte, eu acho que eu tinha, não lembro se era 16 ou 17 [anos]. Não foi tão, tão longe, né?! Mas eu tive depressão também por, sei lá, por falta de aceitação. Eu não me aceitava como eu era. Tudo, corpo, tudo, tudo, tudo. (Dandara)

Solidão, depressão, não aceitação de si, falta de oportunidades, medo, insegurança, deixar de fazer o que quer. O sexismo atua sobre o corpo das mulheres dizendo o que elas podem e não podem fazer. O racismo somado ao sexismo coloca as mulheres negras em

situações ainda mais perversas e excluídas. Um feminismo universal branco não inclui as demandas específicas das mulheres negras. O feminismo negro luta contra as interseccionalidades das violências estruturantes da sociedade, sobretudo, o racismo e o machismo.

No próximo capítulo, analisaremos brevemente as experiências dos jovens LGBTQ+, marcadas pela heteronormatividade, fazendo intersecções entre raça, gênero e sexualidade.

7. AUDRE LORDE: POR UM FEMINISMO NEGRO QUE PAUTE A SEXUALIDADE



Imagem 7: Menina andando de skate.

O feminismo negro traz à tona questões muito importantes como crítica ao feminismo branco, para avançarmos na luta antirracista e anti-patriarcal. Compreendendo, inclusive, que há diferenças identitárias entre as mulheres que precisam ser pautadas. Quando feministas negras trabalham no sentido de produzir outros significados sobre ser mulher e sobre a sexualidade feminina, elas dão um passo à frente para romper os padrões do sexismo e da heteronormatividade.

No entanto, assim como o feminismo branco não atende as demandas das mulheres negras, o feminismo negro nem sempre atende as demandas das mulheres lésbicas. E, ainda que as mulheres negras pautem a heteronormatividade e o sexismo como normas a serem destruídas, a lesbianidade ainda não foi completamente aceita pelo movimento.

Por outro lado, o movimento homossexual que surge na década de 60, junto com outros movimentos sociais (negro, feminista), é majoritariamente liderado por homens gays que, apesar de lutarem pela liberdade sexual, mantêm estruturas patriarcais e misóginas (FALQUET, 2013). Se o feminismo negro surge da intersecção entre o movimento negro, que mantinha estruturas patriarcais, com o movimento feminista, que não pautava a identidade racial, o lesbofeminismo surge da intersecção do movimento homossexual e do movimento feminista.

Embora muitas mulheres lésbicas tenham trabalhado ativamente na construção das frentes feministas, elas começaram a ter alguns incômodos, por perceberem que a maioria das mulheres heterossexuais sentiam que sua identidade heterossexual estava ameaçada, preferindo que as mulheres lésbicas permanecessem “dentro de seus armários¹⁹” (FALQUET, 2013). Para as mulheres lésbicas, isso significava manter uma parte de si escondida, invisível.

Assim como o movimento feminista negro problematizou os papéis considerados femininos e os papéis considerado das mulheres nas relações afetivas e sexuais com homens, o movimento feminista lésbico pautou o enfrentamento ao que se propunha enquanto papéis considerados naturalmente femininos e os papéis heteronormativos impostos socialmente, principalmente no que tange a expressão da sexualidade e os papéis

¹⁹ “Dentro do armário” é um termo usado, dentro e fora da comunidade LGBTQ+, para referir-se às pessoas LGBTQ+ que não tem suas identidades de gênero e/ou sexualidade assumidas socialmente. O termo também pode ser usado em outras variações como: “sair do armário”, que significa assumir-se socialmente; “fora do armário”, que significa já ter se assumido socialmente; entre outras variações.

de submissão sexual das mulheres heterossexuais (e bissexuais em relacionamentos heteronormativos), na relação com os homens.

Audre Lorde é uma importante ativista feminista negra e lésbica, que dedicou muito de sua vida ao movimento do feminismo negro. No entanto, Lorde (1989) sistematiza algumas denúncias ao movimento de mulheres negras, condenando algumas atitudes das mulheres negras que reproduzem a heteronormatividade e a homofobia.

A autora aponta que, dentro das comunidades negras, para garantir a atenção dos homens negros, muitas mulheres optaram por afastar as mulheres lésbicas das lutas do feminismo negro, para não serem confundidas e punidas como mulheres lésbicas pelos homens negros (LORDE, 1989).

Entendendo que a LGBTfobia também está estruturada na heteronormatividade, no patriarcado e no sexismo, não lutar contra essa opressão seria manter alimentada essa estrutura social opressora. E ainda, se compreendermos a interseccionalidade como o entrecruzamento de quaisquer opressões, seja raça, gênero, sexualidade, cultura, e outras, lutar contra a lesbofobia precisa ser uma ação interseccional.

Lorde (1989) afirma que o racismo é a crença na superioridade inerente de uma raça para justificar a dominação de outra, e o sexismo é a crença na superioridade inerente de um sexo (ou gênero), para justificar a dominação de outro (e talvez, hoje, possamos dizer outros). Para a autora, assim opera o classismo, o elitismo, a heteronormatividade (LORDE, 1989), anulando, invisibilizando e dominando aquele que é considerado inferior.

Como uma feminista lésbica negra confortável com os muito diferentes ingredientes de minha identidade, e como uma mulher comprometida com a liberdade da opressão racial e sexual, eu acho que eu fui constantemente encorajada e tirar para fora algum aspecto de mim mesma e apresentando o todo significativo, eclipsando ou negando partes de mim. Mas isso é destrutivo e fragmentador ao longo da vida. Minha concentração de energia mais completa está disponível para mim apenas quando eu estou com todas as partes de mim integradas, abertas, permitindo que fontes de poder particulares da minha vida fluam para frente e para trás livremente, através de todos os meus eus, sem restrições de definições externamente impostas. Só assim eu posso trazer a mim mesma e as minhas energias para servir as lutas que abraço como parte da minha vida²⁰ (LORDE, 1989, p. 120-121, tradução nossa).

²⁰ As a Black lesbian feminist comfortable with the many different ingredients of my identity, and a woman committed to racial and sexual freedom from oppression, I find I am constantly being encouraged to pluck

Embora Audre Lorde seja uma figura muito importante para o feminismo negro norte americano, muitos de seus escritos estão sendo reconhecidos mais recentemente, e, conseqüentemente, sua importância na luta pelos direitos das mulheres negras e mulheres lésbicas negras só tem ganhado mais visibilidade nos últimos anos.

No contexto brasileiro, Carla Akotinare (2019), ao traçar percursos da interseccionalidade, menciona a importância de se pautar a LGBTfobia em pé de igualdade com o racismo e o sexismo, rompendo com toda a estrutura de dominação racista, sexista, heteronormativa, classista.

A temática ficou mais evidente após o assassinato da socióloga e vereadora Marielle Franco, mulher, negra e lésbica, ativista dos direitos das mulheres, das pessoas negras e da população LGBTQ+, morta em março de 2018 por motivações políticas e por tudo que ela representa na ordem da dominação branca, masculina, heterossexual, conservadora e cristã.

No campo prático, nenhuma de nós gostaria de ver o assassino da feminista negra lésbica vereadora Marielle Franco em liberdade, aquela mulher negra atingida na encruzilhada do racismo, sexismo e lesbofobia, atirada ao trânsito colonial contra mulheres negras. A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres negras que um dia foram interrompidas. A interseccionalidade é sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isso é tão difícil de engolir seus fluxos feitos mundo afora. (AKOTIRENE, 2019, p. 109)

Uma pesquisa brasileira sobre mulheres negras e lésbicas discute que analisar duas ou mais opressões a partir da interseccionalidade não deve significar sobrepor ou priorizar uma opressão em detrimento de outra, mas sim compreender o que acontece no cruzamento (OLIVEIRA, 2006), na encruzilhada (AKOTIRENE, 2019).

Falar sobre o feminismo negro e a interseccionalidade nesta pesquisa, e não elucidar as questões em torno da sexualidade e da LGBTfobia, seria perpetuar e seguir no caminho da negação e da invisibilidade desta opressão dentro da estrutura patriarcal e branca. Ainda que as teorizações sobre o assunto sejam raras, e não seja possível se prolongar

out some one aspect of myself and present this as the meaningful whole, eclipsing or denying the other parts of self. But this is a destructive and fragmenting way to live. My fullest concentration of energy is available to me only when I integrate all the parts of who I am, openly, allowing power from particular sources of my living to flow back and forth freely through all my different selves, without the restrictions of externally imposed definition. Only then can I bring myself and my energies as a whole to the service of those struggles which I embrace as part of my living. (Texto original)

muito por elas, se faz necessário fazê-la para que não fiquemos mantidas presas dentro de um “armário duplo²¹”: o da sexualidade e o da raça.

²¹ O termo foi utilizado por Oliveira (2006) como título de uma categoria de análise em sua pesquisa. No entanto, a autora não estabelece um conceito delimitado para o termo, citando-o apenas uma vez como título. Não foram encontrados outros autores ou pesquisas que utilizassem o termo como um conceito pré-definido. Para nós, esse conceito serve para dizer da forma velada como a maioria das pessoas trata da opressão provocada pela LGBTfobia e pelo racismo, associados.



Imagem 8: Jovens LGBT na praça.

*Quem foi que
definiu o certo e o errado
O careta e o descolado
A beleza e o horror*

*Quem foi que
definiu o preto e o branco
O que é mal e o que é
santo
O ódio e o amor?*

*Cada um é dono da
sua história
Quantos gigas de
memória você separa pra
sua dor em?*

*Haja, sinta, ame do
seu jeito
Tenha orgulho no seu
peito
Se orgulhe do amor meu
bem*

*Escolha pra sua
vida, só aquilo que faz
bem
Nunca mude sua cabeça
por nada nem por
ninguém
Porque afinal de contas,
ninguém paga suas
contas
Nem lhe dar qualquer
vintém*

*Então ame, e que
ninguém se meta no meio
O belo definiu o feio pra
se beneficiar
Ame e que ninguém se
meta no meio*

*Por que amar não é feio neguinho, o feio é não amar
Levante a bandeira do amor, neguinho oh oh.*

(Levante a bandeira do amor – Bia Ferreira)

7.1. SEXUALIDADES INVISÍVEIS

“A cada 20 horas um LGBT+ é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais.”
(GRUPO GAY DA BAHIA, 2018, p. 1)

7.1.1. KAUANI

Kauani é uma menina de 15 anos de idade, parda, bissexual, magra, com cabelo curto cacheado. Tem piercing no lábio, no nariz e umbigo, alargadores nas orelhas e uns vestígios de mechas coloridas no cabelo. Ela é uma jovem alta, tem cerca 1,70m. Com exceção das obrigações escolares, quase nunca sai de casa, e a maioria das vezes que nos encontramos, conversamos na porta da sua casa.

Kauani é uma das jovens que vive no complexo de prédios da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) que tem no bairro. Complexo que foi construído com o intuito de abrigar pessoas que viviam em ocupações irregulares em outros bairros periféricos da cidade.

As casas neste complexo de prédios são divididas em blocos habitacionais, compostos por três ou quatro prédios de dois andares, nos quais, cada andar, tem duas casas. Cada casa é composta por dois quartos, um banheiro, uma cozinha e uma sala, e a média de moradores por casa varia de 3 a 8 pessoas. A maior parte das residências térreas não possuem muros ou portões antes da porta de acesso a casa. No entanto, algumas delas possuem portões e/ou muros improvisados de tijolos, telhas ou chapas de ferro, que foram feitas pelos próprios moradores, sem qualquer regulamentação da construção.

Kauani mora em uma dessas casas térreas com muro de tijolos e um portão de ferro que não fecha completamente. Reside com a mãe e a irmã de 4 anos. Como fonte de renda, a mãe dela coleta recicláveis para vender, e elas são beneficiárias do Programa Socioassistencial Bolsa Família²². Vez ou outra, Kauani faz bicos como babá para conseguir dinheiro para carregar o cartão de passes do ônibus que usa para se deslocar na cidade.

Ela acorda bem cedo e divide as tarefas domésticas com a mãe. Depois de ajeitar a casa, antes das 7 horas da manhã, ela sai para ir à escola, que fica a aproximadamente 1,5 km, e ela leva cerca de 15 minutos a pé para chegar.

²² O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. Tem como objetivos: combater a fome e promover a segurança alimentar e nutricional; Combater a pobreza e outras formas de privação das famílias; Promover o acesso à rede de serviços públicos, em especial, saúde, educação, segurança alimentar e assistência social. Para ter direito a este auxílio, a renda *per capita* da família não deve ultrapassar R\$178,00 mensal, bem como devem ser cumpridos alguns outros pré requisitos. O valor do benefício pode ir de R\$89,00 a R\$205,00 mensais, e varia de acordo com quadros familiares considerados de maior risco e vulnerabilidade, como por exemplo, gestantes e crianças de 0 a 15 anos.

Ela faz um curso técnico no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), duas vezes por semana, para o qual ganhou uma bolsa integral de estudos. Nos dias em que ela não tem curso, ela sai da escola às 12 horas e volta para casa. Costuma ficar a tarde toda em casa, faz comida e cuida da irmã enquanto a mãe sai para coletar os recicláveis. Nos dias em que tem curso, ela costuma sair mais cedo da aula para poder chegar a tempo no curso.

Para chegar no curso, Kauani precisa pegar dois ônibus e percorrer um trajeto de quase 1 hora e meia. O curso tem início às 14 horas e vai até as 18 horas, e muitas vezes ela acaba indo da escola direto para o curso sem conseguir almoçar. Ela acredita que isso a diferencia bastante dos outros estudantes do curso, principalmente daqueles que tem condições financeiras melhores e podem pagar pelo curso, não necessitando de bolsas de estudos.

Ela conta que só conseguiu fazer este curso por ter conseguido a bolsa, mas que, às vezes, a falta de dinheiro para o ônibus a impede de frequentar as aulas. As faltas, a dificuldade para almoçar antes do curso e as roupas que ela usa, segundo ela, são elementos que fazem os colegas do curso terem um pouco de preconceito e pensarem coisas negativas sobre ela.

Até por isso, ela diz que não tem muitos amigos e prefere ficar em casa com a mãe e com a irmã, que são suas melhores amigas. Quando ela sai, costuma sair com a namorada, logo após o término do curso, normalmente, para comer açaí ou assistir à um filme no cinema.

Logo que elas começaram a namorar, Kauani costumava ficar na casa da companheira para não voltar muito tarde para casa sozinha, já que considera o trajeto perigoso e, como mulher, andar sozinha na rua à noite pode ser um risco. No entanto, a família da atual companheira não aceita o relacionamento delas, o que tem dificultado que elas se encontrem com mais frequência.

Kauani acredita que por viver com uma família nuclear formada exclusivamente por mulheres, não sofre tanta opressão por ser mulher. Ainda que, vez ou outra, tenha discussões com a mãe por gostar de usar roupas curtas, consegue manter uma relação bastante saudável e amigável com a mãe. Ela revela que assumiu a bissexualidade para a família bastante cedo, que foi muito bem acolhida pela mãe e sempre teve muito apoio, no entanto, o restante da família, tios e tias, não a aceita muito bem.

Kauani conta que quando anda na rua com a namorada também sofre bastante preconceito o que lhe causa muito sofrimento. Quando me conta histórias de situações vividas por elas, a garota sempre chora bastante e tem muita dificuldade em falar sobre as violências que já sofreu com a atual namorada ou com companheiras anteriores.

Além das situações de LGBTfobia, outro preconceito que afeta muito a vida de Kauani é o racismo. Ainda que ela tenha a pele mais clara, a maioria dos seus amigos e sua mãe, são negros. Ela conta que sempre que a mãe está com ela em lojas ou grandes mercados, elas são seguidas pelos seguranças do local e, às vezes, até abordadas. E conta ainda, que vivia a mesma situação com a ex-namorada que também era negra.

Embora Kauani seja uma garota nova, a coisa que ela mais gosta de fazer são cursos de formação. Para ela, os cursos de formação têm um grande valor e significam, em algum grau, a possibilidade de um dia poder ter uma vida melhor e, conseqüentemente, dar a mãe e a irmã uma vida melhor. Ela sonha em conseguir um bom emprego, mudar de casa, poder ir morar em bairro melhor, conseguir ter roupas e pertences melhores e, quem sabe um dia, não ser julgada pela sua aparência, pela sua sexualidade e até mesmo não precisar ver a mãe passar por situações de constrangimentos por racismo.

7.1.2. EVERTON

Everton é um jovem pardo de 23 anos, magro, aproximadamente 1,70, muito tímido. Nascido em São Carlos, morou com a avó até o início da adolescência. Os pais e os irmãos moravam em uma fazenda próxima da cidade de Ribeirão Preto, que fica a aproximadamente 40 minutos de onde ele residia com a avó. Quando o pai faleceu, a mãe mudou-se para São Carlos com os outros filhos, para morar com Everton e sua avó.

Quando a família dele veio para São Carlos, ficaram pouco tempo na casa da avó, e logo depois mudaram-se para uma região periférica, levando Everton com eles. A casa que moravam ficava na beira de um barranco e corriam riscos constantes de desabamento. Além disso, a casa ficava num território de ocupação, e estavam em habitações irregulares. Quando o complexo da CDHU foi construído no São Carlos VIII, a família de Everton foi uma das remanejadas pelo programa de habitação, o qual foi responsável pelo remanejamento de várias famílias que ocupavam a região.

Atualmente, eles moram em sete pessoas em sua casa: Everton, a mãe, três irmãos, sendo dois mais novos e um mais velho, e dois sobrinhos. Ele tem mais um irmão, o mais velho de todos, que está preso, mas também já morou com eles.

Quem cuida das tarefas domésticas é ele. Os irmãos trabalham fora e ajudam com as despesas da casa, e a mãe é aposentada e cuida dos netos. Everton está desempregado e passa a maior parte do tempo em casa, ou cuidando da casa, ou não faz nada quando não há o que fazer. Ele lava as roupas, cozinha, faz a limpeza e a organização da casa. No fim da tarde, ele toma um banho, se arruma e sai de casa às 18 horas para ir para escola.

Ele abandonou os estudos quando tinha 10 anos de idade e, recentemente, retornou. Está cursando a 6ª série em uma escola pública na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). A escola fica bastante longe de sua casa, mas é uma das poucas escolas na cidade que oferece o ensino para jovens e adultos. Por sorte, o ônibus que passa no bairro vai até o bairro onde fica a escola e, ainda que o trajeto seja longo, ele consegue fazer os trajetos que necessita com apenas um ônibus.

Everton fala bastante sobre os estigmas e preconceitos que sofre por ter um dos irmãos presos. Para ele, todas as pessoas o veem como bandido. Se, por um lado, isso tenha o motivado a voltar para os estudos, por outro, ele se sente completamente desmotivado para fazer qualquer outra atividade, inclusive para procurar um trabalho.

Nós nos conhecemos no CEU das Artes, durante uma das reuniões do CRAS em que eu estive presente. A reunião é aberta para famílias e pessoas que precisam de alguma assistência ou direcionamento, seja em questões financeiras, alimentares, de violência, de empregos, entre outros. Na ocasião, ele procurava ajuda para encontrar um emprego, mas acabou não concluindo o processo.

Em todos os nossos encontros, ele sempre esteve muito calado, fica quase o tempo olhando para o chão e com o corpo mais fechado e rígido. Ele não participa de nenhuma atividade artística ou esportiva no CEU, embora tenha muita vontade de fazer teatro e dança para tentar ser menos tímido.

Everton tem ficado muito em casa, se afastado da família e dos amigos, do bairro e da escola, quase nunca tem vontade de sair. Em casa, tem lidado com piadinhas e cobranças dos irmãos com a relação à sua sexualidade.

Um tempo atrás, ele se relacionou com algumas mulheres, mas começou a perceber que isso não lhe trazia nenhum prazer. Com o tempo, ele começou a se afastar das pessoas porque não entendia o que acontecia com ele, pensava que tinha algo de errado com a sua sexualidade.

Recentemente, ele tem pensado sobre se relacionar com homens e que possa ser uma possibilidade no futuro que, talvez, lhe traga mais prazer. No entanto, a única certeza que ele tem é que precisa sair da casa da família antes de poder experimentar diferentes relações para seu autoconhecimento. Por hora, ele prefere não se identificar com nenhuma orientação sexual.

Para ele ainda é muito difícil falar sobre isso. Por várias vezes em que ele começou a falar sobre o assunto, se sentiu incomodado ou triste e preferiu mudar o foco da conversa. Na última vez que nos vimos, ele conseguiu falar um pouco melhor sobre como se sentia e contou sobre o medo que tem da rejeição da família e das outras pessoas que conhece, caso ele descubra que gostaria de se relacionar com homens.

Por isso, o estudo tem se tornado muito importante para ele, como uma possibilidade de alcançar uma renda, melhorar as condições financeiras e sair da casa da mãe, para enfim, conseguir expressar-se e descobrir-se.

7.2. Ser jovem e ... não ser heterossexual

Falar com jovens sobre a sexualidade não heterossexual se mostrou uma tarefa um pouco mais delicada. Com Kauani, precisamos interromper a entrevista algumas vezes para que a jovem pudesse se recompor dos momentos doloridos que estava recordando e que provocaram choro nela diversas vezes. E com Everton, a dificuldade dele em falar sobre sua sexualidade, em um momento que ainda está em processo de descobrir-se e assumir-se, as vezes o deixava mudo e pensativo por vários minutos. Em um momento da entrevista ele pediu que parássemos de gravar o áudio²³.

Everton começou a ficar bastante desconfortável com as perguntas relacionadas à sua sexualidade e solicitou que o gravador fosse novamente desligado. Ele estava com os olhos cheios de lágrimas e tivemos uma longa conversa sobre o seu processo de descoberta da sexualidade, e ele solicitou que essa parte não fosse gravada, mas me autorizou a relatar por escrito nossa conversa. (Diário de campo da pesquisadora)

“Sair do armário” não acontece apenas uma vez e ponto final. Sair do armário, socialmente, é diário. Todos os dias, em todos os lugares que você frequenta, todas as pessoas pelas quais você passa, conhecidas ou não. Sair do armário é um eterno constante, que durará até o fim da vida de qualquer pessoa LGBT+.

E sair do armário, em muitas das vezes, significa não ser aceito pelo outro, pela sociedade, pela família.

Porque a família tem muito parente que eu não curto muito. Por mais que eles não me julguem porque tem várias pessoas na minha família que é, eu não me sinto bem com eles. Eles olham com cara de desprezo, sabe? Pra minha tia e pra minha prima, e eu percebo. Por mais que elas não ligam, eu ligo e não me sinto confortável. (Kauani)

Em alguns casos, inclusive, a família torna-se um dos motivos para que os jovens permaneçam dentro do armário por muito tempo, ao longo de sua vida.

²³ Em respeito a decisão de Everton, parte da entrevista com ele não foi gravada. Com a autorização dele, descrevi trechos com caneta e papel ao mesmo tempo em que conversávamos. Depois que ele leu as anotações que eu havia feito, permiti que ele excluísse quaisquer partes que desejasse para, então, autorizar a utilização das anotações como diário de campo. Para diferenciar as falas gravadas dos registros em diário de campo, as transcrições serão atribuídas como falas de Everton, seguindo o mesmo modelo dos outros jovens. Os trechos retirados de diário de campo serão sinalizados.

É. Mas eu já fiquei com mulheres. Mas com homens não. Eu tenho medo também, de descobrir. Sei lá, minha família não aceitar. [...] Eu acho que eles não aceitariam não. (Everton)

Essa não aceitação familiar e social muitas vezes leva os jovens LGBTQ+ a se isolarem, se esconderem, se afastarem de familiares, de amigos, evitarem frequentar locais ou realizar algumas atividades, ou ainda negarem uma parte de si.

E ela [namorada de Kauani] não é assumida, também. Que a família dela é preconceituosa. [...] Ela chegou até um dia a falar pra gente parar de andar de mão dada, juntas, se abraçar e tal. Por causa das coisas que acontecem. (Kauani)

Por conta disso, e por conta dos preconceitos que ele acredita que pode sofrer, principalmente em casa, ele tem deixado de fazer coisas. Não sai mais de casa para fazer nada, se não for para ir para a escola. Ele diz que não tem mais nenhum amigo, nem no bairro, nem na escola, por ter ficado muito tímido e com medo do que pode sofrer. (Diário de campo da pesquisadora)

Ultimamente, nada. Por opção mesmo. Por não gostar muito de socializar. [...] Não querer, não se envolver, não sair. É isso. (Everton)

Se, por um lado negar parte de sua identidade por ser algo doloroso, por outro, assumir-se, também pode ser. Kauani, bissexual assumida, tem muito apoio da mãe, mas como já trouxe em um trecho anterior, essa aceitação não se estende a toda a família. Atualmente, ela está em um relacionamento homoafetivo com uma jovem mulher, e por isso, entende que socialmente são vistas como um casal lésbico.

Eu e ela, esses dias... aí, que vontade de chorar. A gente foi no cinema e tinha vários casais, também. Tinha outro casal de lésbicas do nosso lado, na nossa frente. Eu e ela simplesmente sentamos e ficamos abraçadas, só. E a moça falou que se a gente não se comportasse, a gente poderia ser expulsas. (Kauani)

E ela relata diversas situações do dia-a-dia em que sofreu opressões diversas e que haviam outros casais heteronormativos que faziam atividades semelhantes e não sofreram punições, agressões.

Tem a biblioteca municipal, era umas cinco horas, cinco e meia, por aí. Eu e ela foi e sentou lá, e o segurança, tipo, simplesmente começou a brigar com ela só porque a gente tava ali (choro) E quando a gente foi sair tinha um casal hétero se pegando na escada,

*e ele simplesmente passou reto deles. Tipo, só falou com a gente.
(Kauani)*

Simplesmente existir em um espaço, existir enquanto sexualidade expressa, existir enquanto identidade, para essas e esses jovens é um desafio, é opressor.

Eu e ela [minha namorada] tava na Catedral, que a Praça debaixo da dos Pombos, e as pessoas olhavam com outra cara pra gente. Cara de desprezo, sabe? Então, é algo muito diferente. (Kauanu)

Opressão que gera medo, insegurança, e que os faz depender da aprovação de outros para expressar, exercer e viver, corporalmente, sua sexualidade.

Então, eu nunca namorei, sabe? Eu não sei porque. Nem eu sei, na verdade, minha sexualidade. Então, eu não sei. Eu tô me descobrindo ainda. [...] Ah, não sei. Piadinhas. Rejeição mesmo. Por isso que eu quero estudar. Não quero depender de ninguém, não. Acho que é isso. (Everton)

Para ele, tem sido muito difícil as vezes que se sente atraído por outro homem. Embora já tenha se relacionado com mulheres, não é uma coisa que ele tenha gostado ou queira fazer novamente, e a possibilidade de gostar de outro homem o assusta muito. Ele acha que, por enquanto, ele não sofre com piadinhas e com preconceito porque as pessoas acham que ele só é tímido, e como nem ele mesmo sabe a própria sexualidade, os outros também não sabem. (Diário de campo da pesquisadora).

Anteriormente, mencionamos que a homofobia também estava cunhada numa estrutura sexista e misógina, e que trataríamos novamente dessa questão trazendo um pouco dos relatos de Everton.

Eu acordo, tomo café. Umás 9 horas, no máximo. Aí eu limpo a casa pra minha mãe. Eu fico o dia inteiro em casa. [...] Cozinho, lavo roupa pra ela [a mãe]. [...] Eles [os irmãos] trabalham fora. (Everton)

Em casa, ele conta que sofre um pouco com os irmãos, e já ouviu algumas piadas, principalmente por conta das atividades domésticas que realiza e, por isso os estudos são a coisa mais importante para ele. Para que, no futuro, ele possa ter um bom emprego e possa se sustentar sozinho, longe de toda a família dele, e possa, finalmente, descobrir quem ele realmente é. (Diários de campo da pesquisadora)

As piadas que os irmãos fazem com Everton por ele se responsabilizar pelas tarefas domésticas estão pautadas na ideia de que é um papel natural feminino cuidar da casa e, portanto, um papel afeminado. Além disso, uma tarefa naturalmente feminina, seria inferior a qualquer tarefa naturalmente masculina e, portanto, desvalorizada. Por isso, um homem cumprir as tarefas domésticas ao invés de trabalhar fora é motivo de piada para os irmãos de Everton.

Além de estar pautada na estrutura patriarcal e sexista, a homofobia tem uma reafirmação religiosa e cristã.

Teve uma vez também, que a gente tava no ponto de ônibus, e um senhor chegou e disse que a gente ia pro inferno por causa disso. (Kauani)

Que também aparece nos relatos de Dandara quando ela fala sobre a igreja que frequenta:

De certa forma, um preconceito, né, principalmente com os homossexuais. Eu acho que, talvez, toda religião cristã tenha um pouco disso. (Dandara)

Assim como a raça, assim como o gênero, a sexualidade fora do armário marca o corpo dos jovens LGBT+, e produz uma série de violências em seus cotidianos, em suas relações afetivas, nas relações sociais. A intersecção das violências de raça e sexualidade, gênero e sexualidade, raça, gênero e sexualidade, e outras marcas identitárias que possam existir nos corpos jovens, interferem diretamente na forma como eles vivem suas corporeidades.

Assim né, tem dificuldade bastante. Que eu vejo várias coisas acontecendo por causa de uma cor de pele. Ou, tipo, sua sexualidade também, chega ser difícil fazer as coisas. [...] Teve um tempo que eu ficava com uma mina negra, e também acontecia a mesma coisa que acontece com a minha mãe. De ir no mercado com ela e os seguranças seguir. (Kauani)

São preconceitos de forma diferente, entendeu? Porque às vezes tem pessoas negras que tem preconceito com pessoas trans, e a pessoa trans também sofre preconceito, então, eu acho que é bem isso. E é relativo. São preconceitos também, só que são abordados de forma diferente nas pessoas. (Kauã)

Para não nos mantermos, ou mantermos outros dentro de armários de raça, gênero, sexualidade, dentro de armários duplos ou triplos, precisamos olhar para os entrecruzamentos, para as encruzilhadas, para as interseccionalidades, sem deixar que diversidades identitárias alimentem alguma base das estruturas dominantes e opressoras.



Imagem 9: Um jovem negro skater.

*Eu boto fé na menina de treze
anos*

*Medicina está sonhando
Mas tem que cuidar do irmão*

*Eu boto fé na tia que tá
trabalhando*

Doze horas faxinando

Três horas na condução

*Eu boto fé na menina de treze
anos*

*Medicina está sonhando
Mas tem que cuidar do irmão*

*Eu boto fé na tia que tá
trabalhando*

Doze horas, faxinando

Três horas na condução

Eu boto fé

Eu boto fé

São três horas na condução

Eu boto fé

Cê bota fé

Eu boto fé

São três horas na condução

Cê bote fé

Porque se cê faltar com a fé

Cê não vai ter pra onde correr

Isso não vai ser muito bom

Cê bote fé

Porque se não faltar com a fé

Cê não vai ter força pra corrê

E mudar a situação

Cê bote fé

Cê não vai ter pra onde correr

Isso não vai ser muito bom

Porque se cê faltar com a fé

Cê não vai ter força pra corrê

E mudar a situação

(Boto Fé – Bia Ferreira)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem 10: Visão geral da pista de Skate.

As juventudes brasileiras são plurais, assim como os aspectos sociais que atuam nos processos de invisibilidade, opressão, desigualdade e exclusão. Apontar para a juventude como uma categoria pré-definida e determinada por comportamentos e delimitações biológicas e/ou subcategorizá-la de acordo com as classes sociais, não nos permite observar e perceber as diversidades que podem ser expressas pelos jovens.

A corporeidade juvenil se expressa diversa – negra, mulher, LGBT+, rapper, estudante, jogador de futebol, entre tantas outras possibilidades, são múltiplas juventudes que carregam nos corpos identidade e marcas que sobrevivem, resistem e insurgem frente às sociedades conservadoras, racistas e patriarcais.

Ressalta-se que o Brasil é considerado um dos países mais violentos, responsável pela morte diária de jovens negros e negras, a morte de mulheres, e o maior número de mortes LGBT+ do mundo (BRASIL, 2016; GRUPO GAY DA BAHIA, 2018; IPEA, 2019). Grupos estigmatizados, marginalizados e interrompidos sistematicamente pelo que representam enquanto corpos simbólicos e sociais.

A classe e as condições socioeconômicas foram importantes elementos da intersecção, considerados desde a escolha metodológica do trabalho de campo, o que foi evidenciado nas narrativas e vivências relatadas pelos jovens, em toda a construção do texto. A pobreza, a segregação geográfica, a escassez de recursos públicos, produz violências para os jovens pobres, sem dúvida alguma. Contudo, temos que este campo foi debatido e incorporado para/na Terapia Ocupacional, assim, fizemos a escolha de concentrar nossas contribuições em campos menos explorados e, sobretudo, nas interseccionalidades sobrepostas.

Por mais que esses jovens se desloquem por outros espaços, carregam a marca do jovem periférico, que para além das violências concretas que isso possa gerar, gera violências simbólicas, daquilo que passam a representar socialmente.

Acreditamos na possibilidade de enfrentar as estruturas sociais que ameaçam a existência de jovens por sua existência ser diversa e múltipla, que não se encaixa em padrões sociais dos séculos passados. Padrões obsoletos e violentos, que negam a existência da diversidade dos corpos e das culturas.

Acreditamos na capacidade dos terapeutas ocupacionais de acompanhar as transformações e as lutas sociais, promovendo espaços de cidadania, empoderamento,

emancipação e, principalmente, espaços de existência das diversidades. Através de práticas sensíveis, plurais e anti-hegemônicas.

A Terapia Ocupacional, nos entrelaçamentos Crítico, Cultural e Social, tem se preocupado com uma produção científica e prática descolonizadora, e produzido reflexões que caminham na direção de gerar rompimentos com as estruturas de opressão. Pautar as questões de raça, gênero e sexualidade se apresenta como um caminho possível, mas é imprescindível a compreensão de que os enfrentamentos devem considerar a interdependência entre as estruturas de opressão.

A interseccionalidade aparece como uma importante ferramenta de ação técnica e científica, que nos permite ampliar perspectivas e possibilidades para a compreensão e o enfrentamento das violências, possibilitando alcance para as diferentes esferas de opressão que marcam, corporificam e contextualizam as corporeidades das juventudes.

Quais são as encruzilhadas nos corpos dos jovens negros e pobres? Kauã e Caique enfrentam as dificuldades econômicas, o desemprego, o racismo nas entrevistas para vagas de trabalho, as dificuldades com o transporte público no bairro e as dificuldades que marcam suas experiências cotidianas quando são encarados como bandidos, marginais.

Por outro lado, as estratégias que eles criam por meio do Rap, do Funk, do skate, do futebol, que os fornecem possibilidades de criar(se), expressar(se), resistir e existir diante das violências, diante das opressões.

Ou ainda, as jovens mulheres e pobres objetificadas e subalternizadas pelos sistemas capitalista e patriarcal. Julia e Dandara que diariamente são violentadas pelas estruturas que ditam os modos de vida femininos, domésticos, subalternizados pela estrutura sexista e machista.

As encruzilhadas de gênero e raça, que oprimem, objetificam e marginalizam mulheres negras, operando nos corpos de Dandara e Kauani. Mulheres que, além de toda a opressão de gênero, somam aos seus corpos o racismo: não gostam de seus próprios cabelos, não gostam da própria cor da pele, sequer, são levadas em consideração em qualquer ambiente em que estão. São anuladas socialmente em seus cotidianos, fazeres e modos de vida.

Mulheres que se fortalecem e resistem através dos estudos, das artes, da religião, das caminhadas acompanhadas e nunca sozinhas, de tantos feminismos que, ainda que sejam caminhos possíveis, muitas vezes também reforçam opressões.

A sexualidade, como mais uma via de opressão para Everton e para Kauani, invisibiliza e nega seus corpos, seus desejos, seus amores. E eles se agarram as mãos daqueles que os ajudam a manter-se fora do armário, e aguardam um futuro em que possa estar longe daqueles que os querem invisibilizados pelo o que são e por aquilo que representam seus corpos e modos de vida, assim, muitos os preferem e os desejam dentro de armários.

O racismo, o patriarcado e o capitalismo produzem e alimentam-se entre si nas estruturas das opressões. Nas encruzilhadas, nas intersecções das violências simbólicas e materiais, precisamos perceber as formas como as opressões retroalimentam as estruturas sociais e criar estratégias de enfrentamento que se pautem em perspectivas de Terapias Ocupacionais críticas, anti hegemônicas, antirracistas, feministas, antipatriarcais e não heterocisnormativas.

8.1. Continuidades e outras possibilidades

Neste trabalho, pretendeu-se reunir e refletir sobre conceitos que consideramos importantes para a produção de novas perspectivas. Adotar as juventudes como este laboratório de experimentação das identidades nos permitiu fazer emergir essas questões a partir da percepção dos próprios jovens.

Precisamos nos aprofundar nos estudos sobre as violências dos corpos racializados e compreender como a raça é um fator que interfere diretamente nas atividades e nos cotidianos de jovens negros e negras.

Precisamos compreender como o sexismo, o machismo e o patriarcado viola e privam a vida das jovens mulheres, suas interferências em seus modos de vida e em suas atividades humanas, em níveis micro e macrossociais, na vida pública e privada. E como gênero tornou-se uma categoria de opressão, tanto nos aspectos dos papéis sociais adequados dentro da cisgenereidade, como para aqueles que são colocados às margens, nas vias das identidades transgêneras.

Precisamos falar sobre as sexualidades não heteronormativas para as quais estão impostos regimes de invisibilidades e negações, e compreender as expressividades das corporeidades atravessadas pela negação de parte de si mesmas.

Discussões que não se encerram neste trabalho, mas que apontam em direção para as intersecções que necessitam serem descobertas e descolonizadas para existirem em sua plenitude e diversidades. E os desafios à frente não serão pequenos.

Como uma lésbica negra feminista, compreendo que meu trabalho e minha luta não estão encerrados, mas continuo pronta para os trabalhos e para as lutas que virão a seguir.



Imagem 11: Menina que joga capoeira. Foto do evento Fest 8.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, M. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. *Última Década, Viña del Mar, CIDPA*, v. 16, mar. 2002, p. 119-155. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28212652_Las_politicas_de_juventud_desde_la_perspectiva_de_la_relacion_entre_convivencia_ciudadania_y_nueva_condicion_juvenil. Acesso em: janeiro de 2020.
- ABBAS, H.; MAMA, A. Pan-africanism and Feminism. *Feminist Africa*, n. 20, 2015. Disponível em: <http://www.agi.ac.za/agi/feminist-africa/20>. Acesso em: janeiro de 2020.
- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- AKOTINERE, C. *Interseccionalidade*. Série Feminismos Plurais. 2ª Reimpressão. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ALMEIDA, M. V. M. *Corpo e Arte em Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro: Enelivros Editora, 2004.
- ALMEIDA, M. C. et al. Novos olhares para a juventude: construindo caminhos. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 4, p. 863-870, 2015. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1297>. Acesso em: janeiro de 2020.
- AMANTINO, M. E eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. pp. 15-44.
- AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. *Corporeidade e Terapia Ocupacional*. 2017. 104p. Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica. Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.
- ANDRADE, M. Z. *Rebeldia pronta para o consumo: a construção da cultura juvenil no Brasil dos anos 1950-60*. 2016. 292f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321968>. Acesso em: janeiro de 2020.
- AZEVEDO, B. M. S.; CARVALHO, S. R. O diário de campo como ferramenta e dispositivo para o ensino, a gestão e a pesquisa. In: CARVALHO, S. R.; BARROS, M. E.; FERIGATO, S. (Orgs.). *Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade*. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 204-219.

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995, pp. 458-463.

BARRENECHEA, M. A. Nietzsche e o corpo: para além do materialismo e do idealismo. 2002, p. 177-188. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.) *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BARROS, D. D.; GALVANI, D. Terapia Ocupacional: social, cultural? Diversa e múltipla!. In: LOPES, E. R.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). *Terapia Ocupacional social: Desenho teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p. 83-116.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia Ocupacional Social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 13, n. 3, 2002, pp. 95-103. Disponível em: <http://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103>. Acesso em janeiro de 2020.

BRASIL. SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. *Guia de Políticas Públicas de Juventude*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República, 2006, 48p. Disponível em: <http://bibjuventude.ibict.br/jspui/bitstream/192/117/1/guiajuventude1.pdf>. Acesso em janeiro de 2020.

BRASIL. SENADO FEDERAL. *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em janeiro de 2020.

BRASIL. *O Programa: Praças CEUs*. 2014. Disponível em: http://estacao.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/28/2017/12/Reflexoes_PAC_da_Cultura_2014_texto_completo.pdf. Acesso em janeiro de 2020.

BRASIL. Congresso. Comissão Parlamentar de Inquérito. *Relatório Final: Assassinato de Jovens, Senador Lindbergh Farias*. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em janeiro de 2020.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos pagu*, n. 17/18, pp.157-196, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S010483332002000100007>. Acesso em janeiro 2020.

CAIRES, F. C. B. *Política pública de juventude: um estudo do Projovem urbano no município de Vitória da Conquista (BA)*. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2016/10/FLAVIA-CRISTINA-BATISTA-CAIRES.pdf>. Acesso em janeiro de 2020.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: CARNEIRO, S. (Org). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003^a

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, 2003b, pp. 117-132.

CARDINALLI, I. *Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. 2016. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8496>. Acesso em: janeiro de 2020.

CARROCHANO, M. C. et al. *Jovens e Trabalho no Brasil: Desigualdades e desafios para as Políticas Públicas*. São Paulo: Ação Educativa, Instituto Ibi, 2008, 88p. Disponível em: http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Jovens_trabalho_Brasil.pdf. Acesso em: janeiro de 2020.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: De CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. pp. 41-59.

CASTRO, E. D. et al. Ateliês de Corpo e Arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 22, n. 3, set./dez., 2011, p. 254-262. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/46431/50187>. Acesso em: janeiro de 2020.

CASSIMIRO, É. S. et al. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. *Μετάνοια*, São João Del-Rei, n.14, p. 61-79, 2012. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf. Acesso em: julho de 2019.

CÔRTEZ, C.; GONTIJO, D.; ALVES, H. Ações da Terapia Ocupacional para a prevenção da violência com adolescentes: relato de pesquisa. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, v. 22, n. 3, 2011, pp. 208-215. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p208-215>. Acesso em: janeiro de 2020.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista Labrys, Estudos Feministas*, Brasília, v. 7, 2005. Disponível em: <http://doi.org/10.22409/rg.v5i2.380>. Acesso em: janeiro de 2020.

COURTINE, J. J. O espelho da alma. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 4^a ed., 2012, p. 401-410.

CRENSHAW, K. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*,

University of Chicago Legal Forum, Iss. 1, Article 8, 1989, pp. 139-167. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: janeiro de 2020.

CRENSHAW, K. W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 2002, pp. 171-188. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

DAVIS, K. Intersectionality as buzzword: A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. *Feminist Theory*, vol. 9, n. 1, pp. 67–85, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240712458_Intersectionality_as_Buzzword_A_Sociology_of_Science_Perspective_on_What_Makes_a_Feminist_Theory_Successful. Acesso em: janeiro de 2020.

Du BOIS, W. E. B. *Almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Ed. Lacerda. 1999.

ESTEVEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. (Orgs.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007, pp. 21-56. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume27_juventude_outros_olhares_sobre_a_diversidade.pdf. Acesso em: janeiro de 2020.

FALQUET, J. *Breve resenha de algumas teorias lésbicas*. México: Fem-e-libros, 2013.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAURE, O. O olhar dos médicos. In: CORBAIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª Ed. 2012, p. 13-55.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”*. São Paulo: Ed. Globo, 5ª ed., v. 1, 2008.

FERREIRA, V. S. Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos. In PAIS, J. M.; BENDIT, R.; FERREIRA, V. S. (Org.), *Jovens e rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2011, p. 257-275. Disponível em: <http://vitorsergioferreira.net/wp-content/uploads/2014/12/2011-Dar-corpo-%C3%A0-juventude-Jovens-e-Rumos.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

FERREIRA, V. S. Caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens. In: FERREIRA, V. S. (Org.) *Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2017. Pp. 17 – 32.

FERRUFINO, A. H.; MIRANDA, V. L.; MORRISON, R.; YATES, G. M.; & SILVA, C. R. Transacionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, Rio de Janeiro, 3(1), 2019, p. 150-161. Disponível

em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/17010>. Acesso em: janeiro de 2020.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª ed. São Paulo : Global, 2003.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13ª ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

GALHEIGO, S. M. Repensando o lugar do social: a constituição de um campo de conhecimento em terapia ocupacional. In: *VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional*, Águas de Lindóia, 1999, p. 24.

GALHEIGO, S. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, v. 14, n. 3, 2003, p. 104-109. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>. Acesso em: janeiro de 2020.

GALHEIGO, S. M. Perspectiva crítica y compleja de terapia ocupacional: actividad, cotidiano, diversidade, justicia social y compromiso ético-político. *TOG (A Coruña)*, v. 9, monog. 5, 2012, p. 176-187. [Revista Online]. Disponível em: <http://www.revistatog.com/mono/num5/compromiso.pdf>. Acesso em: junho 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILROY, P. A crise da raça e da raciologia. In: *Entre Campos: nações, culturas e fascínio da raça*. São Paulo: Anablume, 2007. pp. 29-76.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, mai./jun./ago., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em: janeiro 2020.

GOMES, N. L.; LABORNE, A. A. P. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.34, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698197406>. Acesso em: janeiro de 2020.

GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, Pensar e Agir: Corporeidade e educação*. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

GONZALES, L. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRAÇAS, E. M. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 4, n. 1, jan./dez., 2000, pp. 28-33. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/826>. Acesso em julho de 2019.

GRUPO GAY DA BAHIA. *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil*. Relatório 2018. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

GUAJARDO, A. C. Enfoque e práxis en terapia ocupacional: reflexiones desde una perspectiva de la terapia ocupacional crítica. *TOG (A Coruña)*, n. 5, 2012, p. 25-40. Disponível em: <http://www.revistatog.com/mono/num5/prologo.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

GUAJARDO, A. C.; KRONENBERG, F.; RAMUGONDO, E. Southern Occupational Therapies: Emerging Identities, Epistemologies and Practices. *South African Journal of Occupational Therapy*, Pretoria, v. 45, n. 1, pp. 3-9, 2015. Disponível em: <http://Dx.Doi.Org/10.17159/2310-3833/2015/V45no1a2>. Acesso em: janeiro de 2020.

GUERRA NETO, A. Corpo e sofrimento: Buda, Dionísio, Nietzsche. 2002, p. 13-35. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.) *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HOOKS, b. *Ain't I a Woman: black women and feminism*. Boston: South end Press, 1981.

HOOKS, b. *Feminist theory from margin to center*. Boston: South end Press, 1984.

HOOKS, b. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília, janeiro – abril, 2015, pp. 193-210. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: janeiro de 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/potal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784. Acesso em: janeiro de 2020.

LIMA, E. M. F. de A. et al. PACTO Adolescentes: arte e corpo. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 157-163, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14071>. Acesso em: janeiro de 2020.

LOPES, R. E. et al. O vídeo como elemento comunicativo no trabalho. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 10, n. 1, pp. 61-67, 2002.

LOPES, E. R. et al. Juventude Pobre, Violência e Cidadania. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.17, n.3, p.63-76, 2008.

LORDE, A. *Sister Outsider*. New York: Crossing Press, 1989.

LOURAU, R. Processamento de texto. In: ALTOÉ, S. (Org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 199-211.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed., 2011.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 14ª ed., 2014, 407p.

MONZELI, G. A.; FERREIRA, V. S.; LOPES, R. E. Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 3, 2015, p. 451-462. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0518>. Acesso em: janeiro de 2020.

MOREIRA, V. O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, 2004, p.447-456. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a16v17n3.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falava Zarathustra*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, V. M. *Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás*. 2006. 121f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2016. Disponível em: <http://pos-sociologia.cienciassociais.ufg.br/up/109/o/Vanilda.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

ORLANDI, L. B. L. Corporeidades em minidesfile. *Unimontes Pontífica*, v. 6, n.1, 2004, p. 43-59. Disponível em: www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/corporeidade_minidesfiles.pdf. Acesso em julho de 2019.

OYĚWÙMÍ, O. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. CODESRIA Gender Series, Dakar, CODESRIA, v. 1, p. 1-8, 2004. Disponível em: <https://www.codesria.org/IMG/pdf/OYEWUMI.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Sociológica*, v. 25, n. 105-106, 1990. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/25293257/752731297/name/texto+pais+100.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

PAIVA, E. F. Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamento de gentes, trânsito de imagens. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. pp. 69-106.

PALACIOS TOLVETT, M. Reflexiones sobre las prácticas comunitarias: aproximación a una Terapia Ocupacional del Sur. *Revista Ocupación Humana*, v. 17, n. 1, 2017, pp. 73-88. Disponível em: <https://doi.org/10.25214/25907816.157>. Acesso em: janeiro de 2020.

PEREIRA, P. E.; BARDI, G.; MALFITANO, A. P. S. Juventude, drogas e a desconstrução de paradigmas estabelecidos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 49-60, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.029>. Acesso em: janeiro de 2020.

PINO MORÁN, J. A., CEBALLOS, M., SEPÚLVEDA, R. Terapia Ocupacional comunitaria crítica. Diálogos y reflexiones para iniciar una propuesta colectiva. *TOG (A Coruña)*, v. 12, n. 22, 2015. Disponível em: <http://www.revistatog.com/num22/pdfs/colab3.pdf>. Acesso em: janeiro de 2020.

PINO MORÁN, J.; ULLOA, F. Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporânea. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 421-427, 2016. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/1385/737>. Acesso em: junho 2019.

PRECIADO, B. Manifesto contrassexual. São Paulo: N-1 Edições, 2004.

QUEIROZ, J. V.; GONÇALVES, L. A.; KRÜGER, G. N. Análise do grau de escolaridade das mulheres no Brasil. In: *Anais do 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13º Women's Worlds Congress*, Florianópolis, 2017.

RABINOW, Paul. *Essays on the anthropology of reason*. Princeton: Princeton University Press, 1996. 190 p.

RAMOS, P. C. “*Contrariando a estatística*”: a tematização dos homicídios pelos jovens negros no Brasil. 199f. (Dissertação Mestrado). Departamento de Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7102/DissPCR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: janeiro 2020.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras, 2ª Ed., 2015.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: Companhia de Letras, 2018.

ROLNIK, R. Territórios negros nas cidades brasileiras: Etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro, *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 17, Rio de Janeiro, 1989, p. 29-41.

ROMERA, L. A. Lazer e festas: Estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, 2014, pp. 95-102. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.033>. Acesso em: janeiro de 2020.

ROSA, C. S. *A interseccionalidade e suas contribuições para a compreensão do encarceramento de mulheres negras*. 2018. 181f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

SAITO, C. M.; CASTRO, E. D. Práticas corporais como potência da vida. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 19, n. 2, 2011, p. 177-188. Disponível em:

<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/460/325>. Acesso em: janeiro 2020.

SÃO CARLOS. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (SMHDU). *Mapas: Loteamentos: Cidade: Distritos*. 2005. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/habitacao-morar/154835-mapas-loteamentos-cidade-distritos.html>. Acesso em: janeiro de 2020.

SARACENO, B. A cidadania como forma de tolerância. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 22, n. 2, maio/ago. 2011, p. 93-101. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14126/15944>. Acesso em: janeiro de 2020.

SIMÓ ALGADO, S. Una definición de Terapia Ocupacional desde un paradigma crítico. In.: SIMÓ ALGADO, S., GUAJARDO, A. C., OLIVER, F. C.; GALHEIGO, S. M. (Eds). *Terapias ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación*. Santiago: Ed. USACH, 2016. pp. 173-188.

SILVA, C. A. F. O transcendental encarnado: Merleau-Ponty e a Nouvelle Ontologie. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 52, n. 123, 159-176, 2011a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2011000100009. Acesso em: janeiro de 2020.

SILVA, C. R. *Percursos juvenis e trajetórias escolares: vidas que se tecem nas periferias das cidades*. 2011. 333f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2011.

SILVA, M. J.; OLIVEIRA, M. L.; MALFITANO, A. P. S. O uso do espaço público da praça: considerações sobre a atuação do terapeuta ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 27, n. 2, p 438-447, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1746>. Acesso em: janeiro de 2020.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 17, n.2, p 87-106, Jul-Dez., 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/100/65>. Acesso em: janeiro de 2020.

SILVA, C. R. et al. La terapia ocupacional y la cultura: miradas a la transformación social. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, v. 17, n. 1, 2017, pp. 105-113. Disponível em: <http://doi.org/10.5354/0719-5346.2017.46383>. Acesso em: janeiro de 2020.

SILVESTRINI, M. S.; SILVA, C. R.; ALMEIDA PRADO, A. C. S. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 27, n. 4, 2019, pp. 929-940. Disponível em: <http://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>. Acesso em: janeiro de 2020.

SOARES, L. B. T. *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho? Retrospectiva histórica da profissão no Estado Brasileiro de 1950 a 1980*. Editora Hucitec: 1991.

SOUZA, R. M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, v. 1, n. 1, 2009. pp. 1- 28. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n1p%25p>. Acesso em: janeiro de 2020.

SPOSITO, M. P. Espaços públicos e tempos juvenis. In: SPOSITO, M. P. *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global Editora, FAPESP, 2007. Pp. 04 – 52.

SPOSITO, M. P. Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. *Educação e Realidade*, v. 33, n. 2, jul./dez., 2008. Pp. 83-98. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/7065>. Acesso em: janeiro de 2020.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação* [online], n. 24, set./dez, 2003. Pp 16 – 39. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300003>. Acesso em: janeiro de 2020.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Jovens (en)cena: arte, cultura e território. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 25-37, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0667>. Acesso em: janeiro 2020.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. *Fractal, Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 31, n. esp, dez./ jan., 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29028. Acesso em: janeiro 2020.

TAVARES, B. Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco. *Soc. e Cult.*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v15i1.20683>. Acesso em: janeiro de 2020.

VALDERRAMA NÚÑEZ, C. M. South occupational therapies: a proposal for its understanding. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 27, n. 3, 2019, pp. 671-680. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoarf1859>. Acesso em: janeiro de 2020.

ZAGO, F. C.; BREDARIOL, A. C. P.; MESQUITA, D. P. A aplicação da terapia comunitária na intervenção com adolescentes: novas estratégias de prevenção e promoção. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, 2013, pp. 361-371. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.037>. Acesso em: janeiro de 2020.

ZANGO MARTÍN, I. *Terapia ocupacional desde una perspectiva intercultural: Análisis de las asunciones teóricas básicas*. 2015. (Tesis Doctoral). Centro de Estudios Socio-Sanitarios, Departamento de Enfermería y Fisioterapia, Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha, 2015. Disponível em: <https://ruidera.uclm.es/xmlui/handle/10578/7735>. Acesso em: janeiro de 2020.

ZERNER, H. O olhar dos artistas. In: CORBIN, A., COURTINE, J. J., VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis, RJ: Vozes. 4ª Ed. 2012, p. 101-139.

WADE, P. Raça e etnia na era da ciência genética. In: HITA, M. G. (Ed.). *Raça, racismo e genética em debates científicos e controvérsias sociais*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. 2017. pp. 81-102.

WASELFISZ, J. J. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez Editora, UNESCO, 1998. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/juventude_violencia_cidadania.pdf. Acesso em: janeiro 2020.

10. APÊNDICES

10.1. Apêndice I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

Você está sendo convidada(o) para participar da pesquisa de mestrado intitulada “*Corporeidades e Juventudes: possibilidades potentes numa perspectiva em Terapia Ocupacional*”, a ser realizada no Centro de Artes e Esportes Unificados Emílio Manzano (CEU das Artes), localizado no bairro São Carlos 8, no município de São Carlos-SP.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as práticas corporais e corporeidades de jovens e suas sociabilidades cotidianas na periferia, a partir de proposições teórico-prática em Terapia Ocupacional sensível e crítica e da análise fenomenológica, visando promover práticas que evidenciem as potencialidades dessas juventudes.

Você foi convidada(o) para participar por residir no bairro São Carlos 8, nas proximidades do CEU das Artes e ter idade entre 15 e 25 anos. Sua participação é voluntária e você pode desistir de participar a qualquer momento e retirar o seu consentimento. A sua recusa não trará nenhum prejuízo para você, para a sua relação com a pesquisadora ou com a instituição onde será realizada esta pesquisa.

Serão realizados oito encontros pelo período de aproximadamente seis meses, que acontecerão nas dependências do CEU das Artes, com o intuito de realizar atividades artísticas, culturais e corporais como disparadores para debater temáticas significativas para os participantes. Você será bem-vindo(a) em todos os encontros, mas não terá qualquer obrigatoriedade em participar de todos. Podendo estar em qualquer encontro e duração dos mesmos, por livre e espontânea vontade.

Prevê-se que as oficinas tenham duração de 2 horas e tenha no máximo 25 participantes. As oficinas serão estruturadas da seguinte forma:

1. Chegada: dinâmicas de apresentação, aquecimento, reconhecimento do espaço, integração entre o grupo e conexão com o próprio corpo, jogos teatrais, jogos de aquecimento corporal (aproximadamente, 15 minutos).
2. Oficina propriamente dita: Espaço para estimular a criatividade, aprendizagem de técnicas de expressão corporal e experimentação do corpo. O corpo como instrumento de comunicação, expressão e criação, que permita emergir histórias

vida, gestos, símbolos, reflexões, sentimentos, emoções, e que se crie possibilidades de enfrentamento de situações adversas (aproximadamente, 60 minutos).

3. Momentos de improviso: Espaço reservado para que os jovens possam propor atividades e criar livremente. É o momento de dar voz as subjetividades e possibilitar a expressão de cada um, contribuindo para a formação identitária dos jovens (aproximadamente, 30 minutos).
4. Escuta e trocas: Encerramento da oficina, com roda de conversa para trocas de experiências e devolutiva sobre as atividades realizadas. Momento reservado também para que possam emergir sentimentos e emoções por meio da fala. Este espaço também servirá para produzir dados discursivos sobre as expressões juvenis (aproximadamente, 15 minutos).

Os encontros poderão ser fotografados, audiogravados ou filmados a depender das propostas que forem emergindo a partir dos acontecimentos das oficinas.

Você também poderá ser convidado para participar de uma entrevista semiestruturada com a pesquisadora, que será audiogravada e transcrita, com o intuito de dar voz e visibilidade aos jovens. Essa entrevista será realizada em um local a ser combinado com a pesquisadora, visando o conforto e segurança do participante para expressar e compartilhar situações pessoais de suas experiências de vida. O tempo mínimo de duração da entrevista é de 30 minutos, e poderá se estender a medida que o participante necessitar de tempo para compartilhar fatos, histórias, acontecimentos, sentimentos, que sejam pertinentes.

O intuito da entrevista é: traçar o perfil dos jovens, em âmbito socioeconômico, educacional e relacional; mapear atividades cotidianas; compreender as expressões corporais na relação com as atividades cotidianas, tratar de outras temáticas que forem levantadas pelo participante.

Embora os encontros não apresentem riscos graves para os participantes, eles poderão gerar situações de desconforto ou angústia para os jovens ao lidar com questões referentes ao cotidiano e às experiências vividas por eles, no entanto, as pesquisadoras se responsabilizam pelos cuidados e acolhimento dessas questões à medida que forem possíveis e, ainda, oferecer os devidos encaminhamentos para os seguimentos adequados, caso se façam necessários.

Em alguns encontros, serão realizadas atividades que demandarão esforço físico de pequeno esforço (como dança e teatro). Todas as atividades serão realizadas de comum acordo com os participantes que não devem ter nenhuma obrigação de executá-las. Podendo, inclusive, escolher em quais atividades e propostas gostaria de participar ou

não. Se a atividade oferecer qualquer risco físico, emocional ou de qualquer outro tipo para os participantes será interrompida, responsabilizando-se as pesquisadoras por oferecer os devidos cuidados e encaminhamentos se fizerem necessários.

Os jovens convidados a participar, não terão que arcar com nenhum custo referente a realização das oficinas ou dos materiais.

As pesquisadoras se comprometem a manter a identidade dos jovens em anonimato, garantindo confidencialidade e privacidade dos dados, bem como cumprir com os preceitos éticos em pesquisas com seres humanos, encaminhando o projeto para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Os jovens serão convidados a escolherem como preferem que sejam identificados, como utilizando nomes fictícios, pseudônimos ou iniciais.

Como benefício, este trabalho poderá contribuir para compreensão dos jovens na percepção do próprio corpo, no reconhecimento de suas potencialidades, nas relações com outros jovens e na reflexão sobre como as atividades corporais podem contribuir para as questões e demandas cotidianas referentes às juventudes, assim como, para a qualificação de propostas relacionadas à expressão corporal com a juventude que exerce seus cotidianos nas periferias.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelas pesquisadoras, onde constará o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar quaisquer dúvidas sobre o projeto ou sobre a sua participação em qualquer momento da realização desta pesquisa.

Fui informado pela pesquisadora que esta pesquisa passou por aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luís, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos, SP – Brasil, telefone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos da minha participação nesta pesquisa e concordo em participar.

Nome	da(o)	Participante:
------	-------	---------------

Assinatura da(o) participante

São Carlos, __ de _____ de 2018.

10.2. Apêndice II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

(Resolução 466/2012 do CNS)

O menor de idade _____, cujo senhor (a) encontra-se como responsável legal, está sendo convidada(o) para participar da pesquisa de mestrado intitulada “*Corporeidades e Juventudes: possibilidades potentes numa perspectiva em Terapia Ocupacional*”, a ser realizada no Centro de Artes e Esportes Unificados Emílio Manzano (CEU das Artes), localizado no bairro São Carlos 8, no município de São Carlos-SP.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as práticas corporais e corporeidades de jovens e suas sociabilidades cotidianas na periferia, a partir de proposições teórico-prática em Terapia Ocupacional sensível e crítica e da análise fenomenológica, visando promover práticas que evidenciem as potencialidades dessas juventudes.

O jovem foi convidada(o) para participar por residir no bairro São Carlos 8, nas proximidades do CEU das Artes e ter idade entre 15 e 25 anos. A participação dele(a) é voluntária e ele(a) poderá desistir de participar a qualquer momento e retirar o seu consentimento. A sua recusa não trará nenhum prejuízo para você, para ele(a), para a sua relação com a pesquisadora ou com a instituição onde será realizada esta pesquisa.

Serão realizados oito encontros pelo período de aproximadamente seis meses, que acontecerão nas dependências do CEU das Artes, com o intuito de realizar atividades artísticas, culturais e corporais como disparadores para debater temáticas significativas para os participantes. Ele(a) será bem-vindo(a) em todos os encontros, mas não terá qualquer obrigatoriedade em participar de todos. Podendo estar em qualquer encontro e duração dos mesmos, por livre e espontânea vontade.

Prevê-se que as oficinas tenham duração de 2 horas e tenha no máximo 25 participantes. As oficinas serão estruturadas da seguinte forma:

5. Chegada: dinâmicas de apresentação, aquecimento, reconhecimento do espaço, integração entre o grupo e conexão com o próprio corpo, jogos teatrais, jogos de aquecimento corporal (aproximadamente, 15 minutos).
6. Oficina propriamente dita: Espaço para estimular a criatividade, aprendizagem de técnicas de expressão corporal e experimentação do corpo. O corpo como

instrumento de comunicação, expressão e criação, que permita emergir histórias vida, gestos, símbolos, reflexões, sentimentos, emoções, e que se crie possibilidades de enfrentamento de situações adversas (aproximadamente, 60 minutos).

7. Momentos de improviso: Espaço reservado para que os jovens possam propor atividades e criar livremente. É o momento de dar voz as subjetividades e possibilitar a expressão de cada um, contribuindo para a formação identitária dos jovens (aproximadamente, 30 minutos).
8. Escuta e trocas: Encerramento da oficina, com roda de conversa para trocas de experiências e devolutiva sobre as atividades realizadas. Momento reservado também para que possam emergir sentimentos e emoções por meio da fala. Este espaço também servirá para produzir dados discursivos sobre as expressões juvenis (aproximadamente, 15 minutos).

Os encontros poderão ser fotografados, audiogravados ou filmados a depender das propostas que forem emergindo a partir dos acontecimentos das oficinas.

Ele(a) também poderá ser convidado para participar de uma entrevista semiestruturada com a pesquisadora, que será audiogravada e transcrita, com o intuito de dar voz e visibilidade aos jovens. Essa entrevista será realizada em um local a ser combinado com a pesquisadora, visando o conforto e segurança do participante para expressar e compartilhar situações pessoais de suas experiências de vida. O tempo mínimo de duração da entrevista é de 30 minutos, e poderá se estender a medida que o participante necessitar de tempo para compartilhar fatos, histórias, acontecimentos, sentimentos, que sejam pertinentes.

O intuito da entrevista é: traçar o perfil dos jovens, em âmbito socioeconômico, educacional e relacional; mapear atividades cotidianas; compreender as expressões corporais na relação com as atividades cotidianas, tratar de outras temáticas que forem levantadas pelo participante.

Embora os encontros não apresentem riscos graves para os participantes, eles poderão gerar situações de desconforto ou angústia para os jovens ao lidar com questões referentes ao cotidiano e às experiências vividas por eles, no entanto, as pesquisadoras se responsabilizam pelos cuidados e acolhimento dessas questões à medida que forem possíveis e, ainda, oferecer os devidos encaminhamentos para os seguimentos adequados, caso se façam necessários.

Em alguns encontros, serão realizadas atividades que demandarão esforço físico de pequeno esforço (como dança e teatro). Todas as atividades serão realizadas de comum acordo com os participantes que não devem ter nenhuma obrigação de executá-las. Podendo, inclusive, escolher em quais atividades e propostas gostaria de participar ou

não. Se a atividade oferecer qualquer risco físico, emocional ou de qualquer outro tipo para os participantes será interrompida, responsabilizando-se as pesquisadoras por oferecer os devidos cuidados e encaminhamentos se fizerem necessários.

Os jovens convidados a participar, não terão que arcar com nenhum custo referente à realização das oficinas ou dos materiais.

As pesquisadoras se comprometem a manter a identidade dos jovens em anonimato, garantindo confidencialidade e privacidade dos dados, bem como cumprir com os preceitos éticos em pesquisas com seres humanos, encaminhando o projeto para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Os jovens serão convidados a escolherem como preferem que sejam identificados, como utilizando nomes fictícios, pseudônimos ou iniciais.

Como benefício, este trabalho poderá contribuir para compreensão dos jovens na percepção do próprio corpo, no reconhecimento de suas potencialidades, nas relações com outros jovens e na reflexão sobre como as atividades corporais podem contribuir para as questões e demandas cotidianas referentes às juventudes, assim como, para a qualificação de propostas relacionadas à expressão corporal com a juventude que exerce seus cotidianos nas periferias.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelas pesquisadoras, onde constará o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar quaisquer dúvidas sobre o projeto ou sobre a sua participação em qualquer momento da realização desta pesquisa.

Fui informado pela pesquisadora que esta pesquisa passou por aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luís, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos, SP – Brasil, telefone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos da participação do menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa e concordo com a participação dele(a).

Nome	da	(o)	Participante:
RG	da	(o)	Participante:
Nome	da	(o)	Responsável legal:
RG	da	(o)	Responsável:

Assinatura da(o) responsável

São Carlos, __ de _____ de 2018.

10.3. Apêndice III

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

(Resolução 466/2012 do CNS)

Você está sendo convidada(o) para participar da pesquisa de mestrado intitulada “*Corporeidades e Juventudes: possibilidades potentes numa perspectiva em Terapia Ocupacional*”, a ser realizada no Centro de Artes e Esportes Unificados Emílio Manzano (CEU das Artes), localizado no bairro São Carlos 8, no município de São Carlos-SP.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as práticas corporais e corporeidades de jovens e suas sociabilidades cotidianas na periferia, a partir de proposições teórico-prática em Terapia Ocupacional sensível e crítica e da análise fenomenológica, visando promover práticas que evidenciem as potencialidades dessas juventudes.

Você foi convidada(o) para participar por residir no bairro São Carlos 8, nas proximidades do CEU das Artes e ter idade entre 15 e 25 anos. Sua participação é voluntária e você pode desistir de participar a qualquer momento e retirar o seu consentimento. A sua recusa não trará nenhum prejuízo para você, para a sua relação com a pesquisadora ou com a instituição onde será realizada esta pesquisa.

Serão realizados oito encontros pelo período de aproximadamente seis meses, que acontecerão nas dependências do CEU das Artes, com o intuito de realizar atividades artísticas, culturais e corporais como disparadores para debater temáticas significativas para os participantes. Você será bem-vindo(a) em todos os encontros, mas não terá qualquer obrigatoriedade em participar de todos. Podendo estar em qualquer encontro e duração dos mesmos, por livre e espontânea vontade.

Prevê-se que as oficinas tenham duração de 2 horas e tenha no máximo 25 participantes. As oficinas serão estruturadas da seguinte forma:

9. Chegada: dinâmicas de apresentação, aquecimento, reconhecimento do espaço, integração entre o grupo e conexão com o próprio corpo, jogos teatrais, jogos de aquecimento corporal (aproximadamente, 15 minutos).
10. Oficina propriamente dita: Espaço para estimular a criatividade, aprendizagem de técnicas de expressão corporal e experimentação do corpo. O corpo como instrumento de comunicação, expressão e criação, que permita emergir histórias vida, gestos, símbolos, reflexões, sentimentos, emoções, e que se crie possibilidades de enfrentamento de situações adversas (aproximadamente, 60 minutos).

11. Momentos de improviso: Espaço reservado para que os jovens possam propor atividades e criar livremente. É o momento de dar voz as subjetividades e possibilitar a expressão de cada um, contribuindo para a formação identitária dos jovens (aproximadamente, 30 minutos).
12. Escuta e trocas: Encerramento da oficina, com roda de conversa para trocas de experiências e devolutiva sobre as atividades realizadas. Momento reservado também para que possam emergir sentimentos e emoções por meio da fala. Este espaço também servirá para produzir dados discursivos sobre as expressões juvenis (aproximadamente, 15 minutos).

Os encontros poderão ser fotografados, audiogravados ou filmados a depender das propostas que forem emergindo a partir dos acontecimentos das oficinas.

Você também poderá ser convidado para participar de uma entrevista semiestruturada com a pesquisadora, que será audiogravada e transcrita, com o intuito de dar voz e visibilidade aos jovens. Essa entrevista será realizada em um local a ser combinado com a pesquisadora, visando o conforto e segurança do participante para expressar e compartilhar situações pessoais de suas experiências de vida. O tempo mínimo de duração da entrevista é de 30 minutos, e poderá se estender a medida que o participante necessitar de tempo para compartilhar fatos, histórias, acontecimentos, sentimentos, que sejam pertinentes.

O intuito da entrevista é: traçar o perfil dos jovens, em âmbito socioeconômico, educacional e relacional; mapear atividades cotidianas; compreender as expressões corporais na relação com as atividades cotidianas, tratar de outras temáticas que forem levantadas pelo participante.

Embora os encontros não apresentem riscos graves para os participantes, eles poderão gerar situações de desconforto ou angústia para os jovens ao lidar com questões referentes ao cotidiano e às experiências vividas por eles, no entanto, as pesquisadoras se responsabilizam pelos cuidados e acolhimento dessas questões à medida que forem possíveis e, ainda, oferecer os devidos encaminhamentos para os seguimentos adequados, caso se façam necessários.

Em alguns encontros, serão realizadas atividades que demandarão esforço físico de pequeno esforço (como dança e teatro). Todas as atividades serão realizadas de comum acordo com os participantes que não devem ter nenhuma obrigação de executá-las. Podendo, inclusive, escolher em quais atividades e propostas gostaria de participar ou não. Se a atividade oferecer qualquer risco físico, emocional ou de qualquer outro tipo

para os participantes será interrompida, responsabilizando-se as pesquisadoras por oferecer os devidos cuidados e encaminhamentos se fizerem necessários.

Os jovens convidados a participar, não terão que arcar com nenhum custo referente a realização das oficinas ou dos materiais.

As pesquisadoras se comprometem a manter a identidade dos jovens em anonimato, garantindo confidencialidade e privacidade dos dados, bem como cumprir com os preceitos éticos em pesquisas com seres humanos, encaminhando o projeto para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Os jovens serão convidados a escolherem como preferem que sejam identificados, como utilizando nomes fictícios, pseudônimos ou iniciais.

Como benefício, este trabalho poderá contribuir para compreensão dos jovens na percepção do próprio corpo, no reconhecimento de suas potencialidades, nas relações com outros jovens e na reflexão sobre como as atividades corporais podem contribuir para as questões e demandas cotidianas referentes às juventudes, assim como, para a qualificação de propostas relacionadas à expressão corporal com a juventude que exerce seus cotidianos nas periferias.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelas pesquisadoras, onde constará o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar quaisquer dúvidas sobre o projeto ou sobre a sua participação em qualquer momento da realização desta pesquisa.

Fui informado pela pesquisadora que esta pesquisa passou por aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luís, Km. 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565-905 – São Carlos, SP – Brasil, telefone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos da minha participação nesta pesquisa e concordo em participar.

Nome	da(o)	Participante:
------	-------	---------------

RG da(o) Participante:

Assinatura da(o) participante

São Carlos, __ de _____ de 2018.

10.4. Apêndice IV



Possibilidades potentes numa perspectiva em Terapia Ocupacional

DADOS PESSOAIS

Nome:	
Idade:	Raça/Cor:
Gênero:	Orientação Sexual:
Crença/Religião/Práticas espirituais:	
Escolaridade:	
Trabalho/Função/Profissão:	
Endereço:	
Telefone para contato:	
E-mail:	
Facebook:	
Renda Média Familiar:	
Quantas pessoas moram com você?	

Qual/quais oficina(s) você pratica no CEU das Artes?

Há quanto tempo você pratica cada oficina?

Você conhece alguém para indicar para responder este questionário?

Gostaríamos de te convidar para participar de outros momentos de entrevistas e oficinas, que poderão ser individuais ou em grupo, para produzirmos juntos outros materiais artísticos, culturais e corporais. Você aceita?

São Carlos, ____ de _____ de _____.

Assinatura

Agradecemos a sua colaboração
até aqui!!!

10.5. Apêndice V

MAPEANDO O COTIDIANO

Nas questões abaixo, a intenção é fazer um mapeamento das suas atividades cotidianas com enfoque nas atividades que você considera que tem o corpo como principal recurso. Ou seja, atividades, individuais ou coletivas, que a principal forma de ação vem do corpo ou partes dele, podendo ser práticas esportivas, culturais, artísticas, religiosas ou espirituais, relacionadas à sexualidade, relacionadas ao seu convívio com pessoas e grupos diferentes, atividades de lazer e de descanso, ou quaisquer outras atividades do seu dia-a-dia.

Nome da Atividade:			
Com quem realiza:	Só	()	()
	Grupo	()	()
	Depende de alguém para realizar?		
Frequência: responda quantas vezes você pratica de acordo com o que melhor se encaixar	Na semana		
	No mês		
Você gosta de realizar essa atividade	Muito	()	()
	Pouco	()	()
	Não Gosto	()	()
Apreciação da atividade	Você consegue descrever emoções ou sentimentos ao praticá-la?		
	Existem dificuldades, desafios para realização desta atividade? Quais?		

	Como você vê a importância desta atividade para sua vida?		
	Como você acha que essa atividade influencia em quem você é?		
	Você acredita que praticar essa atividade muda a forma como outras pessoas olham para você? Se sim, como as pessoas te olham?		